

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**GILMAR LEITE FERREIRA**

**O SERTÃO EDUCA**

**NATAL/RN**

**2013**

**GILMAR LEITE FERREIRA**

**O SERTÃO EDUCA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial para obtenção do título de Doutor.

**NATAL  
2013**

## **GILMAR LEITE FERREIRA**

### **O SERTÃO EDUCA**

Data da defesa: 04/02/2013

15h00min

### **BANCA EXAMINADORA**

Dr. Terezinha Petrucia da Nóbrega – Presidente da Banca (UFRN)

---

Dr. Carmem Lúcia Soares (UNICAMP): Examinadora Externa

---

Dr. Maria Conceição de Almeida (UFRN): Examinadora Interna

---

Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha (UFPB): Examinador Externo

---

Dr. Walter Pinheiro Barbosa Junior (UFRN): Examinador Interno

---

Dr. Ricardo de Figueiredo Lucena (UFPB): Examinador Suplente Externo

---

Dr. Karerine de Oliveira Porpino (UFRN): Examinadora Suplente Interna

---

**Natal**

**2013**

Dedico este trabalho ao saudoso Betinho (José Umberto): irmão/pai, amigo, arrimo de família, incentivador, amante do estudo, violonista, cantor, boêmio e promotor de justiça, que ainda na florada da vida nos deixou as flores da simplicidade, do ensinamento e da sensibilidade musical para nossa alma. Tenho certeza de que seu espírito está embevecido de felicidade e orgulho pela conquista deste trabalho realizado.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha orientadora, Drª Terezinha Petrucia da Nóbrega, pela jornada de orientação desde a época do mestrado. Durante todo esse percurso, ela foi de fundamental importância na construção das pesquisas realizadas. O presente trabalho nasceu da sua abertura sensível em saber que poderíamos fazer uma pesquisa desafiadora, por tratar de um tema tão complexo e repleto de adversidades. Mas seu espírito de buscar novos caminhos para a compreensão do homem no mundo inspirou e aumentou meu entusiasmo para penetrar no sertão profundo. Por isso o conhecimento que Petrucia tem a respeito da filosofia de Merleau-Ponty, oferecido de maneira generosa e atenta, fez-me ficar mais apropriado para poder pensar e compreender o sertão como um lugar que educa.

Agradeço à poetisa Rachel Rabelo pelas tantas e tantas vezes em que ficou atenta para ouvir meus relatos diários sobre a longa jornada da pesquisa, ouvindo minhas alegrias, angústias, dúvidas e certeza do trabalho a ser realizado. Agradeço também pela ajuda na transcrição de algumas das conversas com os sertanejos. No momento carnal, espiritual e intelectual de uma pesquisa, é muito importante ter alguém ao lado para compartilhar o que se está pesquisando. Por isso a companheira pernambucana, com raízes poéticas e familiares no sertão do Pajeú, foi um abraço sertanejo de fundamental importância para a realização da tese.

Agradeço ao amigo de infância, Marcos de Brito, pelo carinho, atenção e entusiasmo para a realização desta pesquisa. O afetuoso amigo foi quem mapeou a grande maioria dos sítios e indicou os (as) sertanejos (as) mais relevantes para nossa conversa a respeito do sertão. Sua grande convivência com os sertanejos foi o norte para que ele escolhesse quais seriam as pessoas mais indicadas para nossa conversa a respeito do sertão. Ele não foi apenas uma pessoa que indicou lugares e sertanejos. Em todas as viagens pelos sítios, comunidades e cidades do sertão, Marcos de Brito se fez presente, apresentando de maneira generosa minha pessoa, participando da conversa com os sertanejos e compartilhando das ideias com sugestões pertinentes.

Agradeço aos (às) sertanejos (as) com que estive conversando sobre o sertão. A generosidade em me receber, oferecer almoço e café, de permitir a gravação em áudio e de serem fotografados, deixou-me profundamente emocionado em dividir com eles (as) momentos de significante importância. Na minha alma aumentou o

universo da admiração e respeito ao povo do sertão. O abraço aberto dos (as) sertanejos(as) do Cariri paraibano e do Pajeú pernambucano foi um bálsamo de afetividade para nossas conversas. Este trabalho ganhou uma dimensão fenomenológica a partir dos relatos de vida dos sertanejos, expressando de maneira simples e humilde a relação com a natureza e relatando de forma encantadora a experiência vivida no sertão.

Agradeço ao Grupo GEPEC (UFRN), mais especificamente à Linha de Pesquisa Filosofias do Corpo e Cultura de Movimento, pelos momentos de compartilhamento de ideias, de discussão acadêmica, de sugestões pertinentes, das reuniões de estudos, das viagens para eventos acadêmicos e pelo afeto generoso a minha pessoa. Nenhuma pesquisa se faz na solidão dos estudos, de forma solitária. Por isso este trabalho foi feito na coletividade com os (as) amigos (as) de estudos do Laboratório VER, do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Agradeço ao Grupo Sertão, Educação e Práticas Culturais (SERTANIA) da UFRN, pela convivência, troca de ideias, participação de eventos, estudo das obras literárias sobre o sertão, sugestões para a tese, viagens pelos sertões de Alagoas (Quilombo dos Palmares) Bahia (Canudos) e Rio Grande do Norte (Museu do Sertão, Mossoró), buscando comigo uma compreensão vivencial e epistemológica sobre o sertão nordestino. Nossos momentos de estudos e vivência foram de grande importância para que, de forma coletiva, eu pudesse caminhar de maneira compartilhada para a realização da tese.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Norte pela abertura das suas portas a minha pessoa. O acolhimento ao espírito inovador, a pesquisa com originalidade e a atenção carinhosa às pessoas de alma sensível fizeram-me acreditar que poderíamos fazer um trabalho dialogando de forma poética os saberes da filosofia, da literatura e da educação, propondo de maneira sensível uma epistemologia fundamentada no conhecimento sensível.

Agradeço à Capes/CNPq pela Bolsa de Estudo durante quase todo o doutorado. Sem o incentivo financeiro do Governo Federal, ficaria muito difícil a realização da pesquisa, devido às várias viagens ao sertão do Pajeú pernambucano e Cariri paraibano, à compra de livros, equipamentos de fotografia e filmagem e à possibilidade de participar de eventos acadêmicos no Rio Grande do Norte e em outros estados.

## **RESUMO**

Para construção desta tese, refletimos a respeito do sertão como um lugar que educa. Fundamentado na filosofia da Natureza de Merleau-Ponty, em alguns livros da literatura sertaneja, na obra do poeta Cancão (João Batista de Siqueira), nas orientações, nas conversas com os sertanejos do Cariri paraibano e do Pajeú pernambucano, foi possível pensar e compreender a educação emergida pela relação do homem do sertão com a natureza e a poesia. No campo da reflexão epistemológica, compreendemos que a educação da vida pode ser um caminho para a compreensão do homem, aprendendo por meio das relações e, com isso, construindo um conhecimento compartilhado e experimentado no dia a dia para novas aprendizagens. Envolvido com o fenômeno sertão, a atitude fenomenológica foi de fundamental importância para podermos trilhar nas veredas da pesquisa, sempre tendo cuidado para não haver uma acomodação diante do fenômeno investigado, mas sim, um afastamento para criação de horizontes de sentidos, dando outras significações para uma melhor aproximação. Foi possível compreender que a educação se faz da experiência vivida dos sertanejos com a natureza e a poesia. Essa concepção fenomenológica revela que a educação do sertão emerge do mundo vivido do sertanejo, por meio do contato sensível com outros animais, plantas e poesia. É uma educação corpórea, porque acontece no universo da sensibilidade e abre o campo da existência humana, interligada com os seres animados e inanimados do sertão.

**PALAVRAS-CHAVES:** Educação; Sertão; Natureza; Poesia.

## **ABSTRACT**

For the construction of this thesis, we reflect about the wilderness (sertão) as a place that educates. Based on the philosophy of Merleau-Ponty's Nature, on some literature books about the wilderness, on the work of the poet Cancão (João Batista de Siqueira) on guidelines and conversations with the people from Paraíba's Cariri and Pernambuco's Pajeú, it was possible to think and understand the education emerged from the hinterland man's relationship with nature and poetry. In the field of epistemological reflection, we realize that the education of life can be a path to the understanding of the human being, learning through relationships and, thereby, building a shared knowledge and experienced daily towards a new learning. Involved with the wilderness phenomenon, the phenomenological attitude was crucial for us to walk in the paths of research, always being careful not to feel at easy before the investigated phenomenon, but rather to keep a distance which could help create horizons of meaning, giving other meanings for a better approximation. It was possible to understand that education comes from the experience of the wilderness with nature and poetry. This phenomenological conception reveals that the education of the wilderness emerges from the experienced world of backcountry men, through the sensitive contact with other animals, plants and poetry. It is a body education, because it happens in the world of sensitivity and opens the field of human existence, connected with the animate and inanimate beings of the hinterland.

**KEYWORDS:** Education; Wilderness, Nature, Poetry.

## **RESUMEN**

Para la construcción de la tesis, reflexionamos sobre el sertão como un lugar que educa. Basado en la filosofía de la naturaleza, Merleau-Ponty, en alguna literatura del país, libros sobre la obra del poeta de la canción (João Batista de Siqueira), en las directrices, en conversaciones con los bosquimanos do Cariri paraibano y Pajeú Pernambuco, es posible pensar y entender la educación por la relación humana del interior con la naturaleza y la poesía. En el campo de la reflexión epistemológica, entendemos que la educación para la vida puede ser una ruta para entender el hombre de aprendizaje por medio de las relaciones y la construcción de un conocimiento compartido y experimentado a diario al nuevo aprendizaje. Involucrados con el fenómeno de Bush, la actitud fenomenológica era de fundamental importancia para poder caminar en los caminos de la investigación, siempre teniendo cuidado para no ser un alojamiento antes de que el fenómeno investigado, pero sí, un punto de partida para la construcción de horizontes de sentido, dando otros significados para una mejor aproximación. Es posible entender que la educación es la experiencia vivida de los sertanejos con la naturaleza y la poesía. Esta concepción fenomenológica revela que la educación de Bush emerge del mundo vivió de la montaña, a través del contacto sensible con otros animales, las plantas y la poesía. Es una educación corporal, como sucede en el universo de sensibilidad y abre el campo de la existencia humana, interconectado con los seres animados e inanimados do sertão.

**PALABRAS CHAVE:** Educación; Backwoods; Naturaleza; Poesía.

## **LISTA DAS IMAGENS**

Imagen 01 – Mapas da Paraíba e parte de Pernambuco.....	21
(Fonte: Ministério dos Transportes: <a href="http://www.mapas-brasil.com/paraiba.htm">http://www.mapas-brasil.com/paraiba.htm</a> )	
Imagen 02 – Pássaro cordoniz.....	45
(Fonte do Pesquisador)	
Imagen 03 – Árvore aroeira.....	52
(Fonte do Pesquisador)	
Imagen 04 – Jurema desfolhada.....	61
(Fonte do Pesquisador)	
Imagen 05 – Caatinga durante o verão.....	63
(Fonte do Pesquisador)	
Imagen 06 – Terra calcinada.....	64
(Fonte do Pesquisador)	
Imagen 07 – Mandacaru.....	67
(Fonte do Pesquisador)	
Imagen 08 – Coroa- de- frade.....	70
(Fonte do Pesquisador)	
Imagen 09 – Caatinga durante o inverno.....	76
(Fonte do Pesquisador)	
Imagen 10 – Xiquexique.....	80
(Blog de João Steck: <a href="http://olhares.uol.com.br/jsteck">http://olhares.uol.com.br/jsteck</a> . Postada em 07/2007).	
Imagen 11 – Cacto palma.....	82
(Fonte do Pesquisador)	
Imagen 12 – Marmeiro.....	86
(Fonte do Pesquisador)	
Imagen 13 – Pássaro da caatinga.....	87
(Fonte do Pesquisador)	
Imagen 14 – Zabé da Loca.....	100
(Fonte do Pesquisador)	
Imagen 15 – Loca de Zabé.....	101
(Fonte do Pesquisador)	

Imagen 16 – Inácio de Brito.....	108
(Fonte do Pesquisador)	
Imagen 17 – Vaqueiro José Bonifácio.....	122
(Fonte do Pesquisador)	
Imagen 18 – Poeta Cancão.....	135
(Fonte: Blog de Lucivaldo Ferreira. Postado em 05/07/2012. <a href="http://www.triunfob.com/2012/07cancao-e-o-grande-homenageado-do.html">http://www.triunfob.com/2012/07cancao-e-o-grande-homenageado-do.html</a> ).	

## SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO.....</b>	13
<b>1.0 A NATUREZA DO SERTÃO.....</b>	29
1.1 APROXIMAÇÕES DA NOÇÃO DE NATUREZA EM MERLEAU-PONTY.....	31
1.2 O SERTÃO ENCANTA.....	39
1.3 O SERTÃO ANDANTE.....	53
<b>2.0 A VIDA HUMANA NO SERTÃO.....</b>	90
2.1 O AGRICULTOR DO SERTÃO.....	106
2.2 O VAQUEIRO DO SERTÃO.....	117
<b>3.0 O CORPO DA NATUREZA NA POESIA DE CANCÃO.....</b>	129
<b>4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	149
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	158

## PRÓLOGO

*“O meu corpo é todo o sertão”*

*Carlos Pita*

O sertão é um lugar que educa. Essa possibilidade se dá por meio do entrelaçamento do homem com outros animais, com as plantas e a poesia, fundamentada na experiência vivida, educando os sentidos<sup>1</sup> pelo viés do sensível.

Objetiva-se compreender a educação do sertão por meio de estudos, diálogos, reflexões e orientações, buscando interpretar o fenômeno educação que acontece pela relação do homem com a natureza e com a poesia e que pode se realizar na formação de logos estético<sup>2</sup>.

Pela dimensão do sentir o sertão educa! Sua natureza enigmática, repleta de elementos simbólicos<sup>3</sup>, está na cultura, na terra, nos vegetais, na poesia, nos minerais, no corpo do homem e de outros animais. Ele move a existência dos seres vivos. Por isso dimensiona o ser humano para realização da expressão estética, da criação e recriação da sua própria natureza. É um lugar onde a vida é um contínuo aprendizado pelas provocações constantes de uma natureza incerta, mostrando o universo da sua ambiguidade<sup>4</sup>. A maneira de educar é a inerência sensível entre homem e natureza, que, interligados, impulsionam a vida, elaboram sentidos e criam significados.

<sup>1</sup> Sentidos se referem à capacidade do corpo sentir: É a abertura e comunicação dos canais sensíveis que expandem a existência e dimensionam o ser no mundo (MERLEAU-PONTY, 1999).

<sup>2</sup> Logos estético se refere à capacidade sensível do corpo ao ser afetado por alguma manifestação da beleza e que pode se transformar numa expressão artística (Merleau-Ponty, 1999).

<sup>3</sup> Símbolo significa a concentração semântica do sentido e dos sentidos, e sua articulação numa estrutura concreta, no interior da qual há também circulação de sentidos. O símbolo apresenta para a fenomenologia dois aspectos principais: a encarnação e a polissemia. Não falamos de símbolos abstratos, mas sim concretos: é a própria existência que é simbólica, é o próprio homem que é símbolo. O símbolo só é simbólico porque é constituído por essas realidades – humana – e não por outras. Em outras palavras, a fenomenologia reconhece no símbolo a correspondência entre o homem e o sentido, ou, em termos mais técnicos, entre o significante e (os) significado (s). O símbolo insiste nas diversas maneiras de o sentido manifestar-se ou nos diversos sentidos em que há sentido (REZENDE, 1990, p. 27).

<sup>4</sup> Ambiguidade se refere a estados de fato ou situações: possibilidade de interpretações diversas ou presença de alternativas que se excluem. (ABBAGNAMO, pg. 37, 2007).

Por meio da experiência estética, o sertão propõe ao homem uma educação tecida na existência, aprendida e apreendida pelas relações constantes entre o homem, a cultura e a natureza, onde tudo está entrelaçado, abrindo horizonte de sentido<sup>5</sup> e fazendo da existência um caminho repleto de significados. É uma educação corpórea, pois ela acende as luzes dos sentidos para uma contínua maneira de perceber o que compõe o sertão. Compreende-se a noção de educação do sertão pela inerância homem e natureza, como ele aprende e se transforma pelas relações constantes, vividas no cotidiano.

Essa noção abre sentidos para a compreensão de uma relação de sujeito para sujeito, cuja educação liga-se à existência pelos fios de uma convivência permanente. Ela diz do entrelaçamento do homem com a natureza, onde as relações são permanentes, sempre em busca de uma aproximação maior entre a interioridade humana e o que está no mundo percebido.

A educação, por meio de uma concepção fenomenológica<sup>6</sup>, abre-se para um mundo das relações sensíveis, onde a vida mostra-se impregnada de signos. Nessa perspectiva, ela aloja-se nos músculos, nos ossos e nos nervos, movendo a maneira do homem pensar e viver; ensina como a natureza se revela e se recolhe; muitas vezes, explode na paisagem e na vida, outras vezes se cala e fica em silêncio para novas expressões. A educação do sertão mostra-se na existência como um eterno expressar de aprendizados e convivências.

Os fios da cultura sertaneja se fazem de várias significações e tecem o pano da pluralidade dos sentidos de que as relações humanas, animais e vegetais se impregnam. A cultura do sertão, com toda a sua plasticidade, borda o tecido da vida por meio de elaborações sensíveis que são vividas no dia a dia, interligando todos os seres do sertão.

É uma cultura que emerge da natureza, infiltra-se no sentimento sertanejo<sup>7</sup> e se expressa nas mais diversificadas maneiras de se realizar. O canto de um pássaro, a paisagem, as festividades, a arte poética, musical, teatral, plástica e outras ex-

<sup>5</sup> Sentido está relacionado ao que dá significado a algo, ao que abre horizontes para compreensão do homem consigo mesmo e com o mundo (MERLEAU-PONTY, 1999).

<sup>6</sup> Nóbrega (Uma fenomenologia do corpo, 2010), Porpino (Dança é Educação, 2006), Medeiros (Uma Educação Tecida no Corpo, 2011).

<sup>7</sup> Sertanejo ou homem do sertão diz respeito à pessoa que reside ou que nasceu no sertão.

pressões do homem fundam um logos estético e cultural, externado em formas de expressões culturais que desenham no sensível as maneiras de ser do povo sertanejo. É nas relações corpo e mundo que o tempo costura, e a vida flui.

Corpo e mundo são um “campo de presença” onde emergem todas as relações da vida perceptiva e do mundo sensível. Há um *logos do mundo estético*, um campo de significações sensíveis constituintes do corpo e do mundo. É esse *logos do mundo estético* que torna possível a intersubjetividade como intercorporeidade, e que, através da manifestação corporal na linguagem, permite o surgimento do *logos cultural*, isto é, do mundo humano da cultura e da história (CHAUÍ, 1989, p. X).

Cada movimento do sertão está intrinsecamente relacionado com as expressões do sertanejo, fazendo da existência de ambos um amálgama de convivências, em que o respeito, o amor e a admiração do homem pelas coisas do sertão são manifestações de uma educação vivida no corpo e na compreensão do sertanejo sobre uma terra que, mesmo na contingência, na imprevisibilidade e na indeterminação, afeta a existência humana, tornando-a mais sensível e aberta às transformações.

Além de tencionar o amor e a dor pela relação com a terra, o sertanejo aprende com o lugar diversas maneiras de convivências. As aporias e as incertezas fazem com que o homem do sertão esteja sempre aprendendo como cuidar da terra, como plantar, como colher a produção do trabalho, como relacionar-se com os outros animais, vegetais e minerais.

O sertão é expresso pelo mundo vivido<sup>8</sup>. Essa noção mostra que as coisas no sertão estão ligadas umas às outras pelos fios das relações sociais, culturais, educacionais, afetivas e da natureza como um todo, cada qual revelando sua maneira de ser. Nessa perspectiva, podemos compreender que as coisas se fazem presentes antes de qualquer formulação ou ideia. Não são um sujeito isolado nem o mundo alheio a si. São as trocas, a convivência, o entrelaçamento, a impregnação de sinais do sertão na existência humana, dilatando o fluxo da vida por intermédio da di-

---

<sup>8</sup> A expressão mundo vivido é uma tentativa de tradução da expressão alemã *lebenswelt*, tema primeiro da fenomenologia, que diz respeito ao mundo pré-reflexivo. O *lebenswelt* ganha força com o entendimento sobre a questão da verdade, a partir da obra de Husserl – investigações lógicas. Nesta, a verdade não pode ser definida como adequações do pensamento ao objeto, não sendo definida, a priori, pelo sujeito nem contemplada na pura exterioridade do objeto. A verdade é definida na evidência da experiência vivida. O vivido não é um sentimento, mas refere-se à percepção como modo original da consciência (NÓBREGA, 2010, p. 37).

mensão sensível. O mundo vivido e percebido está sempre se infiltrando na existência, mesmo antes de um entendimento puramente mental. É o mundo pré-reflexivo, o qual não é classificado pelo sujeito nem fundado na pura exterioridade do objeto. É a percepção que amplia o sertão no corpo do sertanejo, criando signos<sup>9</sup> como a expressão do mundo vivido:

Essa noção mostra que a experiência vivida se realiza nas constantes trocas entre o homem e o sertão. Ela é construída no dia a dia, em que a vida, na sua forma de ser, vai sendo elaborada pelos caminhos da relação sujeito/sujeito, fazendo do cotidiano um novo sentido, em que o homem aprende com a natureza, e mostra por intermédio do aprendizado, sua transformação, revelando uma educação fenomenológica (REZENDE, 1999).

Por intermédio dessa perspectiva educacional, concebe-se que o sertão, movendo os sentidos pelo envolvimento dos sertanejos com o mundo vivido, expande a existência e alarga o horizonte do homem consigo mesmo e com o lugar em que está inserido, onde a vida em inerência com as outras espécies de animais entrelaça a natureza com a existência humana, numa configuração sensível para uma ontologia<sup>10</sup> da expressão.

A cultura se faz educação e dimensiona o sertanejo em que o sensível é quem rege a existência humana, fruto da percepção do sertanejo, construindo o caminho de uma aprendizagem constante.

No sertão, as duas dimensões são fios de um mesmo tecido. Esses dois campos de significações estão sempre se renovando por meio da elaboração e re-elaboração constantes, como se tudo estivesse sempre começando. Por isso os sentidos e significados estão sempre se fazendo presentes de outras maneiras. A educação e a cultura no mundo sertão são a aprendizagem e a expressão se fazendo presentes no mesmo painel da existência. O humano aprende com a terra e tece os

---

<sup>9</sup> Os signos são expressões culturais, sociais, ambientais e educacionais do sertão, que se fazem presentes na existência do sertanejo, entranhados na pele, nos músculos, ossos e pensamentos. São significações que dizem do lugar por meio dos fios da vida, tecidos pela natureza, impregnando e revelando sentidos e significados por meio da expressão do homem no mundo da vida (MERLEAU-PONTY, 1991).

<sup>10</sup> Para Merleau-Ponty a ontologia diz respeito à expressão do Ser sensível... É o Ser da revelação que se anuncia ao mundo por meio de um logos estético (MERLEAU-PONTY, 2000).

aprendizados da experiência vivida, mostrando a maneira de como se relaciona com a natureza.

Pelo viés do sensível, a educação se escoa na cultura e se realiza no logos estético. A maneira sertaneja de se expressar por meio da experiência estética mostra uma terra que tem uma ampla dimensão de sentidos que podem ser vividos no corpo e revelados entre as bordas do objetivo e do subjetivo, fundando sempre um campo de expressão.

No mundo sertão, a concepção de ser algo móvel impregna a existência de signos, que são as coisas que estão na natureza, na cultura e no corpo, fazendo-se presentes no mundo da vida, como a nascente de uma fonte de água que nunca seca.

Moldado pelo sentimento sertanejo e entusiasmado com a pesquisa acadêmica, senti palpitar um forte interesse para realizar, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, uma pesquisa em doutorado sobre o sertão, tendo como aporte teórico a filosofia da Natureza de Merleau-Ponty (2006) para uma compreensão sensível do sertão como um lugar que educa.

Inicialmente, procurei no banco de teses da Capes, onde encontramos trabalhos pertinentes à temática da pesquisa, cujo enfoque sobre o sertão relaciona-se notadamente à literatura e à estética (MELO, 2006; ALMEIDA, 2006; MEYER, 1998; MARCOLLA, 2006).<sup>11</sup>

Os trabalhos direcionaram-me para a necessidade de compreender a etimologia da palavra sertão. No dicionário Lisboa, “sertão: representa, segundo alguns autores, a evolução do latim desertanu; com operações fonéticas ainda não esclarecidas” (MACHADO, 1967, p. 2099); já no Dicionário Nova Fronteira, a etimologia mostra “Sertão: região agreste, distante das regiões povoadas ou das terras cultivadas/ sertão xv, sartão/ de etimologia obscura” (CUNHA 1982, p. 718); e o Dicionário Prosódico demonstra o “sertão: terra interior de um país, coberta de matas e bosques e ainda pouco povoada. De origem do latim sertum, bosque, mata, fez-se adjetivo de sertanus como urbs se fez urbanus, como manus temos mãos, de vanus, vão, etc.” (BUENO, 1967, p. 3721). Para Melo, ao estudar cuidadosamente Gustavo Barroso, a palavra sertão não tem origem como uma abreviação da palavra deser-

---

<sup>11</sup> Os autores e títulos das teses encontram-se nas Referências.

tão, defendida por algumas correntes da tradição popular. Vejamos o que Melo nos diz:

Num paciente trabalho de erudição, Gustavo Barroso percorre os principais dicionários e autores clássicos portugueses e brasileiros, chegando a algumas conclusões, que, por exemplo, a palavra já era usada na África e até mesmo em Portugal. Ainda mais, que nada tinha a ver com a noção de deserto (aridez, secura, esterilidade), mas sim, com a de “interior”, de distante da costa: por isso, o sertão pode até ser formado por florestas, contanto que sejam afastadas do mar. [...] O vocábulo se escrevia mais freqüentemente com c (certam e certão ...) do que com s. E vai encontrar a etimologia correta no Dicionário da língua bunda de Angola, de frei Bernardo Maria de Carnecatim (1804), onde o verbete muceltão, bem como sua corruptela certão, é dado como lócus mediterrâneos, isto é, um lugar que fica no centro ou no meio das terras. Ainda mais, na língua original era sinônimo de “mato”, sentido correntemente usado na África Portuguesa, só depois ampliando-se para “mato longe da costa”. Os portugueses levaram-na para sua pátria e logo trouxeram-na para o Brasil, onde teve longa vida, aplicação e destino literário. (MELO 2006, p. 16, Apud BARROSO, 2001).

A concepção sobre a etimologia e a identificação do sertão como um lugar distante do litoral e dos centros urbanos amplia o seu sentido de ser. Assim, vamos encontrar, no imenso território brasileiro, o sertão em várias regiões, com suas especificidades geográficas, econômicas, sociais e culturais. É o que nos diz Melo (2006, p. 81):

Os sertões se disseminaram e se disseminam do norte ao sul do País, assumindo as mais diversas territorialidades e significações ao longo do tempo: lugar desconhecido, perigoso, bárbaro, selvagem, incivilizado, de natureza bruta, rico, pobre. Desabitado ou pouco povoados, oeste, deserto, longínquo, distante das regiões povoadas, interior, isolado, sem lei. Terra rude, áspera e árida onde sobrevivem sujeitos fortes, capazes de extrair, mesmo da falta, as condições para a sua sobrevivência. Conceito grafado, no princípio, pelo imaginário do colonizador português, e, portanto, do seu ponto de vista que o sertão apresentava estas características: distante, longínquo, em relação ao litoral colonizado e a metrópole; desconhecido, bárbaro, selvagem e incivilizado para os homens brancos; desabitado, apenas de homens brancos; isolado, física e culturalmente, de uma cultura específica, a européia.

O sentido de sertão, como um lugar distante do litoral<sup>12</sup>, aproxima-se da noção de que o sertão se encontra em várias partes do Brasil e no sentimento humano, por isso suas veredas levam a vários lugares, proporcionando a compreensão de uma região que, ao mesmo tempo, está próxima e distante. Suas veredas abrem espaços para diversas formas de compreensão, pelo motivo de estarem sempre abertas a diversas significações.

Para realizarmos a pesquisa, tivemos atitude de escolhas, buscamos horizontes de significações, ampliamos a maneira de pensar, conversamos com os sertanejos e recorremos às referências bibliográficas. Isso nos deu possibilidade de podemos interpretar o fenômeno sertão, fundamentado numa atitude fenomenológica de envolvimento com o objeto pesquisado. O método de pesquisa está intrinsecamente articulado com a experiência vivida como sertanejo, poeta e educador.

Nossa atitude de envolvimento com o fenômeno sertão é procurar compreender a sua natureza e cultura poética por meio das reflexões, interpretações, orientações e diálogos com os sertanejos, sem jamais fechá-lo numa ideia ou em um entendimento mental. O método está fundamentado na redução fenomenológica<sup>13</sup>, manifestada pelo encantamento e admiração diante do fenômeno investigado, sempre tendo cuidado em não me acostumar com ele (sentido de estranhamento), mas sim, colocar-me numa suspensão fenomenológica, criando horizontes de sentidos, numa atitude de escolhas, as quais são: a experiência vivida, as conversas com os sertanejos, a poesia sobre o sertão, os estudos das obras utilizadas e o conhecimento de outro sertão (como o de Guimarães Rosa), sempre buscando uma melhor compreensão sobre o sertão nordestino (Pajeú<sup>14</sup> pernambucano e Cariri<sup>15</sup> paraibano) para realização da nossa pesquisa fenomenológica.

<sup>12</sup> Vale salientar que, no Rio Grande do Norte, na posição mais ao norte do Estado, existe um fenômeno geográfico, bastante curioso. Nessa parte do litoral, a caatinga encontra-se com o mar, onde é possível encontrar os crustáceos fazendo ninhos nos troncos das árvores da caatinga. (Viagem do pesquisador à região).

<sup>13</sup> É preciso compreender a redução fenomenológica como admiração diante do mundo, um alerta para não nos acostumarmos com ele, mas admirarmos ante as múltiplas perspectivas e recomeçarmos considerando o que se pode dizer/fazer da nossa existência individual e coletiva, mas também em busca do irrefletido (NÓBREGA, 2010, p. 39).

<sup>14</sup> A famosa serra do Teixeira, que se levanta nos contrafortes da cordilheira da Borborema, é a mãe do Pajeú. [...] No inverno os riachos descem dos altos, rolando águas barrentas que vão formar lá embaixo, o famoso rio dos vaqueiros, dos cantadores e dos cangaceiros, que nasce pagão, identificado com a geografia e com a gente simples daqueles mundos ásperos. Porque o belo nome cariri,

Os caminhos percorridos para a realização da tese foram o sertão do Pajeú e o Cariri. A escolha das duas regiões deu-se pelo motivo de serem lugares onde a expressão sertão é muito forte, através da cultura do povo, da natureza e da poética, a qual se configura como um grande amálgama na vida do sertanejo carirense e pajeuense. No meado do século dezenove, na região de Teixeira (PB), a cantoria inaugura o inicio da arte poética dos cantadores de viola no Nordeste, dando origem aos primeiros poetas repentistas<sup>16</sup>. No inicio do século XX, a poesia dos cantadores cruza a fronteira do município do Teixeira, entra no Pajeú pernambucano, cria raízes, para depois penetrar na região do Cariri paraibano, formando um elo entre as duas regiões.

Historicamente, as duas regiões são sucessoras da segunda fase a respeito da origem da poesia dos repentistas no nordeste brasileiro, valendo salientar que foram elas que divulgaram e ainda promovem a poesia dos violeiros com muita ênfase. A cantoria, os recitais e os encontros poéticos fazem parte do cotidiano do espírito das duas regiões. A rima, a métrica e a beleza poética são cultuadas de forma muito rigorosa, embora a criação seja da maneira mais espontânea possível. Crianças, jovens e adultos fazem poesias com uma qualidade poética de nível bastante elevado. Por isso a poesia, desde o século dezenove, nas referidas regiões, tornou-se uma escola de sensibilidade e de grande presença na experiência estética por intermédio de criações, recitais, cantorias, educando o povo pelo viés de um logos estético. Isso criou sentido e abriu horizontes epistemológicos sobre o conhecimento de um povo que tem na poesia um particular modo de ser, assumindo certos comportamentos, inclusive, de as pessoas saldarem umas às outras de poeta. Tipo:

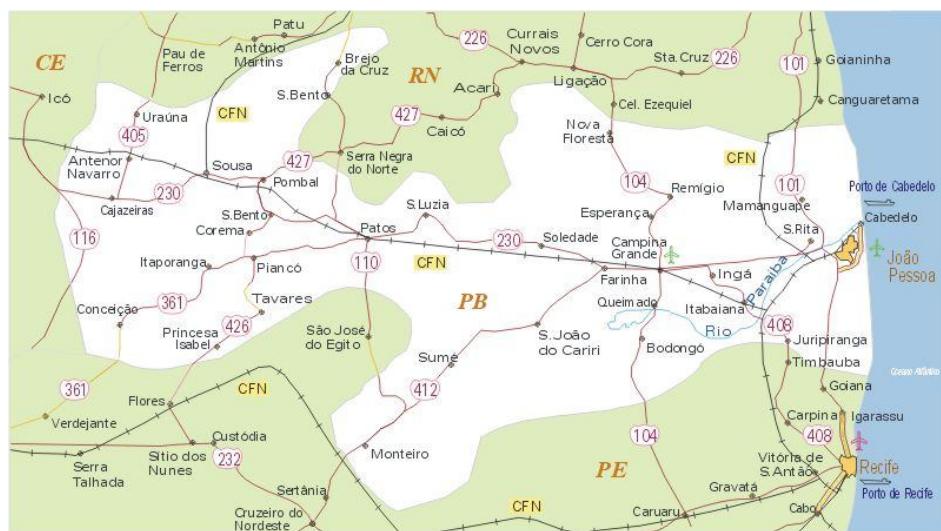
que é a sua legenda, só aparecerá muitos quilômetros, além das nascentes que ficaram para trás, lacrimejando nos altiplanos da cordilheira. [...] Pajeú é nome indígena, vem do dialeto cariri, pagéy, e quer dizer: rio do feiticeiro (SANTOS, 1958, p. 11-12).

<sup>15</sup> A história dos cariris velhos é a saga de homens que, seguindo a pata do boi, adentraram-se pelos caminhos das águas ou pelos leitos vazios dos rios e riachos, para penetrar num mundo desconhecido e misterioso, numa terra povoada de macambiras e caroás, espécie de raro encanto pertencente à família das bromélias. De chão pedregoso, ora enfeitado com malacachetas brilhantes, ora abundantes em xiquexiques, mandacarus, coroa-de-frade, facheiro e alastrados (NUNES FILHO, 2008, p. 29).

<sup>16</sup> A cantoria de repente teve início, aqui no Nordeste, em terras paraibanas, ali pelas quebradas da serra do Teixeira, no meado do século dezenove, com o surgimento dos primeiros cantadores e repentistas: Agostinho Nunes da Costa(1797-1852) e seus filhos Antônio Ugolino Nunes da Costa, Ugolino do Sabugi (Teixeira – 1832-1895), primeiro grande cantador brasileiro, e Nicandro Nunes da Costa: 1829-1918 (BARROS, 2010).

“Bom dia, Poeta”. Inclusive, essa saudação cortês se estende até as pessoas que não são poetas, mas que amam a poesia.

Imagen 1 – Mapa da Paraíba e parte de Pernambuco



(Fonte: Ministério dos Transportes: <http://www.mapas-brasil.com/paraiba.htm>)

No Pajeú, fica São José do Egito, lugar onde eu nasci e vivi boa parte da minha existência. Na referida região, morei durante 21 anos e sempre estou indo lá. O Cariri é uma região vizinha do Pajeú e ambas têm uma relação muito forte pela ligação da poesia que existe entre si, quebrando fronteiras geográficas e aproximando os humanos por meio da experiência poética.

As duas regiões, como um campo de reflexão e proposta epistemológica, possuem um saber inerente à experiência vivida pela relação do humano com a natureza sertaneja e a poesia. Elas possuem uma significante experiência estética, expressando a arte poética para diversas partes do Brasil, influenciando compositores, artistas plásticos, artesanato e demais artes.

O Pajeú e o Cariri me encantam e me entusiasmam para entrelaçar o conhecimento dos estudos que estamos realizando. Por isso foram necessárias atitudes de escolhas com relação aos lugares e aos sertanejos com quem conversamos. Como sempre estou indo ao sertão, algumas pessoas que fazem parte desta pesquisa eu já conhecia, por intermédio dos contatos poéticos, de livros e de recitais, como Teófanes Leandro e Albino Pereira. A escolha dos (as) sertanejos (as) Vicente Vitorino, Manuel Amaro, Pedro Azevedo da Silva, Pedro José de Araújo, Inácio Fer-

reira de Brito, Albino Pereira dos Santos, Francisca Maria de Almeida e Izabel Marques da Silva (Zabé da Loca) foi por indicação de Marcos de Brito, amigo de infância que trabalha em projetos governamentais de agricultura familiar nas duas regiões citadas. Depois de uma conversa sobre a pesquisa, o amigo mapeou alguns sítios e comunidades rurais para a escolha dos sertanejos e, junto comigo, esteve durante todo o percurso, participando dos diálogos com todas as pessoas que fizeram parte das conversas.

Os sertanejos escolhidos têm, ao longo da vida, uma experiência constante com o sertão, por isso nos deram, por meio das conversas, uma grande contribuição para pensarmos o sertão a partir do mundo vivido.

Foi durante os meses de janeiro e julho de 2011, que eu e o amigo Marcos de Brito viajamos pelo Pajeú e Cariri, percorrendo sítios, cidades e comunidades rurais, abrindo cancelas, passando em estradas de barro, cortando grotões e riachos, cruzando a caatinga<sup>17</sup>, como dois homéricos viajantes em busca de chegar aos lugares citados e de encontrar os sertanejos escolhidos para nossas conversas. A ajuda de Marcos de Brito foi de relevante importância, por ele trabalhar em projetos dos governos de Pernambuco e da Paraíba, de estar sempre em contato com o povo do sertão, dando assistência técnica e científica aos sertanejos.

Retornar ao sertão foi significante, pelo motivo de voltar ao meu lugar de origem, com a perspectiva de fazer um trabalho que tenha importância para o conhecimento e que leve uma contribuição pertinente ao fazer educacional e social, propondo uma nova epistemologia.

Com cada sertanejo com quem dialoguei vi uma existência construída através da experiência vivida, da relação com a natureza e de fazer do cotidiano uma construção permanente de aprendizados diante das provocações que o sertão proporciona. Aprendi muito com as pessoas com quem conversei. A simplicidade, o amor ao lugar, a cultura sertaneja, a ligação com a terra, a educação dos sentidos, o respeito aos outros animais e aos seres humanos são uma constante na existência deles. A

---

<sup>17</sup> O termo caatinga, que em tupi significa mata branca (caá = qualquer tipo de planta + tinga = branco), diz respeito ao aspecto que essa vegetação assume durante a época da seca, quando a maior parte das plantas deixa cair suas folhas, exibindo os ramos cinzentos-embranquecidos (ASSIS, TOLEDO, ROMANIUC NETO, CORDEIRO, 1994, p. 05).

minha dimensão de sertanejo alongou-se e senti-me dilatado enquanto ser humano, poeta e educador.

Por meio da experiência vivida com os sertanejos durante as viagens com Marcos de Brito, ao passar pela caatinga, vi nas flores vermelhas e delicadas do mandacaru a beleza protegida pelos aguçados espinhos que parecem punhais de impávidos guerreiros. Vi a terra rachada e calcinada de uma antiga lagoa que secou e que tem a aparência do solo vulcânico de um planeta desabitado. Presenciei os galhos contorcidos de um umbuzeiro velho que resiste ao tempo, que se parecem um decrépito retirante estático na retirada do flagelo da seca. Sensibilizei-me com a expressão taciturna do sertanejo perante a ameaça da aridez voraz. Senti-me envolvido com as épocas de chuva, quando a caatinga se veste de forma elegante por meio de um verde profundo e florido, onde os rios e os seres vivos mostram uma expressão de beleza. Encantei-me com a imensidão de um lugar que tem no seu horizonte a inesgotável forma de ser, mostrando um esplendor inquietante e imprevisível num grande mosaico de vida e de beleza que revela, de forma profunda, a expressão da vida no sertão.

Foi no mundo sertão que vivi a infância e adolescência, brincando entre cactos, juremas, marmeleiros, vales extensos e caminhando na caatinga fechada. No sertão, aprendi o sentido de ser pelo meu envolvimento com as coisas que intrinsecamente estão relacionadas com a natureza e a cultura e, desde a infância, sou tomado profundamente pela sua força avassaladora que sempre penetra no meu corpo e arrebata minha existência, com suas paisagens, movimentos, sons, cores e poesia, sensibilizando-me e educando os sentidos.

O sertão habita minha existência. Sua expressão imprevisível e de renovação move os sentidos e amplia minha maneira de ser. Sua profundidade e silêncio, que se mostram de forma primordial, levam-me a reflexões de que ele está presente, no entorno, mas sempre me escapa, antes que eu possa ter uma ideia formada sobre seu sentido (MERLEAU-PONTY, 2006).

No sertão não constituído e indeterminado, dei os primeiros passos da minha vida sertaneja, comendo frutas, caçando passarinhos e outros animais, pescando e tomando banhos no rio Pajeú, desvirginando os movimentos lúdicos da infância, vivendo as primeiras experiências sexuais com alguns animais por meio da interani-

malidade<sup>18</sup> (faz parte da experiência vivida dos meninos do sertão), ouvindo os cantos dos pássaros silvestres e me embevecendo com a alegria de viver na natureza sertaneja.

Envolvido de alegria, no poético lúdico mundo da vida na natureza do rio Pajeú, vivi a infância, experimentando as sensações sertanejas de um mundo encantador que, desde então, penetrou nos meus sentidos e dimensionou a minha existência para uma vida regada pelo universo da sensibilidade.

Muitas vezes, senti a natureza nos tempos invernais transbordando os rios, enchendo lagoas e açudes, numa festividade de alegria e felicidade. Parecia um mundo de sonho e fantasia. Meu corpo sentia os pingos dos riachos correndo nos bosques da minha existência e inundando de sensações a minha vida. Pássaros e borboletas pousavam nas flores mais delicadas, fazendo meu corpo perceber os carinhos da natureza sertaneja.

O mundo verdejante do Pajeú, em sua transformação, mostrou muitas vezes a desolação voraz das grandes secas<sup>19</sup>, com estiagens violentas, configurando o sertão como um cenário assustador, repleto de incertezas, pela ausência da chuva, das águas do rio e pela presença do desfolhar das árvores e o desaparecimento temporário de muitos animais, constituindo-se como o ciclo do verão sertanejo.

Quando a aridez rasgava a natureza, eu percebi muitas vezes o inóspito fantasmagórico mundo assustador da seca, onde as árvores, outrora verdes, transformavam-se, parecendo lânguidos guerreiros, tombados de uma guerra há muito tempo perdida. Ainda menino, às margens do Pajeú, eu percebia a natureza gritando na solidão perene em dias ensolarados e causticantes. Ela me tocava profundamente e, junto com ela, eu me movia, reinventando novas formas de convivências, vivendo outras experiências sensíveis. Nos espinhos do mandacaru e do xiquexique, durante aridez profunda, eu percebi a natureza por intermédio dos cactos imponentes, como se fossem guerreiros com punhais nas mãos, preparados para uma grande guerra. A terra quente era um tapete abrasador, desafiando quem pensasse que ali

---

<sup>18</sup> A interanimalidade diz respeito à relação de um animal com outro animal de espécie diferente (Merleau-Ponty, 2006).

<sup>19</sup> O que caracteriza a seca no sertão nordestino é quando o índice pluviométrico é abaixo dos 800 milímetros. Isso faz com que a estação do verão seja prolongada, aumentando a aridez (Fonte: <http://www.inmet.gov.br/portal/index.php?r=estacoes/estacoesConvencionais>).

tudo era fácil de conquistar e viver. O sol parecia se desmanchar em fogo, e a amplidão era um horizonte inalcançável.

As experiências da minha infância e adolescência, tanto da época verdejante, das chuvas, do chamado inverno sertanejo, como da aridez sórdida e causticante, moldaram minha existência pelo viés do sensível para a compreensão de um lugar que, pela sua ambiguidade, provoca a vida para constantes transformações. As mudanças por causa da aridez e da chuva revelam que a natureza sertaneja não se mostra de forma pronta, acabada e determinada.

Foi no mundo sertanejo da poesia que a minha percepção dilatou-se para os encantos da palavra poética. Desde os primeiros passos da minha adolescência, comecei a ouvir os poetas cantadores e escritores, cantando ou declamando poesias, aguçando minha sensibilidade e fazendo-me compreender e viver o universo da poesia com seu poder de penetração sensível. Lourival Batista, Dimas Batista, Otacílio Batista, Job Patriota, Rogaciano Leite, Zezé Lulu, Pinto do Monteiro, Cancão, entre outros, sensibilizaram-me, despertando outras maneiras de ver o mundo.

A poesia que escolhemos como expressão sensível do sertão é a do poeta João Batista de Siqueira, conhecido de forma popular pelo apelido de Cancão. O referido poeta, de São José do Egito (PE), tem no seu trabalho poético uma notável expressão estética que revela, através dos seus versos, o sertão em suas formas distintas por intermédio de uma narrativa sensivelmente poética. Por isso, ao escolhermos a poesia de Cancão, estaremos buscando no seu trabalho poético a expressão da natureza do sertão e a sua importância na educação dos sentidos por meio de um logos estético. A poesia do referido poeta possui uma dimensão sensível da natureza sertaneja como um imenso leque de imagens, da vida dos sertanejos e de outras configurações de existência e revelação que fazem parte do sertão.

Escolher a poesia do vate Cancão para um estudo filosófico e educacional aproxima-se a dimensão das paisagens e a vida sertaneja para o sentido de um educar-se pelo viés da sensibilidade. Nos versos do poeta do Pajeú, o toque sutil das palavras poéticas e a beleza dos poemas penetram nos sentidos, acariciam o corpo e elevam o espírito através de um mundo de cores, sons, imagens, transformando a existência pelos caminhos da experiência estética.

Usar fenomenologicamente a expressão poética como uma maneira de interpretar e compreender a visão de sertão por meio do poeta Cancão é pertinente, pelo motivo de ser a poesia uma linguagem que nos dá uma boa possibilidade de perce-

bermos a expressão sensível do sertão, como um logos estético, o qual educa pela afetação sensível que a poesia do poeta Cancão tem.

Considero de relevante importância a poesia neste trabalho, devido à filosofia de Merleau-Ponty permeada de sutileza estética. O filósofo traz em seus textos uma escrita sensível e repleta de tons poéticos. Por isso, a poesia dará um toque de sensibilidade no texto escrito da tese, fugindo de uma escrita puramente analítica sobre o sertão. A poesia é uma criação humana e uma experiência sensível que pode suavemente se entrelaçar com a filosofia de Merleau-Ponty, a qual “não busca circunscrever incógnitas delimitadas: importa investigar a experiência humana e o ser do mundo do qual ela se erige, em sua totalidade” (FERRAZ, 2009, p. 236).

No campo da cultura poética e da natureza, iremos nos aproximar do sertão, buscando compreendê-lo sem jamais transformá-lo numa posse ou numa ideia fixa. Por isso cada passo dado neste trabalho é uma forma de aproximar o sertão, a natureza, a educação e a poesia para a compreensão de um lugar que educa. O sertão como espaço de vidas e de experiências estéticas, possibilita a criação de um conhecimento que se faz pela inerência entre homem, cultura, natureza e poesia.

Viver no sertão... Sentir sua natureza redimensiona a vida para um sentido em que a diversidade se comunica e amplia a existência. Os momentos (ciclos das estações) distintos da natureza sertaneja se cruzam, interpenetram-se e configuram o sertanejo na sua totalidade, que tanto saber viver com os excessos, como com as faltas e as aporias. O mundo sertanejo desdobra-se e se reinventa nos fenômenos da seca e do inverno, mostrando ser uma região onde os movimentos da vida são reelaborados de acordo com a sua natureza indeterminada, abrindo sempre um novo campo de expressão que revela a vida nos meus momentos mais distintos e interligados.

O sertão é um lugar que apaixona pela sua condição de verão (ou seca) e de inverno (chuva). As duas formas de ser do sertão são o que faz sua expressão sensível estender-se para uma dimensão ampla que encanta com profundidade e beleza singular. Portanto é um lugar para ser penetrado com o coração e aprendido com sabedoria. Um lugar para ser vivido com o fluir dos sentidos, para se relacionar com paixão, amor e ternura. Enfim, é um lugar que está sempre ensinando por intermédio da natureza diversa e da arte poética que se mostram repletas de significações.

Caminhar nas veredas do sertão em busca de compreender sua natureza, povo e cultura literária move o entusiasmo que habita minha alma de sertanejo e

educador. O sertão como campo amplo de reflexões e de estudos mostra-se como um lugar onde a vida é construída pelas trocas de experiências no cotidiano das pessoas. Sua cultura, impregnada de representações simbólicas que se mostram na natureza, na existência do sertanejo e na arte poética, revela uma terra que, mesmo não se dando de forma ampla na sua revelação, mostra-se como um lugar aberto à percepção e aos aprendizados de uma educação tecida na sensibilidade.

Por isso, trilhar nas veredas do Pajeú e Cariri, conversar com os sertanejos, ouvir seus relatos de vida, sentir os ecos e as expressões da caatinga, foram de fundamental importância para reviver o sertão na qualidade de pesquisador. A experiência vivida durante a convivência com os sertanejos dilatou meu coração de homem do sertão e ampliou minha compreensão sobre uma região tão diversa e repleta de infinitas expressividades. Senti-me envolvido de outra maneira a partir dos estudos que venho fazendo por meio da filosofia, da literatura e da educação. Ancorado em tais conhecimentos e fundamentado na experiência vivida, o sertão no universo da minha interpretação ampliou sua existência, fez-me perceber de maneira mais profunda sua dimensão de natureza e de manifestação estética, dando mais suporte epistemológico para expressar um conhecimento sensível.

Mesmo tendo conhecimento sobre o sertão e a literatura poética, por meio da experiência vivida, foi a partir da leitura de algumas obras<sup>20</sup> de Merleau-Ponty que minha compreensão se alongou e pude perceber o sertão com mais profundidade. Os estudos do filósofo citado fez-me pensar melhor a natureza sertaneja, dilataram minha visão de mundo vivo e me fizeram caminhar nas veredas do sertão e na delicadeza das palavras poéticas, ampliando a percepção e me fazendo ficar admirado diante do mundo sertão, mas sempre tendo o cuidado em não transformá-lo numa ideia ou me acostumar com o fenômeno pesquisado, mas sim, vivê-lo com mais compreensão e profundidade.

---

<sup>20</sup> A Natureza (2006); Fenomenologia da Percepção (1999), O olho e o Espírito, A prosa do mundo, O visível e o invisível e Conversas.

## APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO A NATUREZA DO SERTÃO

No capítulo a Natureza do Sertão, nós fizemos alguns estudos para uma aproximação com a noção de Natureza em Merleau-Ponty. A reflexão partiu de alguns textos no livro *A Natureza* (2006), do filósofo citado, onde estão estudos sobre Descartes, Kant, Shelling, Bergson e Hurssel, estudados por Merleau-Ponty, para, com outros conhecimentos, formar seu conceito de natureza. Esses estudos nos ajudaram a pensar melhor sobre a natureza sertaneja, dando uma significante fundamentação para a realização da pesquisa. Assim, foi possível penetrarmos no corpo do sertão, sentirmos como a vida se mostra e como as relações são construídas por meio da experiência vivida do homem com outros animais e vegetais.

Foi possível percebermos a natureza em seus momentos mais distintos e as transformações que ela revela durante a época da chuva e verão. No mesmo capítulo, apresentam-se interpretações sobre a relação natureza e homem, transsubstanciada no sertanejo, pelo entrelaçamento com o mundo vivido, do sujeito que se percebe, percebe o mundo e que emerge dos sentidos uma educação sensível, manifestada de maneira profunda pelo encantamento e pela aprendizagem com o lugar em que vive. Essa forma de pensarmos uma sensível concepção de educação aponta caminhos para a compreensão da educação fora do tradicional espaço escolar e propõe uma aprendizagem tecida na experiência vivida do sertanejo pela sua relação com a natureza do sertão.

Refletimos sobre o sertão como um lugar de encantamento, onde há diversidade de uma natureza em momentos distintos, mas que estão em constante entrelaçamento, afetando a existência humana e educando o homem pelo viés de um logos estético. Percebemos que o sertão é um lugar que anda, pois seu sentido subjetivo de ser, de forma cultural e sensível, habita a interioridade humana e caminha pelo mundo por meio da intersubjetividade, quebrando fronteiras geográficas e aproximando os humanos pelos elos da experiência vivida.

## 1.0 A NATUREZA DO SERTÃO

Compreende-se o sertão por intermédio da sua natureza incerta, repleta de adversidades e de comunhão. Nela, a existência de momentos distintos e entrelaçados revela-se por meio dos sentimentos, das paisagens, dos elementos simbólicos, da cultura literária, entre outros aspectos. A natureza do sertão é tudo o que compõe o que está na terra, desde as serras, os rios, as lagoas, os vales, até os seres vivos. No sertão, uma jurema velha, desfolhada, repleta de espinhos pontiagudos, um umbuzeiro verdejante, a braúna frondosa, o mandacaru florido, o canto dos pássaros, a poesia dos sertanejos, a cultura, as mudanças da paisagem, as transformações dos seres vivos mostram-se como símbolos da expressão de uma natureza profunda e complexa<sup>21</sup> que brota do seu corpo sensível, diversas configurações que espantam, causam admiração e educam o sertanejo.

Pensar a natureza é buscar interpretá-la como um campo de significações da existência humana, mostrando a comunicação que existe entre todas as formas de vida. O entrelaçamento amplia o sentido de ser do sertanejo com outros seres vivos, e o humano aprende com o que faz parte da natureza. É um aprendizado emergido da experiência vivida com a terra e com os outros animais, construído pela observação sensível e pela experiência cotidiana com outros seres vivos.

Ao longo dos anos, o sertanejo tem aprendido pela experiência vivida uma educação entrelaçada com a natureza, fruto da vivência e da própria disposição sensível de relacionar-se com o mundo em que vive. O sensível é o campo aberto a sua experiência vivida. Ele dilata a percepção para as coisas que estão em seu entorno. O campo do sensível faz o sertanejo estar atento às manifestações da natureza, a buscar em cada movimento uma significação do que acontece ou do que está para acontecer. É o que nos diz a sertaneja Almeida (2011) sobre as manifestações da natureza:

Quando a acauã canta é sinal de chuva... O tetéu também quando canta anuncia que no sertão vai chover. Tenho muito respeito por

---

<sup>21</sup> O pensamento complexo parte de fenômenos, ao mesmo tempo, complementares, concorrentes e antagonistas, respeita as coerências diversas, que se unem em dialógicas e polilógicas, e com isso, enfrenta a contradição por várias vias (MORIN, 2000, p. 387).

esse pássaro, pois ele me ensina muito sobre a chuva. O pássaro tem uma música bonita. Eu fico alegre, porque é coisa boa que vai acontecer. Tenho aprendido muito com a natureza. As árvores me ensinam muito... O mandacaru quando flora é sinal de tempo bom (chuva)... O umbuzeiro também me ensina muito sobre a chuva.

Como podemos perceber no depoimento da sertaneja, existe um aprendizado do humano com a natureza, construído pela convivência e pela observação no dia a dia da sua existência. A aprendizagem desperta a introspecção de uma existência sensível que pode dimensionar um logos estético. O sensível nos habita e se faz presente nas coisas do mundo, revela-se e se desenha, mesmo que seja de forma implícita, com desvio e como uma não presença. O sensível nos faz participar do mundo do outrem e vice-versa, abrindo horizontes de sentidos (MERLEAU-PONTY, 1999).

Podemos perceber que a natureza é o movimento da vida e que se mostra a partir do que é percebido e vivenciado. Quando menos se espera, uma nova expressão se mostra da sua profundeza indeterminada, revelando novas configurações de algo que está sempre em movimento por meio de um corpo sensível que se renova e afeta a existência humana pela dimensão da sensibilidade.

Não devemos compreender que a natureza deve ser somente a partir das suas paisagens, como algo para ser contemplado pela admiração humana, dando a impressão de que ela está fora do ser humano, como um objeto a ser observado. A natureza está tanto no mundo externo, como se faz presente na interioridade dos seres vivos, por isso ela nos escapa, fugindo da compreensão de um conhecimento fechado sobre a sua maneira de ser.

Dentro de uma abordagem mais ampla, a natureza se apresenta como um espaço vivo, construída de significados que conferem e dão existência ao ser. O ser vivo, por meio dos sentidos, interage com a natureza num fluxo contínuo de vivências (MEYER, 2008, p. 203).

A interligação do humano com os demais seres vivos da natureza sertaneja revela que não existe uma relação à distância ou o sentido sujeito/objeto, mas sim, uma comunhão do todo interligando as partes para uma comunicação constante, moldada pela subjetividade que existe nos seres vivos, criando a intersubjetividade e formando uma expressão ontológica que expressa e põe sentido a existência, dilatando o mundo sertão para comunhão da vida.

## 1.1 APROXIMAÇÕES DA NOÇÃO DE NATUREZA EM MERLEAU-PONTY

“A Natureza é um objeto enigmático, um objeto que não é inteiramente objeto; ela não está inteiramente diante de nós” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 4), mas sim, está no entorno e dentro de nós, no objetivo e no subjetivo, aberta à experiência sensível que se amplia numa dimensão repleta de sentidos que estão sempre se renovando para novas configurações. Portanto a natureza se mostra como um Ser Selvagem<sup>22</sup>, sempre aberta à criação. O Ser Selvagem se faz presente no não dito. É o que abre a possibilidade para criação de sentidos e reflete o que ainda não foi pensado, mas que pode abrir espaços para outros dizeres e a elaboração de significados que ainda não foram formados (MERLEAU-PONTY, 2000).

Para Merleau-Ponty “é Natureza o primordial, ou seja, o não-construído, o não-instituído”... (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 04). Essa afirmação nos remete a algo que está na origem, antes de qualquer formulação; portanto a natureza antecede o pensamento objetivo e se faz presente como um Ser Selvagem.

Podemos compreender que “A Natureza é o nosso solo, não aquilo que está diante de nós, mas o que nos sustenta” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 4). Nessa concepção, comprehende-se que natureza é a solidade de se fazer presente no mundo, não como uma coisa que está a nossa frente para ser objetivada, mas é o que nos envolve com seu espetáculo de forma imprevisível. “A natureza é um princípio de significações. Ela é o grande referente, o princípio da realidade que estrutura a produção e recorta significados” (MEYER 2008, p. 28 Apud CASA NOVA, 1996).

A criação de sentidos mostra que a natureza sempre revela significações por intermédio das cores, da subjetividade dos seres vivos, da fauna e flora, das paisagens e dos movimentos, mostrando horizontes de sentidos, ampliações de expressões sensíveis que revelam sua maneira de ser e a expressão do humano nas suas diversas formas de existência, ampliando o sentido da vida que se expressa no que a natureza tem de mais singular e plural ao mesmo tempo.

---

<sup>22</sup> O “Ser Selvagem” de Merleau-Ponty é o ser da criação; ele habita as interseções do corpo em movimento; o abismo das expressões inacabadas; o silêncio de cada gesto que grita; a linguagem muda que fala alto; o impensado, a arte que está sempre por se fazer; a estesia da experiência estética; a explosão metafísica da expressão criativa e o eclodir do Ser no mundo (FERREIRA, 2010).

A Natureza é diferente, portanto, de uma simples coisa; ela tem um interior; determina-se de dentro; daí a oposição de “natural” e de “accidental”. E não obstante a Natureza é diferente do homem; não é instituída por ele, opõe-se ao costume e ao discurso (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 4).

Por ser algo que não podemos conquistar por meio do pensamento, instituindo-a, como algo pronto e inteiramente perceptível, a natureza se esconde entre as rochas da compreensão fechada e, como um rio que escorre para o latente de uma montanha, a natureza se transforma num lago oculto diante do pensamento objetivo. Sua textura entrelaça-se com o humano por meio de uma configuração de algo móvel e expressivo. Ela está sempre revelando novas configurações, mostrando diversas maneiras de ser. A natureza não repousa somente no humano ou no ambiente, por isso ela é um Ser<sup>23</sup> em movimento e que se faz presente em ambos, por meio do entrelaçamento, revelando-se por meio da expressão criativa.

A compreensão da natureza envolve tanto a subjetividade como a objetividade, proporcionando-nos um encontro com nós mesmos e com o mundo natural que nos cerca. Esse reencontro mostra a natureza como um Ser em transsubstanciação, impulsionada pela identificação do humano com a natureza como um todo, compreendendo-a como a nossa própria existência, como nos afirma Merleau-Ponty (2006, p.63):

Para reencontrar o sentido da Natureza exterior, cumpre fazer um esforço, a fim de reencontrar a nossa própria Natureza no estado de indivisão em que exercemos a nossa percepção: na medida em que sou idêntico à Natureza, comprehendo-a tão bem como a minha própria vida.

Na filosofia de Descartes, a natureza é vista como algo exterior, como *partes extra partes*, sem interior, tornando-se algo racional que se faz presente em Deus, pelo sentido da finalidade e casualidade, regida pelas leis do *naturante* ao *naturado*, mostrando-a de forma mecanicista, obedecendo a uma “ordem divina”. Assim, a primeira meditação cartesiana mostra que, para compreender a natureza, faz-se necessária a compreensão de um mundo regido por leis mecânicas, de causa e efeito,

---

<sup>23</sup> O Ser diz respeito ao ontológico, constituído como um único Ser e formado por vários seres (ABBAGNANO, 2007),

fragmentando-a em partes e perdendo toda a sua fluidez imprevisível de não se dar por inteira e de nos escapar sempre (MERLEAU-PONTY, 2006).

No composto corpo e alma, Descartes renuncia à compreensão de uma unidade que se torna impossível, pelo motivo de a alma ter que descer ao corpo. Nesse sentido, a união torna-se impossível, e resta para o filósofo o sentido de causa efeito, como a alma atuando no corpo (MERLEAU-PONTY, 2006). Vejamos a seguir a crítica que Merleau-Ponty faz ao composto corpo/alma pensado por Descartes.

O corpo unificado não é o próprio corpo, mas o meu corpo pensado pela alma. A alma é quem empresta a finalidade ao meu corpo; mas, considerado em si mesmo, um corpo permanece um corpo. Não há finalidade genética: o corpo humano fabrica-se como todo o resto, mecanicamente (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 28).

Corpo e alma não são compreendidos por Descartes como sendo uma unidade, e por isso a justaposição de uma alma que objetiva o corpo. Assim, a natureza humana segue a mesma ideia de algo mecânico; só que não mais governada por um criador divino, mas sim, pela alma, que anima e governa o corpo. “A ciência de Descartes celebra a diferença entre homens-animais ao recorrer à posição mecanicista. Tanto o corpo humano como os animais são apresentados como máquinas ou autômatos” (MEYER, 2008, p. 84).

A natureza está no mundo e no corpo humano. Ambos são do mesmo estofo, isto é, são feitos do mesmo tecido sensível e aberto a múltiplas significações num entrelaçamento que amplia a textura expressiva de ambos.

Se, na filosofia de Descartes, a natureza se apresenta como algo mecânico, sendo o humano um ser opaco diante da clarividência inteligível de uma coisa externa a ele, na filosofia de Kant, vamos encontrar no humano a natureza do Ser total. Merleau-Ponty (2006, p. 32) nos diz que, na filosofia da natureza de Kant, “o ser só tem sentido quando é particularizado por uma intuição sensível”. Essa ordem apresenta-se como uma particularidade contingente da “constituição humana”. Para Kant, segundo Merleau-Ponty (2006), é o ser natural o sentido de sua filosofia da natureza. Um ser absoluto que habita o homem e determina sua ligação com o mundo. Para o referido filósofo o sujeito humano é criador de sentidos; fundador de uma ontologia que está no próprio ser absoluto e não mais na natureza. É nesse sentido humanista da natureza, pensado por Kant, que Merleau-Ponty ergue sua

crítica, argumentando contra a concepção idealista de um ser determinado, como primeiro plano diante da natureza. Vejamos a crítica de Merleau-Ponty:

A partir do momento em que o objeto não é senão aquilo que percebo, nenhum risco existe de dúvida cética, na medida em que é entendido que esse objeto é único e que pode ter um sentido para mim, e que ele é coextensivo a tudo aquilo a que eu possa chamar de verdade e de Ser. A minha subjetividade aparece como poder de ordenação, capacidade da dar leis, de estabelecer a ideia de um mundo ao qual possa referir-me através da minha própria duração (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 33).

Como se pode perceber, Kant constrói um estatuto ontológico ao humano, sendo este um ser de liberdade no campo de uma natureza antropológica. O humanismo de um ser natural e absoluto é o que permeia a filosofia de Kant, em que a natureza se faz existir a partir do humano. A finalidade está no próprio ser humano, ao perceber a natureza e dar-lhe sentidos e significados (MERLEAU-PONTY, 2006).

A textura da natureza impregna-se de conexões sensíveis, construídas pelas relações dos seres que compõem o que está expresso e o que se oculta, formando um Ser ontológico, cuja estrutura se revela entre as bordas do objetivo e do subjetivo. Na natureza, cada sentido já surge revelando a inerência das relações que se entrecruzam, como uma expressão que se faz na dialogicidade.

Os movimentos da natureza habitam a existência humana, ampliando a percepção para uma melhor maneira de ver o mundo. A subjetividade humana desperta as sensações corpóreas, interligando as paisagens à dimensão dos sentidos, por meio do entrelaçamento que eleva o sensível para uma aproximação maior com o que está exposto na natureza.

As paisagens são percebidas e ganham existência porque estão impregnadas de significados que traduzem na memória e na expressão, em reminiscências do vivenciado e do experimentado. As sensações táteis, olfativas, visuais se estendem num *continuum*, sorvendo os espaços em evolução. As paisagens são vivas e mutáveis, sendo construídas e recriadas inteiramente pelo personagem com conhecimento e sentimento. Elas não se apresentam nem como cenário, nem como pano de fundo, tecem e bordam o pano da vida. (MEYER, 2008, p. 36).

Na citação de Meyer (2008), as manifestações da expressão sensível da natureza seduzem o corpo humano, beijam-lhe e abraçam-lhe como amantes num ato

de acasalamento, numa interanimalidade de contatos afetivos, formando um Ser que se revela pela dimensão do sensível.

A vida é tecida pela experiência, pelos contatos e pelas transformações, formando um grande tecido que liga seus lados e entrelaça cada significação por intermédio de uma relação perceptível do humano com a natureza. Esse entrelaçamento desperta a subjetividade humana, envolvida com as coisas sensíveis que fazem parte do sentido poético no que lhe atinge de mais profundo.

Na filosofia de Shelling, encontramos a noção de natureza moldada na experiência perceptiva que redescobre na natureza a identificação do humano. Para o referido filósofo o ambiente perceptível é a participação da vida nas coisas do mundo e vice-versa. A subjetividade, em Shelling, é a contemplação do mundo exterior em harmonia com o mundo interior, isso se dando através da percepção para uma concepção em que não existe sujeito/objeto, mas duas naturezas idênticas (MERLEAU-PONTY, 2006). “A filosofia de Shelling procura restituir uma espécie de indivisão entre nós e a natureza considerada como um organismo, indivisão condicionada pela indivisão sujeito-objeto” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 76). A relação natureza e humano, na filosofia de Shelling, configurada na experiência perceptiva, dimensiona o humano para uma relação em que ele se faz natureza, envolvido pela abertura ao mundo exterior. Nesse sentido, ele torna-se um sujeito da ação criadora, criando o mundo a partir da arte e recriando a si mesmo, como um ser da natureza (MERLEAU-PONTY, 2006).

Shelling apresenta o aparecimento do homem como uma espécie de recriação do mundo, como advento de uma abertura. A Natureza, por essa abertura, quando chega a criar o homem, vê-se ultrapassada a criar algo de novo. Mas o inverso é igualmente verdadeiro. Não só a Natureza deve tornar-se visão, mas é preciso que o homem se torne Natureza (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 77).

A relação natureza e humano, na filosofia de Shelling, desperta para uma consciência poética, que não se apossa do objeto, mas que busca compreendê-lo por meio da criação (MERLEAU-PONTY, 2006). Como podemos perceber, a natureza, na filosofia de Shelling, não está isolada em algum lugar, para mera contemplação; ela faz parte do humano e vice-versa, numa relação de unicidade para realização de uma poesia criadora de um mundo aberto por meio da experiência perceptiva. “Com Shelling, não convém fazer da história humana uma emanção da nature-

za, mas é preciso encontrar na natureza uma inércia, um horizonte sobre o qual o homem se destaca" (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 83).

Buscar na natureza o que ela tem de mais latente e subjetiva é mergulhar no ser humano, como um ser que se configura numa existência sensível, profunda e de horizontes que estão sempre se renovando. O mergulho na natureza humana em harmonia com o ambiente impulsiona uma sinfonia de sensações regida de sensibilidade pelo que o ser humano se constitui introspectivamente em relação com a natureza.

O ser humano, compreendido como um dos elementos da natureza, retorna a sua condição de igualdade, ocupando uma condição semelhante aos demais, apesar das diferenças entre uma pedra, uma planta, um bicho, um homem e uma mulher (MEYER, 2008, p. 100).

As diferenças se assemelham na expressão, em que a natureza como um todo se faz presente por intermédio de um corpo sensível e que se estende em cada revelação dos seres animados e inanimados. Não existe hierarquia na concepção de uma reversibilidade da natureza e do humano. A relação sujeito/objeto se entrecruza, interpenetra-se sensivelmente, como a mão que toca e que é tocada. Ambas são tocantes e tocadas ao mesmo tempo (MERLEAU-PONTY, 1999). O que impulsiona são as relações construídas pelo entrelaçamento para uma ação criadora que existe entre natureza e ser humano. A experiência perceptiva molda o processo da criação, onde o Ser da natureza se realiza.

O filósofo Bergson (apud Merleau-Ponty, 2006), ao pensar sobre os aspectos da natureza, afasta-se da ontologia de Shelling, por não ter como fim uma angústia pelo êxtase do humano em relação com a natureza. Bergson, embora se mostre, de início, positivo, afirmado em primeiro plano que toda percepção é pura, a qual o limite nunca é alcançado; em segundo plano, muda sua concepção e afirma que perceber é penetrar nas coisas e se fazer natureza (MERLEAU-PONTY, 2006).

Bergson não busca no desdobramento da reflexão a ação criadora, como na filosofia de Shelling; é no impulso, no chamado elã vital, do atirar-se ao fluxo, que surge o processo da criação. Para o citado filósofo, não é o corpo, a substância, a alma, um Ser organizado ou uma determinação, mas sim, é na duração, no fluxo, onde o passado e o presente em movimento se cruzam, por intermédio do tempo,

impulsionados pela diferença que surge de maneira imprevisível o Ser da criação. (MERLEAU-PONTY, 2006).

Ao pensar sobre a natureza, o filósofo alemão Husserl não se assemelha a Bergson, vai buscar em Shelling o idealismo transcendental no campo de uma filosofia da reflexão. Husserl não busca construir o objeto pelo entendimento, como sendo a “Natureza um correlativo das ciências da Natureza” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 117) no universo das coisas puras, de um ser objetivo, mas sim, desvelá-lo, compreendê-lo, não como dado final, mas como um parâmetro da verdade.

No pensamento filosófico de Husserl sobre a natureza, o ser objetivo está no corpo, no campo das sensações, do excitável e da percepção, em que o objeto torna-se sujeito e vice-versa, pela reversibilidade do tocante e do tocado. Mesmo que o corpo, através do tocar e ser tocado, faça-nos perceber as coisas de imediato, como uma pura consciência daquilo que se percebe, é no entrelaçamento da atitude corporal que não existe a “coisa pura”, pois o corpo não foi objetivado. O corpo será objetivado se ele se colocar diante dos outros corpos de forma sistematizada. Quando os corpos humanos, tomados pela percepção que um tem do outro, pelo tocar ou pela visão, de sujeitos encarnados que estão no intercruzamento das coisas que são verdadeiramente coisas para outros, não há mais dois sujeitos, mas sim, uma intercorporeidade (MERLEAU-PONTY, 2006).

Husserl não trata do sujeito como sendo só o humano, mas também através da terra, do seu sentido primordial, de uma camada anterior, de um ser pré-objetivo. Vejamos o que nos diz Merleau-Ponty sobre a natureza pensada por Husserl.

A terra como sede da espacialidade e da temporalidade pré-objetiva, pátria e historicidade de sujeitos carnais que não são ainda observadores liberados, solo da verdade, ou arco que transporta através do futuro as sementes do saber e da cultura (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 12).

No campo do saber e da cultura, brota o entrelaçamento do humano com o mundo. O quiasma (entrelaçamento) configura-se entre as dobras do objetivo e do subjetivo, na interseção do encontro, e se realiza na reversibilidade, fundando sempre uma nova expressão. O quiasma é a ligação do vidente com o visível, onde as coisas se apalpam, esposam-se e se interpenetram num cruzamento de acontecimentos, sem hierarquias nem determinações. Os fios da vida, repletos de significa-

ções, ampliam o entrelaçamento para a realização do que ainda não aconteceu e que pode criar horizontes sentidos (MERLEAU-PONTY, 2000).

O entrelaçamento entre natureza e humanos se constitui da passagem da animalidade para a realização da cultura por meio da expressão, ampliando a existência, partindo de um zero para a realização do que ainda não foi vivido e percebido. O entrelaçamento aproxima mundos, desvela sentidos, constrói significados e abre novas percepções do humano sobre si mesmo e o mundo que o cerca.

Assim como há uma reversibilidade daquele que vê e daquilo que é visto, assim como no ponto em que se cruzam duas metamorfoses nasce o que se chama percepção, assim há, também, uma reversibilidade da fala e do que ela significa; a significação é o que vem selar, fechar, reunir a multiplicidade dos meios psíquicos, fisiológicos, linguísticos da elocução, contraí-los num ato único, como a visão termina o corpo estesiológico; e tal como o visível capta o olhar que o desvendou e que dele faz parte, repercute nos seus meios, a significação anexa a si a fala que se torna objeto da ciência, antedata-se por um movimento retrógrado, nunca completamente falho, porque já, ao abrir o horizonte do nomeável e do dizível, confessava a palavra ter aí o seu lugar, porque nenhum locutor fala sem antemão transformar-se num *alocutório*, ainda que apenas de si próprio, sem fechar com um só gesto o circuito de sua relação consigo e com os outros, e ao mesmo tempo instituir-se também como *delocutório*, fala de que se fala -: Ele se oferece toda a fala a uma Palavra universal (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 148-149).

Como os galhos das árvores que se cruzam, abraçam-se e se entrelaçam para a formação da copa, o quiasma natureza e humanos interliga ambos para a constituição de uma simbiose que alimenta a existência de cada um e transcende um existir compartilhado de trocas e cooperações, formando a copa da existência. O quiasma amplifica a natureza e o humano pelos fios da objetividade e da subjetividade, criando uma intersubjetividade e despertando no humano o sol de uma sensibilidade que o liga aos outros animais e vegetais. O entrelaçamento sensível do humano com a natureza faz eclodir do corporal sensações, emoções, afinidades, afetos, respeito e amor pela força da atração sinestésica que a natureza tem em tocar e apalpar a existência humana. Essa relação afetiva faz emergir do humano uma educação experimentada de forma sensível, vivenciada no corpo e na compreensão de que a natureza está tanto no entorno como no corpo humano.

É no abraço entre o sertão e os seres vivos que o compartilhamento da vida é realizado para a fundação de uma expressão que diz muito da natureza. Ele surge por meio do afeto e da compartilha em busca de uma verdade dialogada pelo entre-

laçamento de tudo o que está posto no mundo sertão. Nesse sentido pode-se perceber que a vida no sertão se realiza num grande abraço.

O abraço é a aptidão para empreender a partilha, o consolo, a solidariedade e o afeto. Abraçar é prover, pela relação dos corpos, a dialógica dos espíritos. Por vezes, entretanto, o abraço prescinde a própria matéria, e podemos falar, sem exageros, que abraçamos ideias, utopias, projetos políticos, esperanças (ALMEIDA, 2000, p. 21).

O entrelaçamento natureza, humanos, educação, constitui-se num abraço para a seiva da vida. Cada sentido que se expressa no humano pelo seu envolvimento sensível com a natureza é um fluxo da vida, um impulso que move o viver sempre de forma renovada, transformando a existência a cada contato do humano com a natureza, despertando o encantamento com o lugar em que está inserido.

## 1.2 O SERTÃO ENCANTA

Como expressão sensível, o sertão é um lugar de encantamento. Nele, o humano emerge dos sentidos uma profunda admiração que toca o sentimento sertanejo pelo que a natureza tem de mais belo e assustador. A florada da jurema, o canto seresteiro de um tenor sabiá, a delicadeza de um beija-flor, o pôr-do-sol que avermelha a abóboda celeste, a agressividade dos espinhos dos cactos, são momentos de encantamento que tocam a sensibilidade do sertanejo, despertando no espírito um profundo estado de devaneio e admiração. A expressão do sertão borda os sentidos com sua força de atração pelo que ele tem de mais primordial. Sua linguagem é a revelação de um corpo sensível, expresso por meio de uma natureza imprevisível e de um grande mosaico humano.

A força magnética do sertão é o que desperta e revela um encantamento estético num movimento de sentidos que aproximam os humanos com outros animais, entrelaçando a existência de ambos para uma comunhão de vidas numa constante inherência, vivida no corpo e ampliada na sensibilidade de maneira encantadora. É o que nos diz o sertanejo paraibano Silva (2011) diante do espetáculo de significações da natureza sertaneja.

Ouvir um cordoniz cantando, uma juriti bebendo num barreiro, bem cedinho; uma rolinha dando comida aos filhinhos, um sabiá seres-

tando na braúna; isso sensibiliza e modifica a gente... Deixa a gente mais perto dos bichinhos. Deixa o coração confortado.

O depoimento sensível do sertanejo Silva mostra o sertão de forma encantadora, que penetra no corpo do sertanejo, afetando a sua existência, modificando sua maneira de ser e educando os sentidos para uma melhor compreensão do lugar em que vive. A abertura do sensível faz o sertanejo se aproximar dos animais, a fazer parte deles, desvelá-los pelo viés de um logos estético. O sensível nos leva a conhecer e compreender o que está oculto, do outro lado das coisas, sem que precisemos positivamente instrumentá-lo, mas, sim, penetrar na sua espessura e vivê-lo (MERLEAU-PONTY, 1999).

Para refazermos nossa relação com a natureza, é preciso que nos sintamos como seres da natureza em toda a sua amplitude. Por isso, precisamos rever o nosso contrato animal, como nos comportamos dentro da imensa cadeia biológica dos seres vivos e qual nosso papel na natureza. Ao longo dos tempos, atrelados ao pensamento sujeito/objeto, temos nos apossado da natureza, como se ela fosse algo a ser usado e que não tivesse relação com nossa existência.

A quebra do Contrato Animal tem sido desastrosa de duas maneiras distintas. Em primeiro lugar, rompeu a complexa rede biológica de formas de vida neste planeta. Ela tem sido abalada e desfigurada de tal forma que agora existem sérios riscos de crise de alimentação, formas de epidemias e um colapso nos ciclos de vegetação. Pode ser que nos transformemos nos maiores construtores de desertos da história. Além disso, esse rompimento nos deixou tão longe de nossos companheiros animais que já não raciocinamos de maneira biológica. Já não percebemos que necessitamos de soluções biológicas para muitos de nossos problemas: não soluções químicas, matemáticas ou até políticas, mas soluções animais, pois nós somos animais (MORRIS, 1990, p. 14-15).

Reconhecermos a nossa condição animal possivelmente seja o nosso reencontro com a natureza. Esse religamento restitui nossa compreensão de que podemos aprender com outros seres vivos. Nessa configuração de convivência, a expressão do sertão constrói um elo entre o homem e os demais animais. A concepção homem e natureza, como dois fios de uma mesma existência, amplifica o sentido de sertão para uma realização fundamentada nas trocas e cooperações, tendo a costura do sensível como uma tecelã para fundação do sertão profundo.

Por meio da expressão, o sertão é uma explosão sensível em que eclode do profundo uma diversificada natureza, distinta em seus momentos adversos que demonstram ora uma paisagem verde e exuberante, ora uma aridez desértica e assustadora. Mas, em ambos os momentos, o sertão expressa um Ser sensível do seu corpo num turbilhão de movimentos, repletos de signos e símbolos, os quais vivem abertos para elaborações sensíveis, mostrando um lócus que penetra nos recantos latentes da existência dos seres vivos, construindo relações num entrelaçamento corpóreo que revela a vida de maneira variada.

O corpo do sertão revela sentimentos de um lugar onde os extremos da vida são configurações do cotidiano, vivido nos sentidos, nas paisagens e nas relações, pela inerência sensível do humano com a natureza sertaneja. Cada expressão do sertão é constituída por uma rede de ligações de espécies que se comunicam numa interação de vidas animais e vegetais como fios de um mesmo tecido. O amálgama da caatinga amplia a paisagem e molda a maneira de ser do sertanejo. Essa configuração entrelaçada move a natureza e os seres humanos para expressões que se assemelham. A cultura do sertanejo, na sua expressão estética, revela as cores, os sons e os movimentos do sertão.

Podemos perceber na caatinga as adversidades de uma natureza que funda a cultura sertaneja, sempre expressando novas manifestações estéticas. Como a natureza está sempre se reinventando, criando sentidos, os humanos do sertão também estão sempre mostrando novas formas de ser, mesmo quando a vida se encontra nas incertezas e nas contingências. Do mesmo jeito que a caatinga se mostra na sua diversidade, o sertanejo se revela de maneira distinta, fundando sempre uma nova expressão que diz muito de si e do mundo vivido.

O domínio da caatinga é, desta forma, extremamente diversificado em tipos de paisagem: serras de média altura, rios com drenagem intermitente, encostas pedregosas, depressões, áreas semidesérticas, encraves com maior umidade e com variação altitudinal bastante nítida (Maranguape, Baturité). Tudo isso, somado à tipicidade do homem regional em sua maneira de vestir, de morar, de deslocar-se em suas culturas, em seus animais domésticos e nos instrumentos de pesca e de captura de animais (arapuca), empresta à caatinga, tanto no segmento natural quanto no social, o caráter de uma região de eleição para a diversidade que prende e encanta o visitante (MELLO FILHO, 1995, p. 27).

Moldado pelo encantamento, o sertanejo ou visitante sente a aproximação que penetra no orgânico, mexe com cada célula, excita o sistema nervoso, amplia a concepção de mundo vivido e causa uma leveza de amor e admiração pelo sertão. Essa relação intrínseca eleva cada partícula da existência do sertanejo, fazendo-o buscar em cada movimento da natureza um aprendizado com as coisas que fazem parte do mundo vivido para uma melhor convivência. Cada aprendizado é uma lição de uma natureza que, por ser adversa, tem muito que ensinar ao sertanejo. Por meio do encantamento e respeito às coisas do sertão, uma educação despertada pelo universo do sensível emerge dos sentidos, e o sertanejo aprende, com amor e dedicação, como cuidar da terra, dos vegetais e de outros animais. Isso mostra como o sertão se expressa de forma encantadora, como um Ser sensível, cuja estrutura existencial se encontra na paisagem e na interioridade humana.

O sertão, como um Ser sensível, tanto se faz presente no humano como se faz na natureza. Ele está intrinsecamente ligado ao mundo da objetividade e ao da subjetividade. Nesse sentido, o antropólogo Claude Lévi-Strauss (1996, p. 151) nos diz:

É verdade que também traduzo ‘sertão’ por brousse (mato). O termo tem uma conotação um pouco diferente. ‘Mato’ refere-se a um caráter objetivo da paisagem: a brousse, no seu contraste com a floresta; ao passo que ‘sertão’ refere-se ao aspecto subjetivo; à paisagem em relação ao homem.

Podemos perceber, na citação de Claude Lévi-Strauss (1996), as dimensões do sertão se entrelaçando e formando um corpóreo sensível que faz da existência um caminho aberto para uma revelação expressiva, pelo fazer e refazer da vida, o começo e o recomeço, onde o outro não se encontra isolado, mas sim fazendo parte de um mesmo mundo, onde as adversidades se encontram, dialogam, ampliam-se, abrindo caminhos para construções de signos.

A dimensão sensível do sertão vai muito além do que imaginamos ou podemos compreender. Não é um estado de consciência isolado do mundo que se mostra numa transcendência que se resume em si mesmo. É o envolvimento com o espetáculo da experiência vivida, num entrecruzamento de vidas que se realizam nessa experiência.

O “sertão” acaba sendo toda uma confusa e tumultuada massa do mundo sensível, caos iluminado que só uma ínfima parte nos é dado a conhecer, precisamente o que nos avista ao longo das “veredas”, tênues canais de penetração e comunicação (RÓNAI, 2006, p. 16).

Expressando-se por intermédio de uma singular maneira de se ocultar, o sertão é uma terra que está sempre se recomeçando como um ponto de transmutação, revelando o que está sendo e o que poderá ser por meio do sensível e mostrando do seu corpo as configurações de uma terra que tem muito que expressar.

As elaborações do sertão estão sempre se renovando, preservando-se na origem, movimentando-se nos canais do seu corpo expressivo e se transsubstanciando pela textura de ligações de vidas distintas. No sertão, tem-se a impressão de que as coisas estão começando, como se nunca existissem, mas de repente tudo muda, e percebe-se que o que está sendo posto são configurações existentes de um corpo sensível que sempre existiu e não se esgota.

No sertão, as cores se combinam, misturam-se, afastam-se, expressando os tons dos animais, minerais e vegetais numa semelhança que mostra a tinta do pincel da natureza pintando todo o corpo da terra. O mimetismo não é apenas um quiasma da vida se preservando ante a ameaça da sobrevivência ou do aniquilamento, mas sim, é também um entrelaçamento de corpos que se misturam numa semelhança que amplia a expressão. É o que revela o cordoniz ao se assemelhar com a terra, pois as cores do solo e do pássaro possuem os mesmo tons, como se os dois fossem feitos da mesma coisa. A cor amarelada da terra, os tons mais escuros das pedras, a harmonia imagética do solo expressando o mesmo desenho da aridez dos campos desertos misturam-se com as cores do pequeno cordoniz no seu repouso momentâneo, como se estivesse colado à terra. No util pássaro, percebe-se os mesmos tons da terra, misturando em cores e expressões que configuram a existência do cordoniz com a terra, como se fosse a expressão percebida de um único Ser.

A relação do animal com o meio é uma relação física, no sentido estrito da palavra? A questão é justamente essa. O que o mimetismo parece, pelo contrário, estabelecer é que o comportamento só se pode definir por uma relação perceptiva e que o Ser não pode ser definido fora do ser percebido (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 307).

O codorniz é percebido dentro do ambiente, onde a sua existência encontra-se entrelaçada com a terra, ampliando-o em cores e movimentos, como sendo dois seres interligados pelo mesmo tecido da natureza sertaneja. O pequeno pássaro amplia a natureza em que a revelação ganha um sentido expressivo que mostra o cordoniz num espaço onde as cores expandem a existência do sensível pássaro da caatinga. A inércia do seu movimento é como se a terra estivesse estática, e a natureza recolhida, para, em seguida, a revelação dos dois seres ligados em harmonia com tudo o que se faz presente. A semelhança do cordoniz com o ambiente revela que no mimetismo o tecido da natureza tem as mesmas coisas. Não é puramente um sentido de finalidade, mas a harmonia entre o citado animal entrelaçado com o mundo em que vive. A aproximação das cores e forma mostra que o pássaro está intrinsecamente ligado ao ambiente, causando a impressão de que é a formação de um único Ser.

Parece que a semelhança é a operação da Natureza, seja como for o modo como se entenda, quer como prova um tanto vaga da finalidade, quer, antes, como uma relação misteriosa entre o animal e o meio que se assemelha; havia uma espécie de relação íntima entre aquilo que está dividido no mundo do espaço, uma unidade do “mundo da vontade” que se esconderia atrás das divisões do “mundo da representação” como diria Schopenhauer (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 301).

Por meio do mimetismo, as espécies se aproximam para uma coloração e formação, dando a impressão de que os seres animados e inanimados foram feitos com as mesmas tintas e matéria física. A combinação não é uma mera coincidência, mas há expressão da interligação que existe na natureza, onde as coisas estão sempre em harmonia para uma expressão de unicidade.

Cada imagem é formada pelo elo que existe entre os seres animados e inanimados, formando uma paisagem que se mostra única. Isso faz do mimetismo do cordoniz a interligação da natureza pelo sentido de ser englobante, de aproximar as coisas para uma revelação que se faz presente no universo estético da expressividade. Isso mostra o sertão pelos fios do encantamento que se revela e se oculta. Cada nova expressão desenha uma paisagem diferente, dando a impressão que a natureza do sertão nunca está concluída. Há sempre diversas expressões que mostram outras configurações de um lugar que não é concluso, mas que é possível vivê-lo de maneira sensível. É justamente a expressão do cordoniz no corpo da natureza

revelando o quiasma da existência para a comunhão da vida num abraço de sentidos que dizem muito da natureza sertaneja.

Imagen 02 - Pássaro Cordoniz



(Fonte do pesquisador)

O mimetismo do cordoniz com as pedras e a terra unifica a paisagem, e explode uma expressão estética repleta de sentidos e significados que revelam o mundo percebido do sertão. O mimetismo se mostra como uma simbiose de seres que vivem de trocas permanentes, num constante diálogo para a seiva da vida que alimenta todas as espécies.

No mimetismo que dissolve os indivíduos – todo ser vivo de uma determinada espécie - em imagens enlaçadas, um só caule de mandacaru pode abrigar sapos e manés-magros num mesmo festim. A planta e o bicho adquirem forma e cor um do outro; enquanto o sapo passeia entre estiletes afiados do caule, no fruto do mandacaru uma intensa luz própria, como se estivesse aprisionado e retribuído ao sol que o fizera versejar (KAZ, 1995, p. 22).

Cada movimento da natureza mostra a vida interligada pelas cooperações dos seres vivos. Isso tanto na natureza do sertão, como na natureza de outras regiões. Nada se encontra isolado e preso a uma ideia objetiva. A terra ensina aos humanos, e estes mergulham no ventre da terra, esposam o solo, fecundam seu útero por intermédio das plantações de frutos que servirão a si próprios e aos seres que habitam o mesmo espaço geográfico. A simbiótica relação dos humanos com os outros animais e plantas amplifica-se numa educação de respeito pela terra e pelos seres vivos. Pela dimensão do sensível a educação do sertanejo em relação com a natureza habita o corpóreo humano, infiltra seus raios de significações na floresta dos sentidos, latejam os músculos, aquece a pele e acelera a pulsação pelas manifestações estéticas, causando-lhe uma admiração pelo espetáculo sensível do encantamento sertanejo.

Impulsiona no sertanejo o sentimento de admiração por causa das chuvas ou de medo pela presença da seca. Isso faz do sertão um lugar adverso, mas que encanta independente de como se mostra. O sertão habita a terra e o oculto do humano. Por isso as maneiras de ele se expressar sensivelmente estão entrelaçadas com a do humano ao revelar-se esteticamente. “O ambiente/sertão não está separado das pessoas, dos bichos e das plantas, e sim, dentro de cada um, caracterizando o jeito de ser e de viver” (MEYER, 2008, p. 193).

Podemos compreender que sertão não é uma ideia construída pelo pensamento objetivo, mas sim, é um Ser sensível em movimento que molda a existência para diversas configurações do humano de ser e de estar no mundo; não como um sentido de causa e efeito, mas como uma relação de inerência que existe entre ambos. “As dificuldades de compreensão da *ontologia do sertão*, com suas ambiguidades, ambivalências, contradições, paradoxos<sup>24</sup> e aporias são do mesmo caráter das que se referem a condição humana” (MELO, 2006, p. 114).

É justamente o sentido de não constituído que o sertão mostra a sua magnética força por meio dos elementos simbólicos que se fazem presentes nas expressões estéticas, reveladas na dimensão sensível de uma natureza repleta de momen-

---

<sup>24</sup> O que é contrário à “opinião de todos”, ou seja, ao sistema de crenças comuns, a que se fez referências, ou contrario a princípios considerados sólidos ou a produções científicas (ABBAGNANO, 2007, 752).

tos distintos e de beleza singular. A caatinga é um bioma único no imenso corpo do planeta Terra. Essa singularidade do sertão por meio da uma natureza única, imprevisível, ambígua, assustadora e acolhedora é a expressão viscosa que aproxima o sertanejo para uma convivência interpenetrada em sua existência. É o que nos diz o sertanejo Araújo (2011) ao falar do amor e da aproximação com a vegetação cactácea do seu sítio, que, mesmo repleta de espinhos afiados, o sertanejo se sente confortado e acariciado sensivelmente diante da expressão estética dos cactos.

Eu gosto de olhar a vegetação! O mandacaru. Os ângulos dele, os espinhos, a seiva, as flores, as proteínas, as resistências, as cores. Quando estou andando no meio deles me sinto muito bem. Passo horas e horas olhando. Não tenho medo dos espinhos. O plantio que tenho, é como se fosse minha família. Gosto muito (ARAÚJO, 2011).

Vê-se no depoimento do sertanejo citado a aproximação com os cactos, revelando o quanto a natureza e os humanos estão ligados quando a disposição do corpo em sentir se encontra entrelaçada com o mundo vivido. A experiência do sertanejo Araújo com os cactos é o elo de vidas que se comungam para um abraço de afetos. O sertanejo aprende com os cactos, e os cactos recebem dele toda uma atenção especial. Esse diálogo sensível e de sobrevivência faz da vida de ambos uma existência compartilhada que cria sentidos e abre caminhos para novas significações.

A Natureza é aquilo com que tenho uma relação de caráter original e primordial, é a esfera de todos os “objetos que podem ser apresentáveis originalmente e que, pelo fato de que são apresentáveis a um determinado sujeito, o são a todos os outros”, ou “a Natureza é a totalidade dos objetos possíveis apresentáveis originalmente, os quais, para todos os sujeitos originalmente comunicantes, constituem um domínio de presença originária comum”. É a natureza matéria espaço-temporal... o único mundo para todo mundo (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 153).

Por meio da expressão dos cactos apresentada por Araújo percebe-se uma natureza compartilhada com quem tem acesso ao mundo vivido do sertanejo citado. O ambiente sensivelmente expresso na vegetação habita o corpo de Araújo e se estende a outros corpos abertos à disposição estética da vegetação. Ao caminhar ao lado do sertanejo por entre os cactos, uma sensação invade os sentidos, tornando a existência interligada com o espaço florido e verdejante do ambiente. Esse lugar re-

pleto de significações é que educa Araújo pela dimensão do sensível. No citado lugar, o sertanejo aprendeu sobre a vida da vegetação, como ela se mostra no verão e no inverno e como pode ser alimento para os animais de criação.

Apreendida pelo entrelaçamento do sertanejo com o mundo vivido, a educação se faz pela relação cotidiana com as coisas que estão na natureza, onde os movimentos dos pássaros, dos insetos, a mudança da vegetação, os ventos e o comportamento dos animais são sentidos no corpo, percebidos pela sensibilidade e penetrados na compreensão do humano com o lugar em que vive.

No sertão, as coisas distantes parecem próximas pelo forte elo que existe entre os seres que nele habita. O elo é formado por um corpo sensível que explode na paisagem, expressa-se nos seres vivos, revela-se na existência humana e amplia o sertanejo por intermédio de uma linguagem estética. A força de aproximação e distanciamento do sertão é a razão imprescindível de uma natureza que não é dada por inteira, mas que nos atinge por meio do sensível e que é possível vivê-la.

A Natureza só nos é dada pelo “despertar sensível” e a percepção nos fornece um termo que não pode ser mais aproximado. Não só a Natureza é, para o pensamento, “natureza fechada”, mas também é fechada para a própria revelação sensível. A revelação sensível coloca-se em presença de um termo que não pode ser mais aproximado, que é o seu *terminus*, sendo o seu próprio contrário na medida em que ela é revelação, em que ela “repousa em si”, em sua opacidade. Ela está, portanto, primeiro, tão próximo quanto possível, o que há de mais próximo, e segundo tão distante quanto possível, separada de nós por toda distância de sua coincidência consigo, por sua viscosidade. Portanto, ela está simultaneamente próxima e distante. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 193-193).

É pela inerência construída por intermédio da relação sensível entre o humano e a natureza que o sertão se torna um lugar ao mesmo tempo próximo e distante. Nesse caso, o sensível se estende e ganha uma dimensão de sentidos pelo que terra lhe afeta no que há de mais profundo nos campos da subjetividade. O sertão é um horizonte de sentidos, o qual não se alcança completamente, e mesmo que possamos percorrer os seus caminhos, o sertão anda, estende-se e parece que estamos no mesmo ponto de partida. A expansão do sertão se alonga sem que possamos concluir como algo pronto e definido.

Sertão é para se viver. Sentir cada força da beleza que explode do seu corpo expressivo. Embriagar-se com seus movimentos de indeterminações constantes,

manifestados nas auroras das certezas e no ocaso das incertezas. Perceber seu horizonte se alongando, numa dimensão que parece que não existe fim. Envolver-se com uma paisagem que muito diz do ser humano por intermédio das invernadas e estiagens que mostram a natureza aberta à experiência vivida.

Sertão é o que não se apreende por objetividades e exatidões, é o subjetivo, o inexato, o ambiente, aquilo que não se sabe ao certo. O infindável, o interminável, o perigoso, o desconhecido, não apenas em extensões territoriais de caráter físico, háptico, mas também em extensões territoriais de caráter atópico e utópico: é o eterno devir, aquilo que está continuamente em construção, o território da vida, da existência: “Viver — não é? — muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo.” (GSV, 517-518). Sertão é o ∞ (GSV, 538). Infinito: “o mais importante é bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando.”(GSV,15) (MELO, 2008, p. 115).

As mudanças da expressão do corpo do sertão são regidas pelas transformações da natureza que está sempre em movimentos impregnados de expressões sensíveis, manifestados em todas as formas de vida e de elaborações estéticas que brotam do humano e ornamentam o sertão por meio de uma cultura diversificada, expondo a sutileza de um lugar que se encanta e se desencanta através dos elementos simbólicos, repletos de signos.

O Ser do sertão se mostra como uma configuração que revela a vida numa dimensão de sentidos aberto pelas amplas expressões sensíveis e estéticas. A sinergia que move seu expressivo corpo faz dos seres vivos e do ambiente físico uma harmonia de vidas que mostram um lugar onde tudo está relacionado e entrelaçado por um sentido profundo de existência e coexistência. Assim, vamos encontrar no corpo do sertão a vida em completa simbiose, constituindo a relação de compartilhamento entre as espécies, fundando uma expressão que amplia a natureza através das trocas e cooperações, sempre em comunhão para a preservação da vida. A sinergia unifica os seres vivos pelo amálgama dos afetos, como os beijos do colibri numa delicada flor.

As relações que a espécie humana mantém entre si e com os demais seres animados e inanimados é a reordenação do mundo natural que se fundamenta em duas perspectivas sobre as quais a natureza é concebida. A primeira focaliza o ser humano separado da natureza e se caracteriza pela postura antropocêntrica, utilitária e civilizada. A

segunda vê o ser humano na natureza, interagindo com outros animais, vegetais e minerais. A segunda apresenta um conceito dinâmico de ambiente, do qual o ser humano é um elemento ativo e interacionista, e faz oposição a concepção anterior, que mostra o ambiente como algo pronto, dado, destacado, em torno e periférico do homem (NUNES FILHO, 2008, p. 75).

Na citação de Nunes Filho (2008), podemos perceber a natureza no sentido de interação com o humano e dimensioná-la para uma concepção de que o sertão, em toda a sua expressão sensível, sai da terra, penetra no corpóreo humano, ganha uma configuração estética andante, por intermédio de uma variedade de elementos simbólicos, os quais dizem muito da terra e do humano pelo que a natureza tem de mais significativo.

A vida no sertão se desenrola de maneira sensitiva e envolvente. Cada pedaço da terra é um pedaço do sertanejo, e quando a terra sofre, os seres vivos sofrem com ela, numa relação de cumplicidade, como os galhos de uma mesma árvore. Viver no sertão é desenvolver uma capacidade inexorável de estar ligado por um elo onde a vida está sempre provocando novas formas de convivências e reinvenção de si mesma. O sertão expressa uma natureza que provoca no ser humano a admiração profunda, abrindo a percepção para um mergulho na sua profundidade original e primordial, afetando sensivelmente quem abre a disposição sinestésica para uma aproximação maior. No corpo do sertão, encontram-se os movimentos sensíveis explodindo na paisagem e por dentro dos seres vivos, revelando diversas manifestações da natureza, onde a vida flui de forma paradoxal e ao mesmo tempo harmoniosa.

Todos os seres vivos comungam o mesmo chão, ar e água do sertão (é uma intensa e borbulhante vida impregnada de beleza que conduz a descoberta do outro como um sujeito ao mesmo tempo igual e diferente) e se envolvem através de uma religiosidade traduzida pela irmandade do universo, que possibilita encontrar os fios que tecem a teia da vida (MEYER, 2008, p.130).

No imprevisível corpo da natureza do sertão, tecido pelas relações e ligações de vidas distintas, expressam-se diversas maneiras de existência, fundamentadas no que a terra tem, como sendo um lugar em que nada está determinado. Uma ju rema que, durante a aridez do verão, mostra-se toda desfolhada, só tendo os galhos espinhosos expostos para o mundo, dando a impressão de estar morta; em outros

momentos, a mesma árvore se veste de um verde encantador, e florescem lindas flores que exalam um perfume delicado. Esse dois momentos distintos mostram a expressão do sertão de forma diversificada que diz muito de um lugar que está sempre se transformando. Por isso a vida por intermédio da natureza do sertão se faz pelas antíteses elaboradas pelo viés de se fazer presente e de se ocultar, mas sempre ligada pelos fios das partes distintas para uma comunhão do todo.

A vida esconde-se na mesma medida em que se realiza. Ao mesmo tempo em que se estende o domínio da totalidade, essa totalidade traduz-se por uma organização de partes distintas. A justaposição final resulta da integração inicial (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 236).

No sertão, a vida durante a seca não repousa na estática do nada, como se estivesse tudo morto, sem expressão e sem elaboração estética. Ao contrário, durante o verão a vida se reelabora, reinventa-se e se mostra de outra maneira. As árvores, outrora verdes, desfolham-se e expressam uma nova estética, estendendo seus galhos para o horizonte vertical, como se fossem buscar água nas nuvens distantes, as quais poderiam amenizar sua existência nos dias de grande insolação.

Erguida para o horizonte celeste, a aroeira estende-se e abre a sua copa seca, repleta de galhos contorcidos, como se estivessem sofrendo alguma contração dolorosa. As folhas cintilantes das outrora madrugadas invernais, banhadas pelos ósculos dos orvalhos cristalinos, não existem durante a aridez do verão, e os presentes galhos nus suplicam ao céu os beijos das chuvas para que tudo volte a reflorescer.

A citada árvore que nas invernadas recebia uma infinidade de pássaros cantantes, como a casaca-de-couro, o sabiá, a craúna, o concriz, o canário, o pintasilvo, o azulão, entre outros, no verão fica despida das folhagens e recebe os raios causticantes do sol abrasador. Somente algumas vezes alguns pássaros pousam nos seus galhos ressequidos e entoam uma canção triste e solitária. A velha aroeira que outrora teve a copa fechada, repleta de ninhos de diversos pássaros alegres e cantantes, durante o período do verão, despida, revela uma estética crepuscular repleta de encantos e delicadezas.

Mesmo sem folhas, a aroeira desenha um painel de beleza singular que esteticamente revela a vida de outra maneira, mostrando que no sertão as expressões podem ser vistas por outra perspectiva. Seus galhos se parecem com braços abrin-

do as mãos para o horizonte, numa súplica sertaneja. O porte secular da árvore citada encanta a percepção, dilata a disposição sensível e amplia a aroeira pelos canais da sensibilidade, tornando a natureza sertaneja viva de expressões, numa época em que tudo parece estar morto.

Vendo a aroeira, sem folhas, numa tarde crepuscular, quando o poente azulado com reflexos dourados tinge o espaço celestial, jogando fagulhas amareladas na velha árvore, percebe-se uma estética que desenha na paisagem do sertão um momento de beleza singular, afetando a existência de quem abre as “portas” do sensível para os encantos da natureza do sertão.

Imagen 03 - Árvore Aroeira



(Fonte do pesquisador)

Como podemos perceber na imagem da aroeira, há todo um mundo de beleza e fascinação, mostrando que, mesmo nos momentos de sequidão e incerteza, a árvore mostra sua imponência de maneira presente, repleta de vida por meio de uma estética crepuscular que muito diz de um sertão que encanta, anda e se transforma.

### 1.3 O SERTÃO ANDANTE

O sertão se move, reinventa-se, mostrando ser um lugar complexo por meio da uma natureza imprevisível, afirmado-se como um lugar expressivo que é não dado e nem é determinado. O que constitui sua existência encontra-se na paisagem e na interioridade do homem e de outros seres vivos. Por isso o sertão é andante (ROSA, 2001).

Importa saber que o sertão tem um lado físico e outro figurativo. O primeiro está ao alcance dos olhos. O segundo, dentro da gente. Na alma, no coração, nos sentimentos. Não basta nascer no sertão. É preciso integrar-se à terra, imanar-se ao povo. O sertão é um arquétipo que modela a alma e dá uma configuração permanente e original ao ser. Se alguém vai embora, o espírito do lugar acompanha o fugitivo e permanece nos caracteres atávicos latentes manifestados nas atitudes do dia a dia. Não se trata de um determinismo geográfico. É a conjunção de fatores físicos e sociais. Quem olha para um sertanejo, onde quer que ele esteja, percebe algo diferente no olhar, nos gestos, no linguajar, na maneira de andar e de agir. É o *ethos*, a força da terra, o espírito do lugar que o acompanha. (NUNES FILHO, 2008, p. 42).

Na citação de Nunes Filho (2008), percebemos que o sertão é um complexo movimento que se realiza na exterioridade e na interioridade do humano, penetrando nos lugares ocultos da existência que, entrelaçada com a paisagem, expande-se para o mundo através de uma expressividade repleta de poeticidade.

A expressão do sertão é configurada pela rede de ligações entre os seres que nele habitam igualmente a um tecido costurado por vários fios distintos e que formam uma harmonia do todo, mostrando a diversidade. Os animais, vegetais e minerais se constituem como um só elo, numa interação em que não existe determinação, mas sim, a formação de signos e de símbolos que são criados e recriados a cada instante, abrindo espaço para elaborações de sentidos. A terra árida, mas rica em minerais nutritivos, quando chove, brota uma diversificada vegetação que serve de alimento para os animais. A cadeia biológica do sertão, construída de excessos e faltas, constitui-se como um nicho de vidas entrelaçadas numa expressão complexa, onde tudo está interligado.

Por não se mostrar por inteiro, a natureza do sertão se constitui como algo que está sempre se revelando de forma indeterminada. O que a compõe como uma constante criadora de sentidos é a diversidade da sua existência. Na época de chu-

va e de estiagem, o sertão mostra seus dois lados opostos que se interligam e o dimensionam como um todo. No período de chuvas, todo o corpo do sertão se veste de um verde profundo, reflorescendo toda a caatinga, reaparecendo uma infinidade de animais e o correr das águas nos riachos, grotões e rios. As lagoas transbordam e os açudes escoam as águas além do seu limite de capacidade.

Durante o inverno, esperanças, grilos, pragas de gafanhotos e lagartas devoram as folhagens verdes. Crisálidas transformam-se em nuvens de borboletas multicores que, tremulando, voam em todas as direções. Presos aos galhos dos juazeiros, baráúnas, aroeiras e quixabeiras, velhos arapuás com suas abelhas de pernas serosas, sugam o néctar das flores silvestres, ao mesmo tempo em que realizam a polinização (NUNES FILHO, 2008, p. 32-33).

Quando chove, a existência do sertanejo se transforma. Na esperança de dias melhores floresce uma vida repleta de satisfação e alegria, expressa no semblante, movimentada nos sentidos e ampliada na existência. É tempo de mudança da natureza, e, junto com ela, o sertanejo se modifica, aprende sobre cada movimento da terra, de como deverá fazer para uma melhor plantação e colheita. Esse tempo torna o humano mais extrovertido e mais perceptivo com o movimento que explode na caatinga e nos outros animais. É o que nos diz o sertanejo Nascimento (2011): “No inverno, quando tudo tá verde, não só eu fico alegre, os animais também ficam alegres. Eles sentem o que eu estou sentindo. E minha alegria é um benefício deles”. Essa alegria compartilhada pelo humano com os outros animais entrelaça a vida no sertão, amplia o sentimento sertanejo pelo viés do contentamento do espetáculo da natureza durante as chuvas. Nessa época, a experiência vivida ganha uma dimensão de saberes e de aprendizagens para o fortalecimento da vida que se renova. Um novo mundo se abre na percepção do sertanejo, e, andante, como o sentimento, o sertão move os seus sentidos, amplia-se como um lugar que se renova e modifica a existência do humano.

Cada movimento do sertão se prolonga na caminhada do sertanejo pelas interligações com o mundo vivido. O sertão é andante porque percorre os caminhos da subjetividade e amplia-se como um espaço sem fronteiras pelo viés do sensível, fazendo pouso nas expressões estéticas do humano, dos outros animais e com a própria natureza como um todo. “A Natureza envolve tudo, minha percepção e a dos outros, enquanto estas só podem ser para mim um afastamento do meu mundo”

(MERLEAU-PONTY, 2006, p. 45). A percepção que se tem do mundo é um afastamento de si próprio e uma penetração no mundo do outro, por isso, cada passo dado pelo sertão da subjetividade do humano, interiorizado pelo sensível e ampliado na percepção, é uma maneira de estar em si e no mundo ao mesmo tempo, lugar este repleto de signos que são elaborações constantes de uma terra que não se esgota na sua expressividade.

Por intermédio do movimento, o sertão reinventa-se, expressando uma configuração estética que alcança espaços fora da sua própria geografia. O seu sentido de ser sai da terra, entra no corpóreo humano, entrelaça-se com o sensível e explode nas expressões inacabadas do sertanejo e da natureza.

O sertão andante move-se pela configuração sensível de uma estética que eclode da paisagem e penetra no corpóreo humano. Esse contato é um quiasma de seres que são feitos do mesmo sentido de uma terra que sempre abre espaços para compreensões que não se esgotam nem se limitam a conceitos cristalizados. Cada mover-se do sertão é a natureza que se manifesta na estética, amplia-se na cultura e caminha pelo viés do mundo vivido, revelando um logos estético de uma terra repleta de significações que criam sentidos e mais sentidos por meio de uma expressão inacabada.

Mover-se para o mundo é a aproximação de vidas que se entrelaçam para o sentido maior de que nada se encontra isolado ou na inércia. As coisas se movem, ganham significados e estão sempre se ampliando, procurando outros sentidos, mostrando outras expressões. É justamente o que faz o sertão tornar-se andante. Nele, mesmo estando fora do seu espaço geográfico, é possível perceber a expressão do sertanejo quando viaja para outras regiões. O sertão expressa a maneira de ser do sertanejo, expressando seus gestos, formas de falar e de ser no mundo. O sertanejo carrega na subjetividade e na expressão os cantos dos pássaros, os susurros da caatinga, os gemidos da seca, as explosões da natureza na invernada, os ecos dos vales e serras, o mungido do gado, as corridas de vaquejadas, o aboio durante o crepúsculo e outras infinidades de expressões, que são manifestações sensíveis, reveladas quando o sertanejo se encontra longe de sua terra. O sentir profundo do sertanejo pelo sertão é o que o torna andante. Esse mover-se se torna possível porque o amor pelo lugar é visceral e estesiológico.

Aonde quer que eu vá, daquele lugar faço um “boden” (terreno). Ligo o novo solo ao antigo que habitei. Pensar duas Terras é pensar uma mesma Terra. Para o homem, ali não pode haver senão homens: os animais, diz Husserl, são apenas variantes da humanidade. O que há de mais universal em nós, nós pensamos a partir do que temos de mais singular. O nosso solo amplia-se, mas não se desdobra-se, e não podemos pensar em referência a um solo de experiência desse gênero. A terra é a raiz da nossa história. Da mesma forma que a arca de Noé continha tudo que podia de restar de vivente e de possível, também a Terra pode ser considerada como portadora de todo possível (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 128).

Por intermédio da natureza, o sertão entranha-se na carne do sertanejo e faz o lugar ser andante, possibilitando a criação de avatares com outras terras, formando um só lugar na vida do sertanejo. Os dois lugares dialogam e ampliam a existência por meio de novas expressões e maneiras de ser. Mesmo em outras regiões, em outras culturas, o sertanejo, de forma imprecisa e espontânea, revela os caracteres do seu lugar de origem. É comum ouvir o dito popular que diz: *fulano saiu do sertão, mas o sertão não saiu de dentro dele*. O mundo vivido é a história do humano consigo mesmo e com seu entorno, por intermédio das trocas de experiências, pelas relações de cumplicidade, de paradoxos, configurando a existência para um sentido móvel de ser (MERLEAU-PONTY, 1999).

Merleau-Ponty (1999) afirma que o humano é um ser de percepção. Esse movimento dimensiona a existência sempre provocando no campo do sensível as expressões que dizem muito de si e do seu lugar. A combinação da interioridade e da exterioridade expande-se para uma revelação interagida de partes distintas. “Tudo o que se passa não se explica pela interioridade, nem pela exterioridade, mas por um acaso, que é a concordância entre esses dois lados, que é assegurada pela Natureza” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 129).

A interioridade e a exterioridade, entrelaçada pelos diálogos da existência, é a expressão sinestésica do sertanejo em relação com a natureza do sertão. Esse quiasma o torna um Ser penetrado pela paisagem e pelas vidas animais e vegetais. Cada movimento da natureza ecoa na interioridade corpórea e escoa na exterioridade do sertanejo, como os beijos do sol durante a aurora, formando uma bela expressão da natureza.

Emerge a ligação do humano com o lugar pelo viés do afeto e do cuidar da terra, com o mesmo carinho como se cuida de si mesmo. É o que nos diz o sertanejo Silva (2011): “Do jeito que a gente cuida da terra, a gente deve cuidar do corpo atra-

vés da alimentação e da sensibilidade... de sentir as coisas da natureza". O depoimento do sertanejo citado mostra uma educação do cuidar. Essa educação afetuosa e de sensibilidade é o que faz o sertão ser um lugar que educa, por meio do entrelaçamento do humano com o mundo em que vive. "Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a *pronúncia* do mundo, que é um ato de criação e recriação se não há amor que a infunda" (FREIRE, 2005, p. 92).

A terra e o corpo estão sempre se comunicando por meio dos fios das significações constantes, mostrando a ligação de seres que aprendem por meio do diálogo, pelas trocas, numa convivência harmonizada. Cuidar da terra, como se cuida do corpo, é uma aproximação sensível com a nossa própria natureza, interligando as expressões da terra com as coisas do sentir. Esse estado modifica o humano, fazendo-o aprender com a natureza e manifestar de maneira afetuosa as relações constantes com o mundo vivido por meio da sua abertura para com os outros.

O ser "aberto" em que nos tornamos, a existência que inventamos, a linguagem que socialmente produzimos, a história que fizemos e que nos faz, a cultura, a curiosidade, a indagação, a complexidade da vida social, as incertezas, o ritmo dinâmico de que a rotina faz parte mas não o reduz, a consciência do mundo que tem neste não *eu* e a de si como *eu* constituindo-se na relação contraditória com a objetividade, o "ser programado para aprender", condicionado, mas não determinado, a imaginação, os desejos, os medos, as fantasias, a atração pelo mistério, tudo isso nos insere, como seres educáveis, no processo permanente de busca de que falei (FREIRE, 2007, p. 23).

Como podemos ler na citação de Freire (2007), a constante busca do humano pelo fazer da vida um eterno aprendizado, de estar aberto ao mundo, faz-nos compreender que as provocações constantes da natureza do sertão, a qual muda a cada estação do ano, faz o sertanejo aprender e mostra uma pedagogia tecida num contexto onde a experiência vivida está sempre se renovando.

A partir de uma compreensão móvel, podemos perceber que a educação do sertão não se limita ao seu espaço geográfico, como algo preso aos limites de fronteiras. Como o sertanejo é a expressão da educação do seu lugar, o sentimento de respeito e amor à terra, a aprendizagem que recebe dos outros animais, dos vegetais e da própria natureza como um todo, em sua disposição sensível de transformar

os humanos, fazem com que a educação do sertão se move dentro do sentimento do sertanejo e abra possibilidades de realização na expressão de um logos estético.

O fluxo vital é a explosão criativa da relação do sertanejo com o lugar em que vive. A cada momento, o sertanejo está aprendendo como cuidar da terra, como se relacionar com outros seres vivos. Essa educação criativa provoca, a cada experiência vivida, uma disposição sensível de estar atento aos movimentos da natureza. Cada um deles não repete e não se esgota na sua totalidade, mas torna-se possível de vivê-lo.

Compreender a educação como um movimento, como algo que está sempre mostrando novas aprendizagens nos remete ao pensamento de Heráclito sobre as coisas não se repetirem. “Não podemos entrar duas vezes no mesmo rio; suas águas não são nunca as mesmas e nós não somos nunca os mesmos” (HERÁCLITO, 2002, p. 81). Cada movimento da educação traz aprendizados pelo motivo de as relações entre os sujeitos estarem sempre se constituindo de novas experiências e de novos sentires.

Ao mover-se para outra região, o sertanejo conduz consigo os aprendizados que estão impregnados na sua existência. O que ele aprende, muitas vezes, transforma-se numa expressão artística, dimensionando a sua cultura por meio de um logos estético. A música, a poesia, as danças, o artesanato, o bordado e outras manifestações da cultura do sertão são expressões estéticas do sertanejo, fruto da sua relação com a natureza. As citadas expressões viajam no sentimento do sertanejo, e quando ele está em outras regiões, o sertão se faz presente em si e se mostra como uma razão estética, revelando um sertão cultural e móvel que se realiza através das artes.

O sertão possui as pernas do sentimento. Sua mobilidade de vida e existência sensível anda dentro dos animais, mais especificamente do humano. O movimento do sertão mostra os símbolos, como a vegetação, os animais e as manifestações culturais, como os cavaleiros andantes do sentimento sertanejo, galopando a sua existência por onde anda e vive. Por isso o sertão não é unicamente uma ideia, como algo fechado em si mesmo, nem somente um espaço físico. Ele se mostra por meio de um estado de espírito, vindo da subjetividade e se manifestando na maneira de ser do sertanejo.

Na concepção de sempre se ocultar, o sertão não se mostra como uma terra dada por inteiro. Sua revelação foge à ideia de ser um lugar que podemos apreendê-

lo por meio do pensamento. Quanto mais nos aproximamos do sertão, mais ele escapa de uma conclusão final e mostra-se como um lugar que sempre está no começo. Esse jeito de o sertão se expressar estende sua expressão e maneira de ser para a construção de horizontes de sentidos, fazendo crer ser uma terra que, na sua expressão complexa, sempre tem algo a dizer de forma diferente, num movimento cada vez mais repleto de significados.

Mundo-Sertão existe de verdade, longe de tudo, imensidão de reino. Possui corpo e alma. Pensa, fala, canta, chora e ri, igualzinho à gente. Quem decide mergulhar em suas entradas sofre judiação e nunca haverá de desvelá-lo por completo. Tem seus segredos... Quanto mais o viajante anda, mais léguas aparecem na frente. Quanto mais descobre, tanto mais ele se oculta. Depois do fim, Mundo-Sertão recomeça e nunca termina. Terra de muitos lugares. (NUNES FILHO, 2011, p. 23).

O sertão móvel não é como o rio que tem pontos de destino igualmente a lagos e mares. Ele não tem ponto determinado para expandir a sua dimensão sensível. O sertão andarilho encontra-se em todos os lugares, por isso que é indeterminado, imprevisível, complexo e está sempre se transformando.

Na seca ou verão, quando se pensa que a vida não existe, que só a aridez é quem se faz presente, há uma expressão sensível do sertão e uma maneira singular dele tocar na existência do sertanejo. A caatinga seca estende-se quase que totalmente despida de folhagem, e o sertanejo torna-se uma pessoa que passa horas e horas a olhar para o horizonte esperando a chuva. Ele fica mais introspectivo e sensível ao mundo. Não se transforma num humano revoltado, mas numa pessoa que sabe que a natureza tem seus momentos de transformação e que vida de fartura um dia poderá ser o que já foi.

As secas se repetem, e os mesmos dramas são vividos. Não é pelo caminho de uma política de combate à seca, pois ela sempre vem em determinados períodos, mas sim, botar em prática, de forma bem ampla, projetos que levem mais desenvolvimento ao sertão, como a construção de açudes, barragens, perenização de rios, fabricação de poços e melhores técnicas para a criação de animais e produção da agricultura no semiárido. Uma política que atenda a realidade sertaneja, sem assis-

tencialismo, com respeito ao homem da terra. Assim se mudará o cenário de vida difícil do sertão<sup>25</sup>.

Durante a época da aridez, a caatinga se veste de um branco cinzento, expressando uma estética que toca profundamente o espírito do homem sertanejo, influenciando a maneira de falar, de se expressar, de pensar a vida, de se relacionar consigo mesmo e com seu entorno. Nessa configuração o sensível, (orgânico) e o mundo vivido se abraçam fenomenologicamente, numa só existência (MERLEAU-PONTY, 1999). O entrelaçamento do que é vivido e sentido mostra o sertão como uma expressão diversa, mostrando o seu campo de configurações distintas. É no sentido de ser da natureza que o sertão dialoga com o que faz parte da sua existência, mostrando que as coisas estão sempre em relação.

A vegetação que se apresenta no painel da natureza sertaneja se expressa como algo que se eleva por meio da sua assombrosa maneira de ser. A jurema é uma expressão significativa da caatinga. Durante o período da estiagem, ela se desfaz da folhagem como uma forma de hibernar, só precisando de pouca água para sua sobrevivência. Ao rasparamos um pouco dos seus galhos e caule, encontra-se o verde por debaixo da casca ressequida. Podemos perceber na jurema uma mutação perene no imenso corpo da natureza sertaneja, mostrando as transformações de um lugar feito de expansão e recolhimento para novas expressões. Isso faz pensar que o sertão é um movimento constante para a elevação da vida.

Durante as estações de inverno e verão, a jurema está sempre se modificando, expressando ora uma paisagem verde, encantadora, repleta de folhas verdejantes e flores perfumadas, ora se revelando através dos galhos de aparência ressequida e de espinhos afiados, que, pontiagudos, são lâminas cortantes de uma natureza que no verão se mostra de forma agressiva, impiedosa, mas repleta de uma beleza profunda que encanta e desperta a percepção para uma relação sensível.

Configurada como uma das árvores mais simbólicas da caatinga, a jurema estende-se por todo o sertão nordestino, revelando a resistência de uma flora que na seca parece viver numa agonia intensa, entregue a um inevitável fim, tendo os galhos cinzentos, estendendo-se para o horizonte, numa súplica desesperada para a chegada do inverno chuvoso.

---

<sup>25</sup> O drama regional da seca nordestina é elevado à condição de símbolo das injustiças sociais e da necessidade de construção de um novo mundo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 279).

Os espinhos das juremas parecem facas afiadas tornando a caatinga um mundo quase intransponível. Só mesmo batalha entre vaqueiro, cachorro, cavalo e uma rês desgarrada para fazer a jurema abrir suas galhadas, mas mesmo assim, deixam cortes nos animais e ameaçam que penetra no seu corpo agressivo. O mundo da jurema é assustador quando seus galhos estão desfolhados. Cada espinho é um punhal afiado pelas mãos de uma natureza que ameaça qualquer aproximação.

Imagen 04 – Jurema desfolhada durante a época do verão



(Fonte do pesquisador).

O momento de incerteza da jurema, quando as folhas e flores estão ausentes, os espinhos aparecem com mais nitidez e causam uma impressão de que a árvore quer agredir o mundo com seus “punhais” aguçados, ameaçando qualquer tipo de contato. Entrar na caatinga nessa época requer muito cuidado, pois o emaranhado de galhos retorcidos e espinhos afiados torna a paisagem mais agressiva e desafiadora.

Na imagem da jurema pode-se perceber o corpo desfolhado com galhos repletos de espinhos pontiagudos. Essa vegetação de aparência desértica se expres-

sa de uma forma agressiva que assusta qualquer forasteiro, como sendo um lugar que desafia a vida de quem ali possa se infiltrar e conviver com tamanha quentura, agressividade, aridez e secura. Durante o verão, na expressão da seca feroz, parece que a jurema está morta e que todos os animais estão escondidos em algum lugar ou foram embora, com medo da imensa desolação, e só ficaram apenas alguns pequenos animais, insetos, lagartos e aves de rapinas, os quais, às vezes, aparecem ligeiramente de maneira efêmera. Mas isso não se mostra como a morte nem o abandono do lugar; é o movimento da caatinga, onde as energias orgânicas (alguns animais e vegetais hibernam) são economizadas para uma exigência maior, como faz a vegetação ao se desfolhar para sobrevivência dos seus galhos e troncos. Essa maneira de a caatinga sobreviver pode ser compreendida pelo olhar sem profundidade, como uma agonia da natureza diante da seca. Mas não, é o próprio movimento da caatinga na época da aridez.

Ao passo que a caatinga abrevia-lhe o olhar. Agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama espinhosa e não o atraia; repulta com as folhas urticantes, com os espinhos, com os gravetos estalados em lanças e desdobra-se-lhe nas léguas e léguas, imutável no aspecto desolado: árvores sem folhas, de galhos contorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura da flora agonizante (CUNHA, 2003, p. 35).

A expressão assustadora da caatinga é temporal e mostra uma linguagem sensível que entrelaça o humano e o transforma para novas convivências pelo viés da relação de respeito e admiração que o sertanejo tem diante da natureza do sertão. Essa relação se fundamenta numa interação entre o humano e a natureza e forma o todo, um conjunto que engloba o mundo vivido, fazendo da experiência do sertanejo uma realização de aprendizados. Por isso não podemos conceber a natureza só a partir de algo isolado a título de conceitos dedutivos.

Se a natureza é um Englobante, não se pode pensá-la a partir de conceitos, a golpes de dedução, mas deve pensá-la a partir da experiência, em especial a partir da experiência sob sua forma mais regulada, ou seja, a partir da ciência (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 140).

Pensar a natureza por meio da experiência a partir do pensamento da ciência moderna é buscar o comportamento e os movimentos da vida antes de qualquer

formulação dedutiva, do pensamento clássico; é procurar compreender os seres vivos como fazendo parte de um mesmo mundo que engloba o movimento e o comportamento. “A diferença entre esse classicismo e o pensamento científico moderno é que um pensa que se deve compreender o Ser antes de compreender seu comportamento, ao passo que o outro só apreende seu ser apreendendo o comportamento” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 143). É justamente apreendendo a natureza sertaneja como um comportamento de seres que fazem parte de um todo que a expressão do sertão se configura como algo que está sempre se transformando e modificando a existência dos seres vivos através das relações comportamentais.

No período da seca, a caatinga fica quase que totalmente desfolhada; os galhos pendidos, a paisagem mostrando uma cor cinzenta, preta, branca, mistura-se, dando um tom de indefinição e de contraste de uma região que, mesmo sendo assustadora, puxa o humano para dentro dela, impregnando a existência por intermédio da viscosidade e da inerência pela força de expressão que a terra tem. O tom cinzento e branco da caatinga durante o verão mostra uma imagem de palidez, como se as árvores estivessem fracas, sofrendo de algum tipo de desnutrição.

Imagen 05 – Caatinga durante o verão



(Fonte do Pesquisador)

Quando a caatinga está seca, há uma expressão de deserto muito evidente. A sequidão agride o olhar com tons de desolação e a inércia de uma natureza em que parece que está tudo morto. Esse momento, embora assustador, não aniquila a expressão sensível ou ausência da vida, pois os garranchos, os galhos retorcidos, as raízes ressecadas e o grito de algum animal solitário revela uma estética repleta de expressões que identifica o lugar na época em que se tem a impressão de que a caatinga chegou ao seu fim.

A expressividade da paisagem do sertão durante a aridez é assustadora, como bem mostra a imagem da caatinga na época do verão. O leito dos rios e dos açudes rachados dá a impressão de serem longas feridas demonstradas por intermédio da terra calcinada. Nessa época, a terra se recolhe, endurece seu solo, contrai-se e abre grandes fendas, como se fossem chagas causadas pelos dias de sol causticante, dando a impressão de ser algum tipo de castigo sobre a terra sertaneja. A terra rachada, mostrando crateras ressecadas por causa dos raios do sol abrasador, mostra a ação do verão.

Imagen 06 – A terra calcinada pela ausência de águas durante o verão



(Fonte do pesquisador)

Quando olhamos a terra calcinada, causa-se a impressão de existir um grande ferimento sobre o solo da natureza, rachando o seu corpo, onde outrora corriam pequenos regatos ou se acomodava a placidez de algum açude. A terra cortada pelas rachaduras da seca revela a expressão assustadora e ao mesmo tempo encantadora do barro ressequido. Essa visão penetra no corpo humano, abre fendas na existência, aprofunda cortes na esperança do sertanejo, resseca sonhos e endurece a disposição para a labuta diária, despertando um sentimento de mais trabalho e aprendizagens para novas formas de convivência. A pele do humano, ressecada sob o sol do verão abrasador que calcina a terra, assemelha-se com o corpo dos rios e açudes secos. Essa identificação corpórea mostra o quanto a terra e o sertanejo se assemelham.

A relação do sertanejo com a chuva é de uma importância fundamental para tudo que se relaciona á sua existência. Apesar de a chuva aparecer por alguns meses, ou então de passar mais de um ano sem cair no solo nordestino, ela é tratada como uma divindade, mesmo a chuva sendo uma visitante temporária, ficando no máximo três meses. O que caracteriza o sertão nordestino é a sua condição de semiárido, mostrando-o como um lugar onde a vegetação, na maioria dos meses, está sempre desfolhada e há presença de pouca água, a não ser em grandes reservatórios, em alguns poucos rios perenizados e no grande rio São Francisco. Por isso o sertanejo já conhece como a região se caracteriza durante os longos períodos de estiagem e os poucos meses de chuva, às vezes caindo quantidades pluviométricas bem abaixo do necessário para a sobrevivência da flora e da fauna.

Nos princípios de dezembro, o sertanejo começa a olhar para o céu, a observar a natureza por intermédio dos animais, dos ventos, da posição dos astros, a floração de alguns vegetais, os cactos, as juremas, as umburanas, os umbuzeiros e outras árvores. Cada movimento da natureza o sertanejo observa com atenção. Se a chuva não vier e for mais um ano de seca, o sertanejo enfrenta o verão com paciência e sabedoria. Ele sabe do comportamento da natureza e como será durante todo o ano que se segue.

Faz-se necessária uma gestão governamental que desenvolva uma política de melhor assistência ao sertanejo. Não é uma questão de o sertanejo viver alienado no seu mundo solitário. Mas a desesperança com relação aos governos é uma tônica na vida do homem do sertão. Ele não culpa a natureza, mas sabe que o flage-

lo da seca é a falta de uma assistência mais eficaz de governos para um melhor desenvolvimento do sertão.

A terra do sertão é riquíssima para a plantação de variados tipos de vegetais. Basta fazer com que o sertanejo tenha acesso à água e um melhor conhecimento científico de como plantar que a possibilidade de desenvolvimento para a região torna-se uma coisa real e viável. A educação científica e a educação de mundo vivido do sertanejo podem se tornar grandes parceiros para uma melhor condição de vida do homem do sertão. O que não se pode argumentar é que a seca é um castigo de Deus ou uma vingança da natureza, condenando os pecadores. A seca, mesmo sendo um fenômeno da natureza, pode ser amenizada quando o homem usa tecnologias apropriadas diante dos acontecimentos das estiagens no semiárido. Uma sin-tonia da gestão governamental com os sertanejos pode mudar a cena das dificuldades e do abandono do homem do campo.

Mesmo diante do verão impiedoso, o sertão mostra uma paisagem repleta de beleza e significação. Durante a inexorável aridez, a paisagem expressa os mandacarus imponentes, erguidos para o firmamento, com seus braços estendidos e abertos para o horizonte, vigilantes da natureza, igualmente ao mais pronto dos guerreiros, para defender uma terra inóspita, sensível e que se derrama de expressão. A presença do citado cacto é a expressão mais simbólica do sertão. Ao mesmo tempo em que tem uma infinidade de espinhos pontiagudos, a pele de seu caule se mostra de forma suave e macia.

No sertão, a vegetação cactácea revela uma terra sempre feita de momentos distintos e de indeterminações constantes. A delicadeza e a agressividade do mandacaru<sup>26</sup> revelam muito bem a força expressiva da natureza sertaneja, onde os símbolos da existência se fazem presentes na delicadeza e na agressividade. Essa ma-

---

<sup>26</sup> De nome científico, *Cereus giganteus* Engelm, o mandacaru, como a maioria das cactáceas, não possui folhas. Esses órgãos estão modificados em espinhos e distribuídos sobre o caule, que substitui as folhas na função da fotossíntese. O fruto carnoso do mandacaru é comestível às aves, que muito o apreciam. Sua polpa vermelha e doce é repleta de pequenas sementes. O mandacaru abre suas folhas durante a noite, atraiendo grande número de insetos e morcegos que vêm em busca de pólen e néctar. O caule carnoso do mandacaru, além de representar uma fonte de água, é também utilizado pelos habitantes das caatingas na produção de doces (ASSIS, TOLEDO, ROMANIUC NETO, CORDEIRO, 1994, p. 38).

neira distinta de se apresentar no painel da natureza mostra o mandacaru de forma ampla, onde as dobras do objetivo e do subjetivo estão sempre se encontrando.

Os mandacarus atingindo notável altura, raro aparecendo em grupos, assomando isolados acima da vegetação caótica, são novidade atraente, a princípio. Atuam pelo contraste. Aprumam-se tesos, triunfalmente, enquanto por toda a banda a flora se deprime. O olhar, perturbado pelo acomodar-se à contemplação penosa dos acervos de ramalhos estorcidos, descansa e retifica-se percorrendo os seus caules direitos e corretos, no fim de algum tempo, porém, são uma obsessão acabrunhadora. Gravam em tudo a monotonia inalterável, sucedendo-se constantes, uniformes, idênticos todos, todos do mesmo porte, igualmente afastados, distribuídos com uma ordem singular pelo deserto (CUNHA, 2003, p. 38).

Dentro da paisagem cinzenta da caatinga seca, o verde e a imponência do mandacaru se destacam. Os contrastes da caatinga durante a seca ou verão revelam uma natureza que, mesmo na aparente monotonia paisagística, a expressão da flora mostra imagens distintas e que se abraçam para o espetáculo de beleza do sertão, mesmo numa época de grande aridez.

Imagen 07 – O mandacaru no cenário da caatinga seca



(Fonte do Pesquisador)

O mandacaru, durante a aridez inexpugnável do sertão, mesmo tendo uma expressão agressiva na porta de entrada da caatinga, ele não se define como a famosa frase do poeta Florence Dante Alighieri (2003, p. 17), que escreveu no portal do primeiro Círculo Infernal, onde disse: “abandonai toda a esperança, ó vós que aqui entrais”. No sertão, acontece o contrário do que ocorre no além do anúncio fúnebre do poeta italiano. Na entrada da caatinga, pode-se perceber uma expressão sensível que diz: Renunciai todo pensamento mecanicista, ó vós que aqui entrais nesse mundo sensivelmente encantador.

Todo o cenário do sertão expressa um mundo de beleza singular rompendo as barreiras do pensamento mecânico. A natureza como uma dimensão sensível se mostra na realização da expressão criativa. Por isso, a expressão do mandacaru vai muito além de uma alegoria de beleza.

Por detrás da expressão mórbida do mandacaru, há um singular mundo sensível que, mesmo atormentado pelos punhais da aridez, desabrocha as flores da esperança, onde a vida se expressa no canto da acauã, no aboio solitário de um vaqueiro caminhando ao relento, na cantiga dolente de uma asa branca, no silêncio contemplativo do sertanejo olhando o horizonte distante, na esperança da chuva e de tantas e tantas expressões sensíveis da natureza do sertão. A aridez faz parte da existência do sertanejo. Ele a recebe com paciência. Ele é diferente dos humanos das outras regiões do Brasil.

Mas o nosso sertanejo faz exceção à regra. A seca não o apavora. É um complemento à sua vida tormentosa, emoldurando-a em cenários tremendos. Enfrentando-a, estóico. Apesar das dolorosas tradições que conhece através de um sem-número de terríveis episódios, alimenta a todo o transe a esperança de uma resistência impossível (CUNHA, 2003, p. 86).

No período de seca ou do próprio verão, o sertanejo é um ser que se reinventa em busca de uma convivência mais amena com o mundo atordoante da natureza árida. Durante o verão tudo muda! O sertanejo se mostra como um homem taciturno e reflexivo, embora não revoltado nem amargurado. A ambiguidade do sertão é o que constitui um lugar onde a vida se desenrola entre provocações, desafios, reinvenções e convivência entre os extremos de uma natureza repleta de incertezas.

O sertão como um lócus indefinido, devido a sua complexidade e ambiguidade, revela-se em diversas maneiras de ser. Cada expressão do seu corpo sensível

mostra um lugar onde a vida está sempre entre os extremos, construindo relações em momentos ambíguos, tornando cada movimento uma explosão de imagens variadas, transportando sentimentos profundos, externados pela força visceral que saía da terra e dos seres vivos, como as lavas incandescentes que explodem de um vulcão enfurecido.

Ajusta-se sobre os sertões o cautério das secas; esterilizando-se os ares urentes; empedra-se o chão, gretando, recrestado; ruge o norte-nordeste nos ermos; e, como um cilício dilacerador, a caatinga estende sobre a terra as ramagens de espinhos... Mas, reduzidas todas as funções, a planta, estivando, em vida latente, alimentando-se das reservas que armazena nas quadras remansadas e rompe estios, pronta a transformar-se entre os deslumbramentos da primavera (CUNHA, 2003, p. 36).

Na época do verão, pode-se perceber uma aridez agressiva expressando os tons estéticos de uma natureza expressiva, onde as cores da desolação revelam uma terra que parece viver de dores e de lamentos. A flora em estado lúgubre, curvada, como um ancião diante da rigidez articular, mostra seus galhos pendentes como se estivesse procurando o chão para um melhor repouso. Muitas cenas da flora, de certa maneira, parecem que agridem o olhar por meio da expressão abrupta e agressiva. Juremas, marmeiro, quixabeiras, umburanas, aroeiras, braúnas, entre outras, parecem uma multidão de seres fantasmagóricos fazendo uma retirada debaixo de um sol inclemente ou de um fim de tarde melancólico.

Durante a tarde crepuscular do sertão, quando é verão, parece que abóboda celeste está ensanguentada quando o sol, despedindo-se do dia, dardeja seus últimos raios vermelhos e incandescentes sobre os vales, caatinga e montanhas descobertas. É um momento sensível da expressão estética que, através da percepção, penetra no corpóreo humano e de outros animais, levando-os a um profundo estado de excitação e introspecção. “A experiência perceptiva é uma experiência corporal na qual reencontramos ou religamos a unidade do sujeito e do mundo, bem como o próprio ato perceptivo” (NÓBREGA, 2010, p. 73).

Ao percebermos de maneira sensível uma coroa-de-frade<sup>27</sup>, vemos os espinhos pontiagudos que se parecem guerreiros de punhais nas mãos para enfrentar

---

<sup>27</sup> O coroa-de-frade (*Melocactus zehntneri*) é uma espécie de cacto que ocorre no Brasil, principalmente no semiárido da Caatinga. Seu nome foi inspirado no fato de apresentar uma estrutura rosada, formada por pequenas cerdas e minúsculos espinhos, no alto da planta, como se fosse uma coroa.

os inimigos das adversidades durante as longas estiagens das grandes secas que acontecem no sertão. A estética da coroa-de-frade, na sua ambiguidade de delicadeza e agressividade, é um microcosmo da expressão macrocósmica do sertão.

Imagen 08 – Coroa-de-Frade



(Fonte do Pesquisador)

Colado à terra, o referido cacto revela o seu corpo totalmente ligado ao solo. Esse ajuntamento mostra o quanto a vida no sertão revela-se entranhada com a terra. A expressão da coroa-de-frade colada à terra revela que no sertão tudo está ligado por um imenso fio de sentidos que dizem muito do lugar. Isso faz compreender o elo do mundo vivido no corpo da natureza. Terra, plantas, animais têm os corpos enraizados num solo que, pela aridez, tem-se a impressão de que a vida não é pos-

---

De dentro dessa estrutura é que saem as flores. Pequeno e arredondado, esse cacto tem um aspecto interessante. Suas flores são formadas no chapéu vermelho e cilíndrico sobre o tronco verde. Possui espinhos pontiagudos nas bordas dos gomos que formam o tronco. Nativo das regiões semiáridas do Nordeste, é pouco exigente quanto ao solo e à umidade (ASSIS, TOLEDO, ROMANIUC NETO, CORDEIRO, 1994. p. 25).

sível. A falta ou ausência é o que impulsiona o sertão a se reinventar constantemente, buscando sempre novas adaptações.

A expressão distinta de delicadeza e de agressividade na coroa-de-frade, através das cores, da pele macia, do fruto e dos espinhos pontiagudos, revela no citado cacto a ambiguidade do sertão que se realiza na harmonia de uma natureza que se completa na juntura das coisas adversas.

Na paisagem do sertão, as manifestações sensíveis da natureza não são expressões unicamente de um universo sensorial de seres corpóreos mergulhados puramente no sentido biológico; elas expressam relações e atividades de vidas entrecruzadas no dia a dia, na imensa teia da vida, de seres que estão interligados no mesmo ambiente, como fios de um mesmo tecido, formando, assim, o mundo fenomenológico do sertão.

Deve-se compreender a vida como uma abertura de um campo de ações. O animal é produzido pela produção de um meio, ou seja, pelo aparecimento, no mundo físico, de um campo radicalmente diverso do campo físico, com sua temporalidade e sua espacialidade específica. Daí a análise da vida em geral do animal, das relações que ele mantém com seu corpo, das relações do seu corpo com seu meio espacial (seu território), da interanimalidade, quer no meio da própria espécie, quer no seio de duas espécies diferentes, até habitualmente inimigas, como esse rato que vivia entre víboras. Nesse caso, cruzam-se dois *Umwelten* (ambiente), dois anéis de finalidade (MERLE-AU-PONTY, 2006, p. 281).

A interanimalidade na natureza do sertão mostra-se como uma cadeia da animalidade, de seres vivos que compartilham do mesmo ambiente, numa interação de espécies iguais e diferentes. A vida no sertão é compartilhada num ambiente de adversidades dos seres que se fazem presentes. O que acontece num determinado momento pode não acontecer em outro e, como um rio que pode mudar seu curso, dependendo do volume das chuvas, a vida vai se fazendo no sertão de acordo com as relações que os seres vivos vão construindo nas suas atividades no dia a dia. É como nos diz Rosa (2001 p. 172): “O sertão é isto, o senhor sabe, tudo incerto, tudo certo”.

No imenso corpo do sertão, a natureza se constitui de elementos simbólicos, repletos de sentidos e entrelaçados pelo conjunto dos acontecimentos diários dos seres vivos, configurados pelo sentido de uma linguagem específica e sempre em harmonia com um lugar em que está inserido.

Não devemos conceber o sertão apenas como um espaço geográfico, delimitado por uma cartografia fechada, mas sim, onde a vida borbulha nos rios da reinvenção dos seres vivos que nele habita. Seu grande mosaico de sentidos mostra a vida que explode por intermédio das folhas, das flores, das cores da caatinga, tanto verde, como seca, dos pequenos e grandes animais, dos movimentos ou placidez das águas, das imagens da aurora e do ocaso, enfim, de todos os movimentos e expressões da sua natureza imprevisível.

Não se pode dizer que o sertão se localiza em um único ponto ou em pontos fixos. Sua natureza, muito mais complexa, declina de qualquer possibilidade de representação pontual, cartográfica. A não ser que se pense numa cartografia metafórica do sertão: linhas que se desenham e se redesenham, grafam-se e rasuram-se, todo o tempo, compondo um esboço movente e mutante, sem base fixa, capaz de se transferir e se transportar para espaços e tempos diversos, numa intensa, complexa, densa e infinita travessia, carregada de significações as mais distintas. Uma cartografia verbal e volátil, feita de topografias verbais, migrantes, relevos de palavras que se grafam e se apagam, evolam-se. (MELO, 2006, p. 90).

A cartografia móvel do sertão, citada por Melo (2006), mostra que a complexidade e a ambiguidade são expressões de um lugar que se torna difícil delimitar seu espaço físico, pelo motivo de o sertão se fazer presente tanto no espaço geográfico como na interioridade humana. No sertão nada se inventa a partir do instituído e do determinado, pelo motivo de ser um lugar onde as elaborações de criação e recriação são espontâneas, surgidas de acordo com os movimentos de uma natureza paradoxal, entrelaçada harmonicamente com o ser humano, ora sendo passiva, ora sendo ativa, constituindo-se como algo que não se mostra de forma conclusiva e que sempre está aberta a novas significações e à criação de sentidos.

A Natureza é ao mesmo tempo passiva e ativa, produto e produtividade, mas uma produtividade que tem sempre necessidade de produzir outra coisa (por exemplo, a geração humana, que se renova incessantemente). Há duplo movimento de expansão e contração, que Lôwith comparou à respiração, a qual nunca vai até ao fim do seu movimento, exceto na morte, e que se designa muito bem esse caráter de produção relativa e sempre recomeçada. Essa Natureza está para além do Mundo e para aquém de Deus. A Natureza não é Deus nem Mundo. É um produtor que não é todo-poderoso, que não chega a terminar a sua produção; é um movimento de rotação que nada produz de definitivo. Há uma “duplicidade” geral da Natureza tão necessária quanto a própria Natureza. Se a Natureza se retirasse do produto, isso seria a morte (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 60).

Por não ser um produto final, a natureza do sertão se mostra como um lugar que sempre está inventando novas expressões, novas forma de ser, e com isso, arrebatando a existência humana por meio de uma forte e profunda ligação. Por isso, nos sentidos, no espírito do sertanejo, o sertão se move, amplia-se como um lugar rico de sentimentos e dimensiona seu sentido de ser, provocando no humano diversas maneiras de pensar e de sentir, sem esgotá-lo. Nesse sentido, percebe-se que “o sertão é do tamanho do mundo” (ROSA, 2001, p. 89). “Se o sertão é o mundo, um lugar-mundo, sua localização pouco importa. O que importa é a “matéria vertente”, ou seja, a sua condição de existência, sua *condição ontológica* que é a própria condição humana” (MELO 2008, p. 113).

Na natureza do sertão, os vales, as serras, os grotões, as planícies e os seres vivos são o grande mosaico complexo do seu corpo expressivo. Cada um dos seres (animados ou inanimados) que compõem o corpo do sertão tem uma linguagem específica que é construída e revelada pela ligação existente com os outros seres. Uma braúna imponente, na sua altura diferenciada, erguida para o horizonte e para o poente, mostra um ser que se constitui como um divisor da paisagem, abraçando com seus galhos frondosos o que está em seu entorno e aberta para as transformações que as condições de vida inexoravelmente se apresentam e se infiltram na sua existência.

Os constituintes da natureza – Reino Animal, Vegetal e Mineral – se entrelaçam na grande teia da vida. Porém, quando nos referimos a eles, apresentamo-los isoladamente, reordenando-os em categorias que têm significados para nós (MEYER, 2006, p. 73).

Embora tenhamos que reordenar os reinos mineral, vegetal e animal, eles se constituem como um imenso conjunto da natureza do sertão por meio das relações objetivas e subjetivas, as quais expressam o ritmo da vida num complexo movimento construído pelas indeterminações do que está sendo sempre elaborado e que nunca chega a um produto final. A natureza não é um todo-poderoso; ela é um Ser que não se realiza numa finalidade. É um campo aberto à criação de si mesmo, de elaboração sensível, numa revelação que diz muito do seu corpo, embora não se mostre por inteiro (MERLEAU-PONTY, 2006).

Só indo ao sertão no período da aridez profunda e, logo em seguida, visitá-lo durante o inverno vigoroso, para se perceber a grande expressão da sua natureza imprevisível e repleta de tantas transformações. Logo depois de seco e árido, de repente ao cair das primeiras chuvas,

O viajante, pasmo, não vê mais o deserto. Sobre o solo, que as amarílis atapetam, ressurge triunfante a flora tropical. É uma mutação de apoteose. Os mulungus, as bordas das cacimbas cheias, estadeiam a púrpura das largas flores vermelhas, sem esperar pelas folhas, as caraíbas, as baraúnas altas refrondescem à margem dos ribeirões refertos; ramalham, ressoantes, os marizeiros esgalhados, à passagem das virações suaves, assomam, vivazes, amortecendo a quebraduras das quebradas, as quixabeiras de folhas pequeninas que lembram contas de ônix; mais virentes, adensam-se os ocozeiros pelas várzeas sob o ondular festivo das copas dos ouricuris, ondeiam-se, móveis, avivando a paisagem, acalmando-se nos plainos, arredondando as encostas, as moitas floridas do alecrim-dos-tabuleiros, dos caules finos e flexíveis; as umburanas perfumam os ares filtrando-se nas frondes enfolhadas, e - dominando a revivescência geral – não já pela altura senão pelo porte, os umbuzeiros alevantam dois metros sobre o chão, irradiantes em círculo, em galhos numerosos (CUNHA, 2003, p. 39).

A força da natureza em se transformar nas primeiras chuvas mostra como o sertão tem uma capacidade impressionante de se reconstituir de energias que supostamente estavam adormecidas. Essa transformação de apoteose infiltra-se no humano, move seu sentido de ser, transforma sua existência e o eleva a uma condição de aprendizado por meio da expressão da natureza. Os movimentos são observados pelo sertanejo e servem como ensinamento para os dias que virão. Nesse sentido, a educação que o sertão propõe é vivida no dia a dia e aprendida de acordo com os movimentos da natureza. O comportamento dos vegetais e de outros animais funciona como um livro aberto, ensinando aos humanos como cuidar da terra e dos seres vivos que nela habitam.

O movimento de transformação envolve todos os seres vivos que a caatinga tem. Muitos galhos que pareciam mortos e, de repente, saem de dentro deles lindas folhas e flores de várias cores. Lugares cheios de pedras, entulhos, de chão ressecado, ao cair das chuvas, são cobertos por um suave tapete de uma vegetação verde ao receber os beijos das águas cristalinas que escorrem pelos regatos da caatinga. O corpo dos açudes ressecados, repleto de grandes rachaduras, ao desaguar das primeiras chuvas, entre as brechas da terra que parecem ferimentos, as peque-

nas gotas d'água despertam sementes adormecidas para germinação da vegetação, quebrando a morbidez da aparência assustadora e moldando os açudes por meio de um florescimento sutil e encantador.

Marmeleiros, juremas e outras vegetações vestem-se de um verde amazônico. Cada espécie de planta abre seus galhos e folhagens como se estivessem se vestindo para uma grande festa. Borboletas, abelhas e beija-flores fazem vôos rasantes, buscando o puro néctar e realizando o trabalho de polinização das plantas. O outrora seco mundo seco dos marmeleiros e juremas transforma-se numa paisagem que move os sentidos do sertanejo. Cada flor e folha verdejam a esperança do campesino e fazem as floradas dos campos vicejarem no corpo do sertanejo. O verde profundo e amazônico desenha a paisagem do sertão com o pincel de uma natureza que se mostra cintilante ao cair da chuva sobre a terra, fazendo surgir um quadro de beleza que modifica a vida dos seres que habitam a caatinga.

O verde da caatinga expressa uma paisagem que surge de um amontoado de galhos secos e retorcidos. A transformação do seco para o verde florido revela a capacidade de regeneração da flora sertaneja. Esse momento penetra na existência dos seres vivos, e vê-se toda uma confraternização de alegria dos animais em festa quando chega a época da florada e da frutificação das árvores. O profundo verde impulsiona a vida do sertanejo para um estado de esperança de melhores dias. As folhas cintilantes da caatinga contagiam toda a fauna e o homem do sertão, mostrando que a vida ressurgirá a partir das chuvas que irrigam as plantas, e germinam sementes para a composição de toda a flora.

Durante a época de chuva, os galhos das árvores aumentam a copa, convidando os pássaros para o acasalamento, onde as folhas e ramos oferecem lugares para os ninhos das aves, formando uma sombra confortável para quem busca descanso e sossego. No cálice das flores formam-se pequenas lagoas construídas pelos orvalhos que caem durante a madrugada. Logo de manhã, pode-se perceber um bando de borboletas, abelhas e colibris bebendo as gotículas cristalinas que escorrem das folhas verdejantes. É uma mudança impressionante que a caatinga passa quando a chuva se faz presente. O chão outrora seco fica úmido, surgem pequenos ramos que se abraçam de alegria. As árvores ficam imponentes, como se estivessem orgulhosas de si. As flores exalam um perfume suave que dissemina um cheiro de forma aromatizante dos galhos verdejantes e floridos. Revoada de borboletas

colorem a paisagem, buscando as flores mais perfumadas para se alimentarem do puro néctar.

Gotículas de orvalhos escorrem sobre as folhas verdejantes e cintilantes pingam sobre o solo aguando o tronco das roseiras. Sementes estalam e germinam sobre o solo úmido, dando prosseguimento da vida fazendo as folhas surgirem dos pequenos ramos delicados. Toda a flora da caatinga viceja e forma uma imensa copa verde, ofertando a doce sombra e o conforto para o ninho dos passarinhos namoradores. É o instante em que o marmeiro, a jurema, a catingueira, a umburana e demais árvores da caatinga se unirem num grande abraço de felicidade pela chegada do inverno chuvoso.

Imagen 09 – A caatinga durante a época de chuvas



(Fonte do Pesquisador)

Ao cair da chuva, todo o ambiente se transforma. Aquele mundo antes de aparência desértica e triste transforma-se num mundo verde, alegre, coberto das mais variadas cores e emitindo diversos sons. Do fundo da terra, lagartas se arrastam pelo chão para se transformarem em borboletas multicores e saírem em bandos

com lindas asas de sedas pelos campos verdejantes. Ao cair das primeiras chuvas, o sertão estende o convite aos outros seres vivos que estavam ausentes, porque não se sabe como, aparece uma infinidade de pássaros, insetos e plantas para ornamentarem todo o painel da paisagem sertaneja, com as mais diversas cores e movimentos, num grande espetáculo de beleza e sensibilidade que toca o profundo dos sentidos do sertanejo, transformando sua existência. O mundo encantador de transformação da natureza sertaneja durante a invernada apaixona o sertanejo, afgando a sua sensibilidade, movendo os sentidos para uma percepção sensível, afe-tada pela beleza da vida germinada, fecundada e florescida pelos beijos das primeiras águas.

Tenho a paixão dos campos que remoçam, sob o banho lustral das primeiras águas. Fico enamorado diante da árvore que, ao beijo dos raios solares, deixa verter, com as lágrimas choradas dos seus ramos, as gotas de águas das chuvas. Quedo-me absorto às beiras das lagoas para ouvir o coaxar dos sapos na mais desentoadada das sinfonias. Seria capaz de ajoelhar-me ante o tapete mágico da babugem, que cobre todo chão, matizando de policromia o *dorso* sinuoso da terra molhada (VIEIRA, 1968, p. 33).

O erotismo da terra, ante a fecundação das plantas pelo eclodir das sementes, mostra o corpo do sertão por meio de um cio expressivo. As plantas e os animais vicejam acasalamentos, namoram, trocam afetos e se reproduzem numa alegoria de beleza que expressam a estética do corpo sexuado da natureza sertaneja.

Nesse cenário de excitação da terra, o envolvimento profundo do homem com a natureza sertaneja é sensível e constituído de um erotismo pregnante. A relação corpórea de ambos eleva os sentidos do homem e abre a terra para a fecundação dos alimentos, da sobrevivência, do crescimento e da extensão de toda a fauna e flora. Nesse despertar erótico do humano pela sedução da terra, o corpóreo mergulha em prazeres de alegrias pelos beijos da natureza exuberante. Nesse entrelaçamento, a expressão do sertanejo muda, seu corpo é invadido por uma alegria imensa, como se a chuva tivesse sido dentro de si. Borbulham na sua existência os rachos da satisfação de que a vida será mais satisfatória e mais feliz. Cada planta que (re)nasce faz brotar do sertanejo a esperança de dias melhores. O sensível emerge dos seus sentidos numa explosão invernal, fazendo o sertanejo ampliar a sua percepção para novas maneiras de compreender o sertão e de se relacionar com ele. Seu corpo dilata-se pela força de transformação da natureza.

Eu organizo com meu corpo uma compreensão do mundo, e a relação com o meu corpo não é de um Eu puro, que teria sucessivamente dos objetos, o meu corpo e a coisa, mas habito meu corpo e por ele habito as coisas. A coisa me aparece assim, como um momento da unidade carnal de meu corpo, como encravada em seu funcionamento. O corpo não aparece só como um acompanhante exterior das coisas, mas como um campo onde se localizam minhas sensações (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 122).

É na capacidade de sentir, de perceber as coisas, de relacionar-se consigo mesmo e com o mundo que o sertanejo amplia e dimensiona sua existência. Não é uma viagem de mão única a relação do sertanejo com a natureza. Ela caminha em outra mão, fazendo por meio das imprevisibilidades a aproximação com o sertanejo, num encontro em que os dois se misturam na diversidade. A transubstanciação educa o sertanejo. Ele torna-se o próprio corpo do sertão, onde as expressões da terra e do sertanejo se assemelham. Cada movimento da natureza muitas vezes afeta a subjetividade do sertanejo, move seu sentido de ser e verdeja uma transformação existencial que floresce os campos do sentir do sertanejo. Esse movimento de transformação mostra a caatinga que revela uma infinidade de mudanças durante a estação chuvosa.

Quão diferente se mostra ela durante a estação chuvosa! A paisagem se altera já nos primeiros dias. Os botões adormecidos aceleram seus processos fisiológicos e rapidamente a caatinga se torna verde, a seguir floresce e logo após se formam os frutos, cuja maturação acompanha o mesmo ritmo (MELLO FILHO, 1995, p. 26).

Quando o sertão se reveste de um primor verdejante, as espécies de animais que antes estavam ocultas, nas fendas, entre as rochas, nos buracos na terra, em algumas cavernas, em outros espaços geográficos (agreste ou brejo), de repente retornam ou surgem das regiões citadas numa explosão de alegria. E cada uma, a sua maneira, expressa-se entre cantos e movimentos numa sutileza circense, como acrobatas e cantores refinados que estavam treinando em algum lugar para a chegada do inverno. Bem-te-vis dão saltos e mais saltos em vários galhos, numa dança interminável. Sabiás procuram o mais alto das árvores para fazerem lindas serestas, emitindo um canto lírico, seduzindo a companheira para um romance nupcial. As abelhas, em bandos, pousam na beira dos pequenos córregos à procura da água cristalina para a produção do doce mel. Revoadas de marrecas (espécie de pato

selvagem) fazem procissões na beira das lagoas para depois pousarem, procurando comidas, num caminhar elegante. Colibris (pequenos beija-flores) multicores, com seus bicos pequeninos, buscam a essência das flores nos jardins verdejantes, carregam o pólen das flores, polinizando os campos, numa interação com outras espécies de animais, inclusive o humano, numa interanimalidade, para a ampliação da vida na natureza sertaneja.

O movimento da vida durante as chuvas mostra os animais numa interligação de várias espécies, constituindo-se em uma união de vidas para a comunhão da alegria, da fecundação, da reprodução e da sobrevivência.

O que existe não são animais separados, mas uma interanimalidade. A espécie é aquilo que o animal tem que ser, não no sentido de uma potência de ser, mas no sentido de uma inclinação de que compartilham todos os animais da mesma espécie. A vida não é, segundo a definição de Bichat, “o conjunto de funções que resistem à morte”, mas é uma potência de inventar o visível. A identidade daquele que vê e daquilo que ele vê parece ser um ingrediente da animalidade (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 308).

Pela disposição dos animais de perceber, como uma potência corpórea dos sentidos, é a ligação que os faz como um ingrediente da natureza do sertão durante o inverno. Os animais, inclusive o humano, compartilham daquilo que eles percebem, que é o verde florido da caatinga exuberante penetrando nos sentidos e arrebatando a existência, transformando a natureza e o humano para uma vida mais festiva e colorida, como a própria natureza do sertão durante a invernada.

Não sem razão diz-se que a caatinga é então um jardim florido. A fauna aparentemente inexistente dá sinais de vida. Miríades de insetos entram em atividade, polinizando, zumbindo, sugando o néctar das flores, acasalando-se e entrando em postura. Batráquios surgem e, em grande número, a avifauna aparece. Ouve-se o canto dos pássaros e, aqui e acolá, vê-se um beija-flor com seu vojar característico (MELLO FILHO, 1995, p. 26).

O cacto xiquexique<sup>28</sup> que outrora, na aridez sórdida, apresentava-se como um triste guerreiro mórbido, lutando contra a sequidão do lugar, na invernada, ele se

---

<sup>28</sup> De científico, *Pilosocereus gounellei*, vivendo nos solos mais rasos, de piores condições da caatinga, o conhecido xiquexique destaca-se por seu porte baixo, formando densas touceiras que lembram um candelabro. Diferentemente do mandacaru, o xiquexique geralmente tem 1 metro de altura e seu caule espinhento é de 5 cm de diâmetro. Suas grandes flores, de colorido róseo, abrem-se ao entar-

revigora, ergue-se, afina seus espinhos, mas não para furar alguém, porém como uma maneira de proteção das delicadas flores que surgem do seu caule espinhoso. É um momento da natureza do sertão de singular beleza que mostra uma expressão sensível numa revelação que diz muito de uma terra coberta de indeterminação, e por isso, toca tão profundamente o sentimento de quem faz parte do seu universo encantador.

Imagen 10 - Xiquexique



(Fonte: blog de João Steck).

Durante o inverno, ao cair das primeiras chuvas, os cactos abrem seus corpos espinhosos para o florescimento de lindas flores. O xiquexique expressa, por meio dos espinhos e das flores de seda, um mundo de encantadora visão e de uma adversidade expressiva para uma relação de afetos. As flores delicadas seduzem o olhar presente e despertam os contatos acariantes dos dedos que ousem tocá-las

---

decer. O fruto carnoso torna-se roxo-escuro quando maduro. Assim como as outras espécies das caatingas que conseguem manter-se verde durante o longo período das secas, o xiquexique também serve de alimento ao gado, que aproveita seu caule carnoso para saciar a sua sede (ASSIS, TOLEDO, ROMANIUC NETO, CORDEIRO, 1994, p. 50).

de forma carinhosa. Os espinhos pontiagudos e afiados afastam a intenção de uma maior aproximação, como se fossem guardiões das delicadas e frágeis flores, prontos a espetarem os dedos de quem tenha a coragem de uma aproximação maior.

A delicadeza e a agressividade do xiquexique mostram o espírito do sertão que se faz de encantamento e pavor. Os espinhos pontiagudos são a expressão aterrorizante no período das secas, quando as árvores ficam secas e os espinhos tornam-se mais visíveis. Já as flores de branco-púrpura representam a delicadeza das plantas quando recebem o afago dos pingos cristalinos da invernada sertaneja.

Os dois momentos do sertão na expressão do xiquexique revelam o entrelaçamento da natureza sertaneja mostrando-se na diversidade. Essa diversidade em harmonia é o espírito do sertão, sua capacidade de ser duas coisas ao mesmo tempo. A agressividade e a ternura simbolizam o sertão por meio do xiquexique, mostrando que a citada região se consolida por meio da expressão estética do referido cacto.

Como podemos perceber na imagem, a estética do xiquexique é feita de antíteses que se realizam na unicidade. Enquanto a flor expressa a ternura e a placidez com suas pétalas sofisticadas, como se fossem feitas de sedas delicadas, provocando-nos uma vontade de acariciá-las, paradoxalmente, os espinhos afiados revelam uma aparência agressiva, fazendo-nos recuar ante a realização de algum contato, mas nem por isso deixam de expressar uma estética repleta de encantos.

Cada expressão da natureza do sertão é repleta de significados de uma terra que não se mostra por inteira, pelas indeterminações de uma natureza que está sempre se transformando. O que se faz presente numa época do ano, em outra época, se faz ausente, e outras coisas surgem, mostrando novas configurações de um lugar que está sempre em movimento.

Por trás da paisagem causticada, há milhões de vidas; Algumas imprevisíveis. Todos os seres vivos – animais, e plantas formam um todo inseparável, uma corrente de elos biológicos que não podem ser quebrados, sob a pena de desequilibrar o meio e empobrecê-lo (NUNES FILHO, 2008, p. 29).

Como podemos perceber na citação, a seca ou verão não aniquila a vida na caatinga sertaneja, a vida é que se mostra de outra maneira, sem perder seu sentido de ser. As mudanças de estação de verão para o inverno são as dobras que ligam as partes distintas do sertão para revelá-lo como um todo, cuja estrutura é formada

por diversos elementos simbólicos que dizem muito da natureza do sertão. Em cada estação distinta, o sertão tem muito que mostrar, mas sem ficar no seu mundo isolado. A vida de cada ser é um fio repleto de sentidos que se anunciam no imenso corpo sertanejo.

No período da chuva, os frutos cintilam nos galhos das árvores e oferecem seus corpos como alimentos para várias espécies de animais. É um momento de festa na flora e fauna sertaneja. Pássaros saltitam no solo úmido e tomam banhos em algumas poças de água, eriçando as penas num mágico bailar de elegância e sensibilidade. O cacto palma se ergue para o horizonte, como se estivesse agradecendo ao céu pela chegada da chuva e pelo surgimento dos frutos avermelhados, doce a aguaceiros.

Imagen 11 – Cacto Palma com seu verde forte e flores vermelhas



(Fonte do Pesquisador)

Percebe-se no cacto palma uma das plantas que simbolizam o sertão por meio da sua resistência durante a estiagem. Mesmo no verão assustador, quando as cores verdejantes da natureza sertaneja se fazem ausentes em quase toda a vegetação, a palma busca, por meio das suas raízes, filetes de água na terra para a sua

sobrevivência. No período do inverno, ela fica mais verdejante e frutífera. Os beijos da água fazem cintilar seu corpo e explodir os frutos avermelhados.

A expressão da palma mostra a revelação de beleza por meio das cores da flor, do fruto e dos espinhos pelo viés adverso da natureza do sertão. O simbolismo se faz dos vários sentidos da referida planta através das cores do crepúsculo, reveladas no corpo dos frutos, do verde da esperança e do alimento para o gado durante as longas estiagens.

As alegorias de beleza e encantamento do sertão na invernada são deslumbrantes. Elas refletem uma natureza que se mostra como um poema, feito de revelação e recolhimento, onde tem um momento em que se percebe um lado, enquanto o outro se oculta. Esse movimento poético da natureza do sertão amplia a existência humana para uma vida a partir do sensível, para uma percepção de si mesmo e do mundo que o cerca. No sentimento do sertanejo, quando chove, os espinhos da existência árida desaparecem, e surgem lindas flores num tapete suave de uma campina de felicidade e esperança para melhores dias.

Na interioridade do sertanejo, durante a época de chuva, o sertão da existência floresce a satisfação para uma nova aurora de vida. É um instante de comunhão da terra com o corpo do sertanejo, num abraço fértil repleto de afetos. A natureza, na sua exuberância verdejante, toca os sentidos do humano, fertilizando no corpóreo a exuberância da terra, revelada no sorriso, na contemplação da transformação da caatinga, na plantação que floresce e na comunhão do humano com a natureza.

A pulsação da terra molhada, durante a invernada, agita cada célula, movimentando os desejos de amor à natureza, a qual seduz o sertanejo com seus encantos de beleza que entra nos poros do corpóreo, fecundando a existência humana com os gametas da sedução, de uma natureza fértil e acasaladora, como bem mostra Vieira (1968, p. 33-34) na citação a seguir:

Demando os campos e aí fico integrado à natureza, comungando, em profundos haustos, toda alegria e euforia da terra molhada de chuva e perfume de olores, no ar que respiro de nariz e boca aberta. Há em toda a natureza uma sugestão de juventude. Uma palpitação de vida nova. Um perfume de ressurreição. A terra bebe fartamente as águas da chuva e devolve o resto que sobra à sua voracidade no caneco dos ribeiros e dos regatos. Paire no ar uma agitação de sexo. Uma pulsação de amor em todas as cousas. Nas abelhas que esvoacam. Nos bichos nédios e fogosos que escaramuçam nos campos. Na natureza que abre a boca das covas escavadas pelas enxadas do agricultor para o himineu da fecundação. Na semente que rompe o

seu casulo. A terra exala um cheiro de excitação. De sexo que faz tremer todas as fontes da vida.

Deslumbrado, o sertanejo sente-se em comunhão com a terra molhada durante a época de chuva. Na estação invernosa, podemos perceber que o corpo da natureza e o do sertanejo configuram um estado de profunda excitação pelo viés da sensibilidade. As águas que beijam o solo da terra, fertilizando-a para a germinação das plantas, subjetivamente, são as mesmas águas que transbordam o açude do sentimento humano. Os orvalhos que escorrem e se acumulam no cálice das flores, oferecendo o doce rócio aos beija-flores, abelhas e borboletas, são os mesmos pingos de água cristalina que inundam os rostos felizes dos sertanejos nas manhãs orvalhadas do inverno no sertão. A terra repleta de um erotismo natural, aberta à fecundação e à germinação, esposa os beijos da chuva e as mãos do sertanejo para a realização da vida.

Ao sobrevir das chuvas, a terra, como vimos, transfigura-se em mutações fantásticas, contrastando com a desolação anterior. Os vales secos fazem-se rios. Insulam-se os cômoros escavados, repentinamente verdejantes. A vegetação recama de flores, cobrindo-os, os grotões escancelados, e disfarça a dureza das barrancas, e arredonda em colinas os acervos de blocos disjungidos – de sorte que as chapadas grandes, intermeadas de convales, se ligam em curvas mais suaves aos tabuleiros altos. Cai a temperatura. Com o desaparecer das soalheiras anula-se a secura anormal dos ares. Novos tons na paisagem: a transparência do espaço salienta as linhas mais ligeiras, em todas as variantes da forma e da cor (CUNHA, 2003, p. 41-42).

Seja na aridez, seja na invernada, a natureza possui um amplo campo de significações que não são conclusivas, pelo motivo de ser um lugar em constantes transformações. Isso, faz com que as experiências vividas do sertanejo estejam sempre sendo recriadas a partir da sua inerência com o mundo vivido. A maneira de a natureza não se dar por inteiro, de estar sempre mostrando novas expressões e diversos movimentos, é o que faz do sertão um lugar onde a vida está sempre buscando novas maneiras de reinvenção de si mesma e de convivência entre os extremos. “Mas o sertão está movimentante todo tempo – salvo que o senhor não vê; é que nem os braços de uma balança, para enormes efeitos de pesos leves” (ROSA, 2001, p. 533).

Como a caatinga se renova a cada estação do ano, mostrando sempre uma nova paisagem, o humano se renova atento e interligado com o mundo em que vive. A alegria dos animais se infiltra no espírito do humano e mexe com a sua existência. O florescimento das plantas refloresce os sentidos do sertanejo, como se fossem plantadas no seu corpo as sementes que estão no solo da caatinga na invernada.

Sucedem-se manhãs sem-par, em que o irradiador do levante ao incendio retinge a púrpura das eritrinas e destaca melhor, engrinaldando as umburanas de casca arroxeadas, os festões multicores das bignônias. Animam-se numa palpitação de asas, céleres, ruflando, - sulcam-nos as notas de clarins estranhos. Num tumultuar de desencontrados vôos passam, em bandos, as pombas bravas que remigram, e rolam as turbas turbulentas das maritacas estridentes (CUNHA, 2002, p. 41).

Na outrora época do verão, o marmeiro que esteve desfolhado, quando surgem as primeiras chuvas, sua aparência se transforma, florindo brancas flores, despertando no espírito do sertanejo uma sensação de paz e certeza para dias melhores. A referida planta que se parecia com espetos apontados para o céu, rogando clemência para a chuva, durante o inverno agradece à natureza invernal por intermédio das folhas verdejantes e flores brancas, ofertando uma imagem de delicadeza floral, expondo seu corpo de beleza singular que se destaca na paisagem sertaneja, onde abelhas, borboletas e colibris fazem uma festa sugando o néctar e polinizando as sementes sobre o solo úmido. Pequenas sementes saltam dos galhos sobre o solo úmido para germinação, e outras são alimentos para uma infinidade de pássaros alegres e cantantes.

Por intermédio da delicadeza das flores, o marmeiro revela o branco polar, mostrando a estética de uma natureza que outrora parecia morta, para, durante o desaguar das chuvas, expressar-se por meio das lindas cores de tons diversificados. A expressão da flora e fauna na natureza sertaneja amplia a dimensão do sertanejo para um estado de profunda alegria, transformando a vida, mudando o seu semblante e plantando no coração da certeza a esperança de uma boa produção de alimentos e de encantos naturais.

Todo o esplendor do marmeiro na sua transformação de uma estética contundente e assustadora para uma revelação de beleza verdejante mostra o quanto a natureza sertaneja é capaz de mudar seu corpo expressivo. Não precisa de muita chuva para a transformação acontecer. Basta cair sobre a terra uma quantidade de

água que seja o suficiente para que o marmeiro tenha os galhos novamente cheios de folhas verdes e flores brancas, mudando totalmente a outrora imagem de uma árvore que parece que estava morta para o surgimento de uma vegetação repleta de vida e beleza.

O mundo encantador e verdejante do marmeiro expressa a vida na caatinga por meio de uma paisagem que se revigora de maneira fantástica. Tanto os galhos sem folhas como a sementes adormecidas sob o solo ressequido, ao cair das primeiras chuvas, apresentam-se de outra maneira, revelando que a vida no sertão está sempre recomeçando para mostrar a uma natureza que não se mostra de maneira pronta e determinada. Indo ao sertão durante a estiagem e logo após o começo do inverno é possível perceber o marmeiro cintilando suas folhas verdes e flores embranquecidas.

Imagen 12 – Marmeiro com belas flores de cor branca.



(Fonte do Pesquisador)

Por intermédio da delicadeza das flores, o marmeiro revela o branco polar, mostrando a estética de uma natureza que outrora parecia morta para durante o desaguar das chuvas, se expressar por meio das lindas cores de tons diversificados. A

expressão da flora e fauna na natureza sertaneja amplia a dimensão do sertanejo para um estado de profunda alegria, transformando a vida, mudando o seu semblante e plantando no coração da certeza a esperança de uma boa produção de alimentos e de encantos naturais.

Quando retornei ao Pajeú para fotografar a natureza, uma cena me chamou a atenção: um pássaro saltava nas “cabeças” de uma estaca para outra, olhando o ambiente, expressando tristeza, como quem procurava sua companhia. Pela minha imaginação poética e pelas caminhadas nas veredas do sertão, desde a minha infância, fiquei a pensar que talvez o pássaro tivesse perdido a companheira no verão passado.

Imagen 13 – Pássaro da caatinga



(Fonte do Pesquisador).

Inquieto, o pássaro soltava um pequeno som, depois ficava em silêncio absoluto, olhando para todo o ambiente à procura de algo. Depois de pouco tempo, fazia um pequeno voo em busca de outra estaca, para fazer um pouso instantâneo, A cena, moldada de subjetividade, revelada no pequeno passarinho, mostrou o sertão

expressivo e tocou meu sentimento, alargando minha percepção, tornando minha existência mais sintonizada com as manifestações da natureza sertaneja.

Senti-me profundamente envolvido com os movimentos do pássaro. Parecia que meu corpo estava ao comando das suas asas pequeninas, e meu olhar sentiu-se entrelaçado com o olhar do pássaro, vagando pelos cantos, na tentativa de algum encontro.

O introspectivo pássaro, movendo-se sobre as cabeças das estacas, eriçava as penas e olhava o ambiente com tristeza e melancolia. O movimento do pássaro, repleto de significações do ambiente sertanejo, fez meu espírito ser sensibilizado por meio da expressão da natureza, despertando no meu ser uma melhor compreensão do lugar e aumentando o meu sentimento sertanejo.

A natureza do sertão (não só a do sertão) em sua amplitude não se prende às concepções cristalizadas do pensamento objetivo e da ciência mecanicista. Nesse sentido, recorrer à filosofia de Merleau-Ponty ajuda-nos a compreender e pensar a natureza em sua dimensão expressiva. A partir dessa concepção, podemos perceber que a natureza engloba o vivido e o sentido, onde não existe a ideia sujeito/objeto, mas sim, uma complexa rede de seres vivos em interação constante.

Por intermédio de uma expressão significativa, o sertão se amplia no corpo da sua natureza enigmática, provocando no sentimento humano um encantamento devido a sua adversidade, maneira de se transformar e de ser andante dentro da alma humana. A impregnação da natureza do sertão se faz viscosa no sentimento do homem sertanejo, onde os signos se fazem presentes na existência. O entrelaçamento homem com a natureza do sertão se faz por meio do fenômeno mundo vivido.

Tanto a natureza como o ser humano são fenômenos pelo sentido da reversibilidade, mostrando que ambos se fazem presentes numa só existência. Ampliar o homem do sertão por meio da natureza humaniza o lugar e abre o sentido para a concepção de que o sentir se faz presente em todas as manifestações da vida. O significado de amplitude dimensiona o sentido de uma terra que não se mostra totalmente revelada e, com toda sua força de afetação, sinergicamente penetra na existência do homem do sertão, mostrando o seu poder de encantamento e significação.

## APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO A VIDA HUMANA NO SERTÃO

No capítulo a vida humana no sertão, fizemos um diálogo filosófico, literário e educacional, aproximando os conhecimentos necessários para pensarmos melhor o sertão. Por meio da filosofia da Natureza de Merleau-Ponty, do livro Os Sertões, de Euclides da Cunha, da literatura do Grande Sertão: veredas, de Guimarães Rosa, (entre outros autores) e das conversas com os (as) sertanejos (as) do Cariri e do Pajeú, foi possível fazer um diálogo epistemológico, entrelaçando os saberes da filosofia, da literatura e dos depoimentos do homem do sertão. Isso foi de suma importância, porque nos possibilitou abrir espaços para podermos interpretar a perspectiva de uma educação fenomenológica, construída no mundo vivido pela relação do homem com a natureza sertaneja. Nas conversas com os sertanejos, compreendemos melhor o homem do sertão, pois os seus dizeres mostraram de forma sensível a relação que eles têm com o mundo vida. Cada palavra dos sertanejos ampliou esse trabalho de forma significante devido a serem eles os mais impregnados de signos da natureza e da cultura do sertão.

Ao refletirmos o corpo do homem do sertão no universo da natureza sertaneja, percebemos que o corpóreo do agricultor e do vaqueiro amplia sua dimensão de existência quando a provocação de um mundo atordoante e encantador penetra na subjetividade, impulsionando a vida para elaborações e reelaborações constantes. Isso faz do sertanejo um ser em contínuas transformações, abrindo espaços para diversas aprendizagens. Cada momento da vida do sertanejo em relação com a natureza é permeado de aprendizagem, de descoberta de horizonte para a uma melhor convivência com a caatinga, os outros animais, os vegetais e a cultura, criando fios de uma educação que é construída no universo das relações diárias.

Por isso, as falas dos (as) agricultores (as) e do vaqueiro moldaram a tese pelo universo do humano, mostrando a vida se fazendo e se refazendo diante das provocações de uma natureza imprevisível. Foi possível percebermos uma educação construída no dia a dia, moldada na experiência vivida dos sertanejos com as plantas, os animais e a expressividade da natureza do sertão.

## 2.0 A VIDA HUMANA NO SERTÃO

Para termos um melhor conhecimento sobre a vida humana no sertão, foi necessário um retorno ao Pajeú e ao Cariri para podermos conversar com os sertanejos a respeito da relação que eles têm com a natureza. Isso proporcionou uma melhor abertura para a compreensão de como acontece a educação no sertão.

A primeira conversa que tivemos foi com Manuel Amaro do Nascimento, um agrestino de Gravatá (PE), erradicado há 40 anos no Cariri, perto de Monteiro (PB). As palavras de amor ao lugar onde reside mostraram como a força da terra-sertão é forte na existência do sertanejo. Escutei Manuel Amaro do Nascimento dizer videntemente que só sai do Cariri para o cemitério. É um homem que ama o lugar, e o sertão para ele é tudo. É um filho do agreste que se transformou em sertanejo pela força de atração que a terra tem, mesmo sendo no seu contexto maior, uma terra tão inóspita. O sertanejo vive exclusivamente da terra e dela emana a sua existência que se assemelha às coisas do sertão. Com esposa e filhos, Manuel Amaro do Nascimento vive da agricultura e da criação de gado em uma pequena propriedade no semiárido paraibano. Na terra, ele planta alguns dos alimentos básicos, como feijão e milho, os quais são necessários para a alimentação anual da família.

De acordo com a produção, sendo ela boa, o sertanejo vende uma parte para completar o orçamento para a compra de produtos industrializados, que são complementos da sexta básica para a sobrevivência de todos. Manuel Amaro do Nascimento disse que tudo o que sabe da vida foi ensinado pela natureza sertaneja e que as experiências vividas no sertão tornaram-se uma espécie de professor, ensinando como cuidar da terra e relacionar-se com ela.

Outra conversa bastante significativa foi com Pedro Azevedo da Silva, um sertanejo do município da Prata, no Cariri paraibano. O lúcido sertanejo, aos 93 anos de idade, relatou toda a relação de amor que tem pela terra e, quando se ausentava do sertão, que ia para outras regiões, sentia uma saudade muito grande do seu lugar de origem. Disse que sempre viveu da terra e foi dela que aprendeu tudo. Não saberia viver noutro lugar longe do sertão. Hoje, Pedro Azevedo da Silva não mora no sítio, onde viveu grande parte da vida. O sertanejo reside numa casa na cidade, com esposa, filhos e netos (as). Na conversa que tivemos, ele contou as dificuldades e as alegrias de quando morava no sítio, pertinho da Prata. Um homem calmo, de uma simplicidade encantadora, o sertanejo falou com suavidade e ternura da época

em que morava no sítio, das observações que fazia da natureza para com ela aprender como plantar, cuidar do gado e de uma vivência de transformação de acordo com as estações de chuva e de verão. O que é mais notável na expressão do sertanejo é a leveza de espírito, mesmo morando numa região onde as provocações de sobrevivência sejam constantes e desafiadoras.

Através do diálogo com Inácio Ferreira de Brito, eu percebi a expressão da terra-sertão na fisionomia do sertanejo do sítio “Salgadinho”, no município Amparo, PB. De todos com quem dialoguei, foi Inácio Ferreira de Brito o único que nunca saiu do sertão para morar em outro lugar. O sertanejo mostrou-se um homem enraizado. Sua conversa compassada e plácida mostrou toda a calma de uma terra que parece feita da fluidez das coisas que não se apressam e parecem ter todo o tempo do mundo. O sertanejo, no seu relato, falou da experiência vivida no sertão, citando os desafios para sobreviver numa natureza tão distinta (chuva e seca), que tem como pilares as provocações constantes no dia a dia para a sobrevivência. Inácio Ferreira de Brito, igualmente ao outro sertanejo citado, reside com toda a família, esposa, filhos(as) e netos(as) num sítio de propriedade sua. Na terra, cultiva a chamada agricultura de sobrevivência, plantando algumas sementes típicas da alimentação sertaneja, para, durante a época de chuva, colher o alimento que servirá para a família o ano todo. O agricultor também planta sementes de algodão para comercializar e comprar outros alimentos não produzidos na sua propriedade. Inácio Ferreira de Brito possui alguns animais para colheita de leite e produção de derivados, como complementos da dieta alimentar da família.

Dos sertanejos citados neste trabalho, eu já conhecia Teófanes Leandro, um sertanejo de São José do Egito, no Pajeú pernambucano. De conversa eloquente e escorregadia, Teófanes é um sertanejo curioso, que gosta da leitura e é bastante visitado por pessoas da região e de outros lugares, inclusive da mídia televisionada. Amante da poesia e da história do cangaço, o sertanejo citado tem um apego muito forte ao lugar e às tradições poéticas. Sabe uma enorme quantidade de versos de poetas do passado e faz questão de declamá-los para quem vai visitá-lo. Teófanes vive no sítio Melancias, município de São José do Egito, PE. O sertanejo do Pajeú já morou em outras regiões do Brasil, mas a força do sertão terminou trazendo-o de volta ao seu lugar. Sua casa fica perto de São José do Egito, por isso ele está sempre indo à cidade fazer compras e conversar com as pessoas. No sítio, reside com a

esposa e um irmão solteiro que mora na mesma casa e ajuda nas tarefas diárias do roçado e da criação de gado.

Teófanes Leandro, como todo sertanejo, gosta muito de receber visitas das pessoas da cidade, principalmente as que têm estudo acadêmico e que são ligadas aos acontecimentos da terra, como a poesia, as histórias de cangaço e a política de antigos coronéis do sertão. Na sua casa, ele se torna o homem da oralidade sertaneja, declamando poesias, falando dos poetas e contando histórias antigas. É um sentimental sertanejo pelas coisas da terra e faz do seu lugar a expressão máxima da sua existência.

O diálogo com Pedro José de Araújo foi moldado de uma poeticidade bucólica, pelo que percebi do sertanejo ao seu amor à natureza. De uma conversa suave e de uma simplicidade acolhedora, o carirense paraibano, erradicado há muitos anos no sítio Monte Alegre, no município de Tuparetama (Vale do Pajeú), mostrou seu profundo respeito aos seres vivos da natureza do sertão, em especial à família dos cactos. O sertanejo fez questão de me mostrar a linda plantação de cactos que tem por trás de sua casa, onde estão plantados lindos mandacarus, xiquexiques, coroas-de-frade, macambiras e tantos outros. Ele tem na plantação dos cactos a “mesma” atenção que tem com a família, pelo carinho e dedicação aos vegetais citados. Só vendo a expressão de alegria do sertanejo quando caminha entre os cactos, mostrando cada um, falando deles como se fossem seus filhos.

De todos os sertanejos com quem dialoguei, foi Pedro José de Araújo quem se mostrou como o mais preocupado com os vegetais da caatinga. Disse que sempre que necessita cortar uma árvore, faz questão de plantar outra em seguida, reflorestando o local. Contou-me que fica muito preocupado e que sofre muito quando alguém derruba as árvores sem a preocupação da sobrevivência da caatinga como um todo. Pedro José de Araújo sabe de várias utilidades de algumas plantas do sertão. Como quase todos os sertanejos, ele vive da terra e é dela que aprende os ensinamentos de como plantar, colher e preservar a natureza da qual faz parte. No sítio belíssimo, defronte de uma grande serra imponente, o pajeusense amante dos cactos vive com a esposa, o filho e uma nora.

Sempre sorridente, um sertanejo que me envolveu com sua alegria foi Vicente Vitorino da Silva, nascido no Pajeú e residente no sítio Fazenda Nova, município de São José do Egito, PE. O sertanejo Vicente Vitorino da Silva é um negro esguio, de

altura bastante alongada, que tem um sorriso constante na expressão e uma leveza de espírito que molda a sua existência de forma encantadora e deslumbrante.

De conversa bastante desprendida e espontânea, Vicente Vitorino da Silva mostrou-se como uma pessoa que está sempre de bem com a vida, apesar das vicissitudes da labuta pesada vivida no sertão. O sertanejo falou do seu grande amor à terra e da saudade que sentiu por ela quando esteve em outros lugares.

A experiência vivida com a natureza do sertão é o fator constituinte de aprendizado que o pajeusense tem com a terra, principalmente a florada de algumas árvores. Vicente Vitorino da Silva me disse que a manifestação dos vegetais é quem ensina a ele se o ano será bom de chuva ou não. O sertanejo segue a mesma tradição dos outros que foram citados anteriormente com relação à convivência familiar. No seu espaço residencial, habitam a esposa e os descendentes, como filhos, filhas e netos. Como se pode perceber, a convivência da família de forma bem próxima é fator cultural e social bastante destacado na vida sertaneja.

Uma conversa bastante poética foi com o poeta Albino Pereira dos Santos, de 77 anos de idade. O sertanejo, além de agricultor, é um poeta do sertão. Nascido no Pajeú, no sitio Fazendo Nova, no município da cidade Tabira, Albino Pereira dos Santos é um homem que faz da existência com as coisas da terra a produção da sua poesia sertaneja. O poeta vive da produção da terra e de um salário que recebe da Prefeitura de Tabira, por ter prestado serviço como funcionário público à referida cidade. No sítio de propriedade sua, ele reside com a esposa, um filho e uma nora. O agricultor poeta planta e colhe alimentos que fazem parte da cultura agrícola do sertão. Além disso, Albino Pereira dos Santos tem um engenho que produz mel, rapadura e um alambique artesanal. O poeta coordena um programa numa rádio de Tabira, onde leva para os habitantes da região a voz da poesia do sertão, divulgando poesias de sua autoria e de outros poetas sertanejos.

A coragem do vaqueiro José Bonifácio Serafim deixou-me tomado de emoção através do depoimento do referido sertanejo. Nascido e criado em Bonfim, distrito de São José do Egito (PE), aos 53 anos de idade, o vaqueiro é uma prova viva da coragem do homem do sertão. O sertanejo aprendeu, desde os oito anos, o ofício de vaqueiro. O aprendizado se deu mais pela experimentação do que pelo ensinamento de outros vaqueiros, mesmo tendo um avô que já o fora no passado. José Bonifácio Serafim, em seu depoimento, disse que desde a idade citada ele começou a montar animais, como jumentos e cavalos e, em muitas ocasiões, levava sempre várias

quedas. Sua primeira investida foi aos 15 anos, e desde então, tomou gosto pelo ofício e nunca mais parou.

Como a maioria dos vaqueiros do passado, as pegas de boi de José Bonifácio Serafim sempre aconteceram em propriedades de fazendeiros que contratavam vaqueiros para pegar uma rês que desgarrou para dentro da caatinga. Hoje, ele tem uma pequena propriedade, resultado da reforma agrária na região. O vaqueiro falou da relação com o gado brabo da caatinga e dos que estão domesticados. Disse que hoje acontecem as festas de pega de boi, onde vários participantes concorrem a premiações para pegar uma rês braba, correndo dentro da caatinga. O depoimento do vaqueiro foi moldado de experiência, coragem e determinação, mas sempre proferido com muita simplicidade.

Uma conversa bastante agradável foi com Francisca Maria de Almeida, uma “assentada” do agreste pernambucano, erradicada na Ramada da Quixabeira, município de Igaraci, Vale do Pajeú. Sempre sorridente, a líder comunitária é apaixonada pelo sertão e falou do amor à natureza e ao lugar em que vive. Disse que no Agreste sempre chove e que no sertão tem a questão das grandes secas, as dificuldades da vida, mas mesmo assim, aprendeu muito com a terra do sertão e desenvolveu uma relação de amor e carinho muito grande pelo lugar em que mora e jamais sairá dele.

A agrestina que se transformou em uma sertaneja tornou-se, através das suas atividades no Movimento dos Sem Terra, uma líder bastante experiente pela luta dos direitos dos sertanejos com relação à assistência agrária, à saúde e à educação. No dia a dia, participa das decisões políticas para o seu povo em termos de melhoria para a comunidade que lidera. Mesmo tendo a vida diária como liderança do local em que vive, Francisca Maria de Almeida é uma agricultora que colhe da terra boa parte da alimentação de que precisa para o seu sustento. Diferentemente das famílias citadas por outros sertanejos, não reside com os familiares na mesma casa. Na pequena comunidade, cada integrante de sua família tem sua casa própria.

Entre todos (as) com quem estive presente, ouvindo seus relatos de vida, foi Izabel Marques da Silva, mais conhecida como Zabé da Loca (iremos usar apelido para melhor identificação), a que mais me impressionou. Apesar de a conversa ter sido bastante difícil, devido a problemas de saúde e de idade, a sertaneja do Cariri, do sítio Santa Catarina, município de Monteiro (PB), pela sua expressão e pela história de vida, é uma testemunha veemente da experiência de vida mais entrelaçada

com a natureza do sertão. Zabé morou sozinha em uma loca de uma pedra durante 20 anos. A sertaneja paraibana viveu totalmente integrada com a natureza, tendo na maior parte do tempo a companhia dos vegetais, dos pássaros e de outros animais. O local onde morou (dentro da caatinga) é de acesso complicado, uma espécie de esconderijo numa caverna pequena, formada pela posição íngreme de uma imensa rocha e protegida por uma parede de barro e galhos, feita pela própria Zabé.

Com muita dificuldade de falar, devido a uma forte bronquite, a sertaneja disse que resolveu morar na Loca porque era mais tranquila, não tinha ninguém para aperreá-la e que gostava muito de tocar para os passarinhos o pífano que aprendeu quando ainda era menina, na companhia do seu pai.

Hoje, residindo em uma casa perto das netas e filha, Zabé sempre recebe visita de curiosos, de jornalistas e de pesquisadores para saber da sua vida, quando morava na Loca. Há alguns anos (em torno de 15 anos), um pesquisador alemão, divulgador da cultura popular brasileira, promoveu, em algumas cidades do Brasil, apresentações de Zabé da Loca tocando pífano, acompanhada de um grupo de músicos.

Os relatos e os diálogos com os sertanejos (as) ampliaram minha compreensão de sertão e o sentido profundo de uma terra que ainda é tão mal compreendida por alguns urbanos de frieza emocional analítica. Ao perceber naqueles homens e mulheres simples, de aparência “rude” à primeira vista, mas de uma ternura suave e encantadora, o sentimento sertanejo se alongou na minha existência, abrindo horizontes para compreensões sobre uma natureza tão inconstante e um povo tão humano que tem na existência a sabedoria emergida pela experiência vivida numa terra repleta de provocações e de transformações.

Para ampliarmos o conhecimento de sertão e compreendermos o sertanejo pelo viés dos estudos, cabe-nos trilharmos em algumas literaturas, entre elas: Grande Sertão: veredas, de Guimarães Rosa, e Os Sertões, de Euclides da Cunha.

Na literatura de Guimarães Rosa (2001), o sertão dos Gerais é revestido de uma paisagem exuberante o ano todo e tem apenas um deserto (Liso do Sussuarão) no seu espaço geográfico. Ele está sempre em movimento, como é visto por meio dos personagens nômades e dos rios perenes. É um lugar expressivo, cheio de cores e sons, moldado pelo místico e pelo imaginário, os quais afetam o homem de forma envolvente, principalmente o personagem Riobaldo.

O sertão, na obra de Euclides da Cunha (2003), o movimento andante dos sertanejos é em busca de um lugar definitivo. Ele revela duas naturezas distintas, onde predomina mais a aridez, fazendo com que o homem e outros seres vivos tenham que estar sempre reinventando novas formas de adaptações pelos desafios de uma natureza indeterminada, como bem sentiu o místico e religioso Antônio Conselheiro.

Os dois sertões citados se entrelaçam nesta pesquisa, ampliam-se e configuram-se pela relação natureza e humanos. O sertão que se estende para o mundo e o que mergulha na aridez humana e geográfica é o lugar onde a experiência vivida tem o sensível como a expressão máxima da sua existência.

Neste trabalho, o sertão nordestino, mais especificamente o do Cariri paraibano e do Pajeú pernambucano, é o campo para nossa reflexão epistemológica, filosófica e educacional. Nas duas regiões citadas, a diversidade da natureza mostra um lugar que ensina muito por causa das adversidades da vida, reinventada a todo instante. Por isso “o sertanejo é antes de tudo, um forte”. (CUNHA, 2003, p. 77).

O sertanejo é forte e resistente por viver entrelaçado com uma natureza em constante transformação. O sertão infiltra-se no seu corpo, alojando-se nos lugares secretos do espírito, tocando-lhe os sentidos com profundidade, do mesmo jeito que a raiz do umbuzeiro vai buscar água nas profundezas da terra durante as longas estiagens. O humano do sertão é um ser profundamente entrelaçado com a terra. É de onde ele tira o grande aprendizado da vida.

O homem dos sertões – pelo que esboçamos – mais do que qualquer outro está em função imediata da terra. É uma variável dependente no jogar dos elementos. Da consciência da fraqueza para os debelar, resulta, mais forte, este apelar constante e maravilhoso, esta condição inferior de pupilo estúpido da divindade. Em paragens benéficas a necessidades de uma tutela sobrenatural não seria tão imperiosa. Ali, porém, as tendências pessoais como que se acolchetam às vicissitudes externas e deste entrelaçamento resulta, copiando o contraste que observamos entre a exaltação impulsiva e a apatia enervadora da atividade, a indiferença fatalista pelo futuro e a exaltação religiosa (CUNHA, 2003, p. 92).

Como podemos perceber na citação de Cunha, o sertanejo reinventa-se diante das provocações do mundo vivido. As vicissitudes são experiências de vida no grande mosaico de uma terra paradoxal, que é fértil, como um ventre aberto à germinação de vidas que explodem repletas de movimentos e expressões de alegria.

Mas também é uma terra que aparentemente se mostra híbrida. Nessa natureza complexa, o humano é um ser eminentemente da terra. Nela, o sertanejo vive, cria condições de existência, adapta-se às variações climáticas, entrelaça-se com os vegetais e os outros animais, numa relação de afetos, de amor, de erotismo, de paixão, em que a vida se expressa de todas as maneiras.

No sertão, as coisas se humanizam a partir da relação do homem com o que existe no espaço geográfico. O sertanejo tem nome de algum animal; os animais têm nome de gente, de plantas e até de peixes do oceano. É muito comum encontrar cachorros domésticos com nome de peixes, tipo: baleia, tubarão, piaba, cioba, entre outros. Os lugares também possuem nomes de gente, como sítios, fazenda e cidades. No sertão, os lugares ganham nomes como se fossem personagens.

Em Grande Sertão: veredas, a natureza não é cenário ou espaço, ela se coloca como personagem. Sua percepção como algo belo é uma das bases que conduzem Riobaldo em sua trajetória. O caráter estético da natureza - belo e mutante é plenamente reconhecido. Essa perspectiva se faz presente também a partir da importância dada a própria nomeação - que se aplica aos espaços, lugares e formas da natureza – aí incluindo os animais e os pássaros. Não se pode deixar de lado a forma como os nomes - poéticos – conferem – “Alma” ao lugar, configurando um estado de espírito, uma predisposição. Nomeação que não é simples, já que os lugares – assim como as pessoas – também estão expostos as mudanças. Vemos que os nomes dos lugares – o das pessoas – vão se alterando. Em senhas, que buscamos decifrar. Ao mesmo tempo, Riobaldo enfatiza a ligação da pessoa com o lugar onde nasce, de forma a conferir uma espécie de sacralidade ao espaço. Vemos assim que o contato estético – “o de-  
vir sentir” – com a natureza também se coloca como ponte de acesso a outras realidades, menos ordinárias. A própria vivência do tempo se transforma (MARÇOLLA, 2006, p. 185-186).

Como podemos ler na citação de Marçolla, o mundo sertanejo se expressa pelas vias da existência complexa, mostrando-nos um lugar que surpreende a todos, com seus extremos, harmonia e interação constante. É o que nos mostra a sertaneja popularmente conhecida como Zabé da Loca. Essa sertaneja resolveu morar debaixo de uma pedra, num lugar alto, no topo de um serrote, de acesso difícil, rodeado de espinhos, marimbondos e vegetação densa.

Embora tendo muita dificuldade para falar e a tocar o pífano, devido a uma bronquite crônica, Zabé mostrou-se muito aberta ao nosso diálogo e ainda tocou algumas melodias, apesar de que o instrumento musical não se encontrava em boas condições para ser usado. Quando toca, Zabé se transforma e entrega-se ao sensí-

vel mundo encantador da música que explode na sua carne. É uma revelação estesiológica que toma a tocadora por inteiro, fazendo a expressão corporal se abrir para o mundo das significações constantes. É um momento de significação do corpo tomado pelo despertar sensível. No momento musical, a expressão de Zabé expande-se, dando a impressão de que o corpo cresceu de tamanho e que a sertaneja está em fase de crescimento. Isso mostra a capacidade de o corpo dimensionar a existência que se agiganta no universo da experiência estética.

A capacidade de Zabé se expressar mostra uma vida feita de música e natureza em constante diálogo, por meio de uma sertaneja envolvida profundamente com o mundo da caatinga. Passarinhos, outros animais, borboletas e a vegetação, em momentos distintos, habitam o corpo de Zabé e explodem nos acordes sonoros do instrumento musical construído pelas mãos calosas e rudimentares de uma mulher delicada e sensível que passou boa parte da vida em completa comunhão com a natureza.

Em suas mãos calosas, devido ao trabalho usando enxada, roçadeira e machado, rasgando o solo seco e árido para plantação do milho e feijão, cortando algumas galhadas para a moradia, de repente as feridas dos calos dão lugar às expressões dos movimentos leves, suaves e delicados, para a execução da música que mostra, de forma sensível e encantadora. Toda a expressão enrugada e de aparente sofrimento desaparece quando Zabé se entrega à música de maneira apaixonante. A leveza da experiência estética toma conta de Zabé de forma profunda, e a ternura do sentimento musical eleva o corpo de tocadora de pífano para o mundo dos delírios e êxtase que a arte provoca e libera.

O que fundamenta a experiência estética é a comunicação dos sentidos. A experiência estética, como dimensão do sensível, expressa o belo. O que é o belo? O belo, não sendo uma ideia ou um modelo, precisa ser experimentado, vivido, solicitando, assim, a sensibilidade, como um convite à contemplação (NÓBREGA, 2010, p. 89).

Vendo a sensível tocadora do Cariri, percebe-se um ser que se agiganta esteticamente nos movimentos do bailar dos dedos, na expressão do rosto enrugado e no diálogo com o mundo da sonoridade do instrumento que se mistura com os sons da caatinga.

Zabé se afastou da suposta civilização para conviver com os animais selvagens e a vegetação diversa, tocando o instrumento para os seres da caatinga numa

completa harmonia e interação com a natureza sertaneja. Na moradia onde os índios cariris usaram a Loca em épocas passadas, Zabé encontrou uma maneira mais próxima de viver em plena comunhão com a natureza. Vejamos seu depoimento:

Eu só gosto de morar no mato... Sou que nem bode. Eu gosto da caatinga. Eu gosto de morar no mato feito cigano. Eu não tinha casa para morar, por isso fui morar na Loca, e foi lá onde achei meu melhor local. Sou muito sincera em dizer que não dou a Loca em 10 casas. Só não estou morando lá por causa das doenças não me deixarem subir no serrote. Lá eu ficava muito tempo tocando... Tocando pros passarinhos... Pros bichos... Pra tudo. No tempo que eu morava na Loca gostava de andar pela caatinga. Quando eu andava, olhava tudo... Os passarinhos... Os bichos... Tudo (ZABÉ DA LOCA, 2011).

O significante depoimento de Zabé mostra uma vida que se desenhou durante muito tempo em contato pleno com a natureza do sertão. A tocadora de pífano encontrou no silêncio humano e na sinfonia da natureza um lugar para se fazer através da música e do contato com os seres vivos da caatinga. Foram muitos anos em plena harmonia com um mundo em que ela se integrou em busca do seu sentido primordial, que vem lá dos antepassados da espécie humana. Mesmo morando em uma casa, Zabé sente saudade do seu esconderijo e das caminhadas na caatinga, quando observava as manifestações da natureza e se integrava dialogando com o instrumento pela própria disposição sensível em sentir as manifestações do mundo vivido.

Quando está tocando o pífano, veem-se na expressão do seu rosto as contrações faciais se misturando com as rugas que o tempo desenhou na face da sertaneja. Nela, a estesia<sup>29</sup> é uma experiência vivida que pulsa em cada célula da sua expressão vibrante, mostrando um sentir que explode nos gestos, na existência e que se revela como um logos estético (MERLEAU PONTY, 2000). As rugas do rosto de Zabé se contraem como o solo dos açudes calcinados durante as longas estiagens. O estado estesiológico de profunda excitação da música que sai dos poros do corpo, do pífano, das contrações musculares mostra a estesia da experiência estética arrebatando a sertaneja do Cariri, revelando-a de forma expressiva e comunicante.

---

<sup>29</sup> Estesia diz respeito à capacidade de o corpo sentir quando é afetado pelas coisas do mundo e que pode se transformar num logo estético (MERLEAU-PONTY, 2006).

Imagen 14 - Zabé da Loca tocando pífano



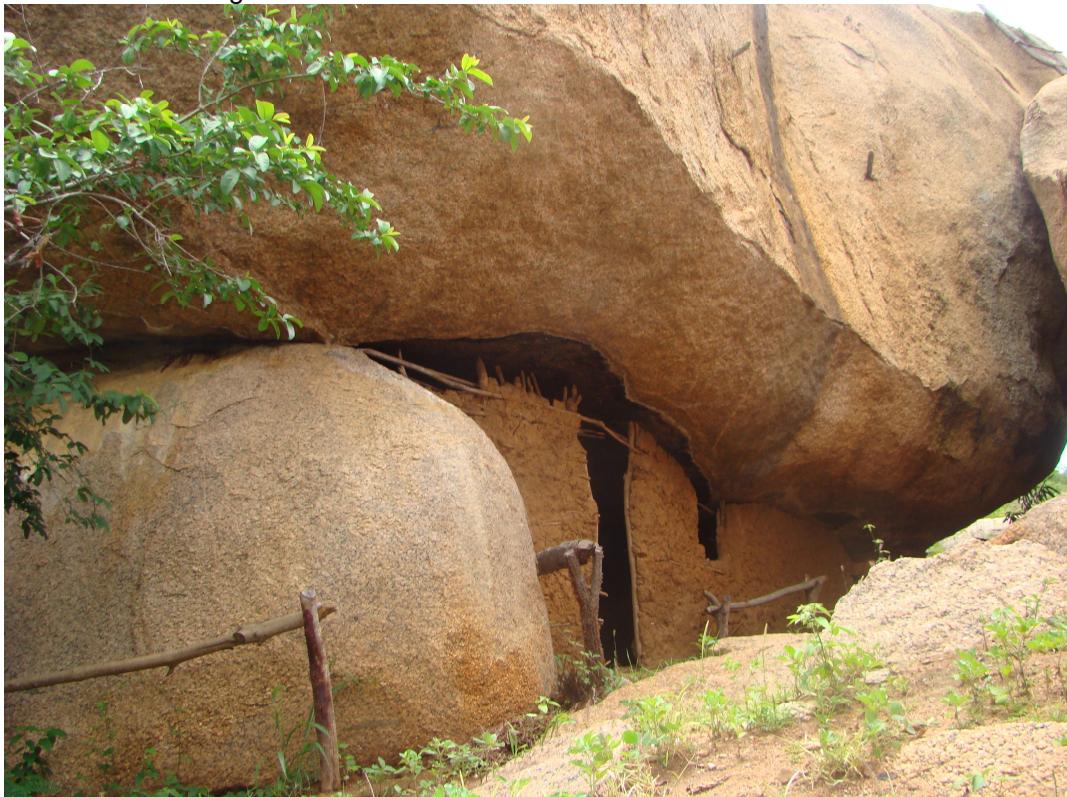
(Fonte do Autor)

No som que sai do pequeno instrumento de fabricação artesanal, Zabé busca mostrar os cantos dos passarinhos, o som dos ventos e os gemidos da terra durante as grandes secas. Na sua expressão enrugada, encontram-se as mesmas cores e as rachaduras das paredes da Loca. A semelhança de Zabé com o mundo vivido é a inerência do sertão com uma existência entrelaçada com todas as coisas que compõem o imenso corpo sensível da natureza sertaneja.

A construção da Loca feita pela própria Zabé revela uma arquitetura sensorial. O local onde a sertaneja residiu expressa a sua maneira de viver. As paredes da sua cor, o espaço físico aberto à natureza, interligado aos movimentos dos animais, das plantas e do tempo, mostram uma moradia comunicada com o mundo vivido. A parede sempre aberta por intermédio da porta e da janela mostra-se como um lugar que dialoga com o mundo exterior de forma constante. Nele, Zabé ouviu por muito tempo os pássaros cantando, e com eles tocou seu pífano, numa orquestração do humano com os seres da caatinga, formando a sinfonia natural do sertão. A arquitetura do lugar se fez presente nos sentidos de da tocadora de pífano numa interação entre a natureza e o sentimento humano. A Loca é a expressão de Zabé! Nela ainda

estão impregnados nas paredes os sons do instrumento da sertaneja e o seu modo de viver. Em cada recanto da Loca, fazem-se presentes os anos em que Zabé esteve no lugar. Os pássaros ainda se fazem presentes, junto com outros animais e insetos.

Imagen 15 – A Loca onde Zabé residiu durante 20 anos



(Fonte do Pesquisador)

Pelo relato e expressão nota-se que a arquitetura da Loca intensificou a vida de Zabé e ampliou sua existência com o mundo vivido, deu-lhe a significação de uma mulher intrinsecamente envolvida com a natureza sertaneja e lhe ensinou como viver num mundo onde os excessos e as faltas fazem parte do cotidiano. O local se projetou nessa sertaneja durante os anos de moradia, intensificando o sentir para a elaboração de uma música que tem os mesmos gemidos da terra e as mesmas expressões de um lugar feito de natureza e humanidade.

É evidente que uma arquitetura “que intensifique a vida” deva provocar todos os sentidos simultaneamente e fundir nossa imagem de indivíduos com nossa experiência de mundo. A tarefa mental essencial da arquitetura é acomodar e integrar. A arquitetura articula a experiência de se fazer parte do mundo e reforça a nossa sensação de rea-

lidade e identidade pessoal; ela não nos faz habitar mundos de mera artificialidade e fantasia (PALLASMAA, 2011, p. 11).

O mundo vivido por Zabé se prolonga na própria maneira de ela se expressar por meio do seu instrumento de fabricação artesanal. Nele, é possível ouvir os cantos dos passarinhos que a sertaneja ouviu quando esteve morando na Loca. A imensa rocha íngreme com duas entradas abriu o mundo dela para uma expressão da existência e da música que fez com que a Loca e Zabé se tornassem andantes por meio da estética do lugar. “A arquitetura significativa faz com que nos sintamos como seres corpóreos e espiritualizados. Na verdade, essa é a grande missão de qualquer arte significativa” (PALLASMAA, 2011, p. 11).

Zabé fez a Loca criar sentido. O local não é uma simples moradia de uma mulher sertaneja que resolveu se afastar da suposta civilização. No espaço rústico e composto de um só lugar para acolhê-la, a tocadora de pífano encontrou um espaço identificado e interligado com o mundo vivido. Nele, Zabé conseguiu encontrar seu sentido primordial constituindo-se como um ser da natureza.

Zabé, por meio da música e da convivência com a natureza, ampliou sua dimensão de existência e se realiza na criação de sentidos que dimensionam a existência de um Ser da caatinga. Essa comprovação da relação profunda da sertaneja do Cariri paraibano com a natureza abre o campo da compreensão de que a vida não se isola, ela recria outras formas de convivência, adapta-se e constrói outros elos para realização do que ainda não foi sentido nem percebido.

A Loca foi, durante algum tempo, o local onde Zabé fez dos seus sentidos a integração corpórea para uma existência totalmente interligada com o lugar. O chão batido, a porta e a janela sempre abertas, o espaço interior, a resistência do lugar, a moradia no seio da caatinga, os cantos e ruídos dos animais, o pífano da sertaneja ecoam e fluem na natureza e no sentimento humano. Zabé experimentou na sua arquitetura sensível a sua própria existência de forma corporal e espiritual, onde se confundem ela e a Loca numa só existência.

Ao experimentar a arte, ocorre um intercâmbio peculiar: eu empresto minhas emoções e associações ao espaço e o espaço me empresta sua aura, a qual incita e emancipa minhas percepções e pensamentos. Uma obra de arquitetura não é experimentada como uma série de imagens isoladas na retina, e sim em sua essência material, corpórea e espiritual totalmente integrada. Ela oferece formas e superfícies agradáveis e configuradas para o toque dos olhos e dos demais

sentidos, mas também incorpora e integra as estruturas físicas e mentais, dando maior coerência e significado à nossa experiência existencial (PALLASMAA, 2011, p. 11).

O mundo integrado de Zabé com a Loca é experimentado na existência da sertaneja tem as mesmas significações e sentidos a serem revelados na existência de ambos. A Loca abre a janela e a porta para ecoar o som do seu instrumento. A boca de Zabé abre sua “porta”, e os dedos escorrem no instrumento para expressar o som do pífano, mostrando os sons da natureza sertaneja.

Há uma transferência sutil entre as experiências do tato e do paladar. A visão também se transfere ao tato; certas cores e detalhes delicados evocam sensações orais. Uma superfície de pedra de cor delicada é sentida subliminarmente pela língua. Nossa experiência sensorial do mundo se origina na sensação interna da boca, e o mundo tende a retornar às suas origens orais. A origem mais arcaica do espaço de arquitetura é a cavidade bucal (PALLASMAA, 2011, p. 56).

O exemplo de Zabé da Loca mostra que o humano do sertão mistura-se com a natureza numa incrível semelhança pelo que constitui ambos como um universo sensível de uma expressão estética, repleta de adversidades extremas. Se tivermos somente uma única visão da natureza do sertão, pode ser que nossa percepção só enxergue a aridez cambaleante, decaída, onde as imagens se parecem fantasmas de outras eras. Do mesmo jeito, à primeira vista, o sertanejo, na sua aparência introspectiva, moldada pela textura da terra, ao primeiro olhar, tem a impressão de ser um ser da inércia. Nesse sentido, o sertanejo

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quesímodo reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicêncio que lhe dá um caráter de humilde deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo; se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre os estribos, descansando sobre a espanda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parece ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. E se marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater um isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo – cai é o termo – de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícu-

la e adorável. É um homem aparentemente fatigado. Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo; na palavra re-memorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude. Entretanto, toda esta aparência ilude (CUNHA, 2003, p. 77).

Como os galhos pendidos dos lânguidos marmeleiros que durante a seca se apresentam decaídos, e só basta uma pequena chuva, para de repente se erguerem imponentes numa transformação típica da caatinga, o sertanejo sai da sua aparência ilusória numa transformação corpórea que, pelos movimentos rápidos, dá a impressão de ser algum dos atletas deuses do Olímpo grego. Diante de uma exigência, de repente deixa de ser aquele sujeito apático, de pouca expressão à primeira vista, de movimentos lerdos, para se transformar num gigante, num homem sem limites para os desafios da vida diária, que se move numa rapidez de Aquiles<sup>30</sup>, para enfrentar as vicissitudes da vida com coragem, rapidez e determinação.

A reversibilidade do corpo do sertanejo mostra a amplitude dos movimentos de um corpo que se transforma e modifica a existência. A disposição corpórea através da dimensão dos movimentos expressa um humano que num relampejar de segundos transforma-se e revela uma aparência que estava latente, só esperando uma provocação para demonstrar a expressão, os movimentos indeterminados e reveladores de um mundo em constantes transformações. O corpo do sertanejo, ao se transformar diante das provocações do lugar, mostra como o corpo é capaz de criar movimentos até então não experimentados e sensações antes não vividas (MERLEAU-PONTY, 1999).

Imprevisível e indeterminado, o corpo de aparência lânguida, de movimentos apáticos e quase que numa posição de estátua ou num repouso aparentemente interminável, numa reversibilidade espontânea e graciosa, sai do estado de imobilidade, transforma-se por meio dos gestos e das expressões, mostrando o quanto o sertanejo é capaz de modificar-se no espaço geográfico do mundo vivido.

O homem transfigura-se. Empertiga-se, estalando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e na cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte, corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea todos efeitos do relaxamento habitual dos órgãos, e da figura vulgar do

---

<sup>30</sup> Herói guerreiro, personagem da Ilíada, do poeta grego Homero

tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias. Este contraste impõe-se ao mais leve exame. Revela-se a todo o momento, em todos os pormenores da vida sertaneja – caracterizado sempre pela intercadência impressionadora entre extremos impulsos e apatias longas (CUNHA, 2003, p. 77).

Percebe-se que a transformação do sertanejo é a grande expressão da sua existência e a maneira inacabada de se viver. Só precisa um relampejar de alguns segundos que toda a sua expressão muda e surge um ser humano de movimentos rápidos e mostrando um Ser tão forte como a própria terra em que habita.

A disposição do corpo entrelaçada com o mundo vivido amplia os movimentos do sertanejo para uma concepção fenomenológica. Junto com o corpo do sertanejo, expressa-se por meio do mover-se toda uma história de vida, manifestada nos sentidos, penetrada nos músculos, nervos e ossos. Nas células do corpo, em todo o organismo, estão as relações da experiência cotidiana. Ela mostra o caminhar do sertanejo pela caatinga, livrando-se dos espinhos e das galhadas, cruzando grotões, vales e montanhas, ficando horas e horas na posição estática a contemplar o horizonte à espera da chuva, enfrentando as secas vorazes, os invernos caudalosos e a labuta diária no seu dia a dia. O orgânico e o fenomenológico estão sempre se cruzando, interpenetrando-se e dialogando na vida do sertanejo. O humano do sertão é um ser constituído pelo viés do biológico e pela dimensão do mundo vivido.

Moldado pela terra, o sertanejo é um homem do lugar, sem nenhum determinismo biológico nem geográfico de causa e efeito. Mas, pela força de afetação de uma natureza imprevisível, repleta de cores, sons e movimentos, os quais penetram na sua existência, expandindo-a, dão uma nova forma de ser, a qual se renova a cada experiência vivida. O sertanejo é um homem simples, de coração aberto e que oferta sempre o abraço fraterno e caloroso; é um construtor da boa vizinhança e receptível a quem chega de outras terras; sempre tem algo a ofertar, nem que seja uma coisa singela e humilde; tira de si para dar aos outros; tem um caráter tão forte como a própria terra em que habita e enfrenta as vicissitudes da vida com paciência e coragem.

Atravessa a vida entre ciladas, surpresas repentinhas de uma natureza incompreensível, e não perde um minuto de tréguas. É o batalhador perenemente combatido e exausto, perenemente audacioso e forte; preparando-se sempre para um reencontro que não vence e

em que não se deixa vencer; passando da máxima quietude à máxima agitação; da rede preguiçosa e cômoda para o lombilho duro, que o arrebenta, como um raio, pelos *arrastadores* estreitos, em busca das malhadas. Reflete, nestas aparências que se contrabatem, a própria natureza que o rodeia – passiva ante o jogo dos elementos e passando, sem transição sensível, de uma estação a outra, da maior exuberância à penúria dos desertos incendiados, sob o reverberar dos estios abrasantes. É inconstante como ela. É natural que o seja. Viver é adaptar-se. Ela o talhou-a a sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto... (CUNHA, 2003, p. 80).

No mundo sertão, a dureza de uma natureza impiedosa e acolhedora faz o sertanejo dimensionar a existência entre cactos, galhos espinhosos, rochedos afiados, atravessando a vida sempre tendo à frente o desafio de reinventar-se a todo instante, pois as ciladas são repentinhas e inconstantes. Nesse lugar, transformar-se é a inerência da vida entre extremos que aproximam as bordas do objetivo e do subjetivo, e constrói-se um tecido de vidas, pleno de sentidos e significados.

O sertão ambivalente é um lugar que provoca na existência do sertanejo uma constante adaptação para a vida diária, de um mundo que ora atordoa, ora provoca alegria e satisfação. Esse mundo repleto de surpresas torna o sertanejo atento ao seu entorno e às exigências para uma convivência de interação constante.

## 2.1 O AGRICULTOR DO SERTÃO

O sertanejo, habitante das comunidades rurais, dos sítios ou fazendas, é um ser eminentemente entrelaçado com a terra. Dela, colhe a alimentação e molda a sua existência pelo motivo de estar sempre em relação com o mundo vivido. No seu espírito, no fundo do sentimento, pulsam os gemidos da terra nos momentos da aridez ensolarada; em cada órgão do corpo sensível escorrem as alegrias dos tempos de inverno, da passarada cantando, do roçado verdejante, dos animais se alimentando e dos rios e riachos transbordando os leitos tortuosos. No sentimento profundo do sertanejo, a relação com a terra é a explosão de uma vida em constantes percepções com a natureza que o cerca. É o que nos diz a sertaneja agricultora Almeida (2011):

Eu observo a natureza, os cantos dos pássaros, a vegetação, que é uma riqueza; as plantas medicinais, a umburana de cheiro, a catingueira branca de que, além de ser medicinal, é uma alimentação para os animais; o jucá... Eu observo tudo; aquela planta que dá mais

sombra; a que, mesmo no verão, permanece verdinha. Tudo me sensibiliza e me deixa cheia de alegria.

Como podemos perceber no depoimento da agricultora Almeida, o universo das coisas do sertão sensibiliza e transforma a existência da mulher sertaneja. Terra e ser humano se entrecruzam numa relação subjetiva em que cada um se torna sujeito e objeto ao mesmo tempo, despertando nos sentidos a intersubjetividade e abrindo os campos da existência para uma consciência telúrica e um sentimento campesino. O sertanejo, na expressão de uma vida entrelaçada com a natureza, tem as mesmas marcas, dores, sentimentos e cores da terra num grande painel exposto ao sol da dureza e à tempestade da incerteza.

Gente-sertaneja tem pressa não. Nem no falar. Leveza é virtude. Pressa? Ah, meu senhor, pressa é tumulto da alma. Vida aqui é só facilidade não. Tem suas durezas também! Em cada trilha, luzes a abismos, pedras e espinhos. Viventes carecem mostrar coragem no suceder da existência. Nada ninguém teme, exceto o Criador, a quem cada um mortal se entrega com humildade e obediência em cada madrugada-manhã. É esse o proceder (NUNES FILHO, 2011, p. 24).

No espírito do sertanejo não existe o sentimento de recuo ou desistência. Ele enfrenta a vida com paciência e simplicidade, sempre buscando tirar da terra a sobrevivência e a aprendizagem para os dias que virão.

O sertanejo Inácio Ferreira de Brito é a expressão de uma terra que não tem pressa e que se anuncia com leveza e mansidão. Onze meses depois da nossa conversa sobre o sertão, Inácio Ferreira de Brito faleceu, deixando o legado de um ser intrinsecamente ligado com as coisas do sertão. Suas palavras cansadas, como se estivessem se despedindo da terra, revelaram o sentimento sertanejo de uma forma melancólica e saudosista.

Momentos antes do falecimento, o sertanejo (segundo Marcos de Brito) do cariri paraibano fez longos aboios cantantes, emitindo os últimos ecos humanos de um coração profundamente sertanejo. Inácio Ferreira de Brito nos mostrou o sensível relacionamento com as coisas do lugar. Suas palavras fluíram de maneira enigmática, mostrando uma terra que projeta nos humanos uma natureza profundamente adversa e que constitui um imenso mosaico de vidas simples e repletas de humanidade. Foi o que nos passou Inácio Ferreira de Brito por meio das suas palavras

compassadas, serenas, repletas de um sentimento profundo e reveladas com os tons da simplicidade de um homem humilde e conhecedor da terra em que nasceu.

Imagen 16 – Inácio de Brito



(Fonte do Pesquisador)

Na imagem de Inácio Ferreira de Brito e na própria casa em que residia, as cores de um marrom amarelado expressam os tons crepusculares que a terra do sertão revela durante a aridez. O olhar melancólico que se dirige ao longe mostra o sertanejo mergulhado na introspecção, como se o mundo tivesse parado diante dos seus olhos, e se fizesse presente a incerteza dos dias que virão. As rugas no rosto pensativo são as marcas de tantos e tantos anos de labuta na terra sertaneja, de tirar do solo árido o sustento de si mesmo e da família, de viver sempre repleto de incertezas. Cada traço das suas rugas tem a aparência dos riachos secos e o recolhimento da terra ante o medo da seca. Os cabelos brancos com tons cinzentos se assemelham às cores da caatinga na época do verão, quando se mostra uma paisagem onde as cores do branco-cinzenço é a revelação maior.

A expressão do tórax, repleto de rugas horizontais e transversais, tem a semelhança das rachaduras do leito dos açudes secos durante a época do verão, dan-

do-nos a impressão de que o corpo do sertanejo citado foi feito do chão calcinado, fazendo-nos acreditar que o sofrer da terra é o mesmo sofrimento do sertanejo. Na casa de Inácio Ferreira de Brito, a cor das paredes tem os mesmos tons da terra durante o verão impiedoso, quando o sol flamejante atira sobre os vales e montanhas os raios avermelhados e causticantes. Na parede, por trás do sertanejo, o retrato de um santo católico demonstra a religiosidade dos humanos do sertão, que, vivendo em um lugar tão indeterminado, buscam na religiosidade o conforto e o equilíbrio para o espírito que vive sempre atormentado pelas incertezas de uma natureza imprevisível.

A semelhança do corpo com o mundo vivido amplia a existência para revelação do sertanejo, num grande amálgama que expressa o corpóreo e o lugar numa só configuração, mostrando que tanto os seres humanos como o lugar são feitos do mesmo tecido e manifestados na expressão estética (MERLEAU-PONTY, 1999). Essa dimensão de unicidade abre o corpo do sertão, coloca o sertanejo em contato permanente com o lugar, faz os dois se comunicarem pelo viés do sensível para uma explosão da vida que se move e se renova a cada contato do sertanejo com o lugar em que vive.

Moldado por um código de ética e moral tão distinto como a própria terra, o sertanejo às vezes manifesta sentimentos, em certas ocasiões, que podem ser entendidos por quem é de fora como uma brutalidade desmedida. Mas é a maneira de ele ser. O sentimento imprevisível que pode ser compreendido como duro (algumas vezes) transforma-se em atitudes agressivas, nascidas da relação que ele tem com a terra árida e, também, por meio do ensinamento que é passado de geração para geração, mostrando um lugar onde as relações sociais e a natureza é quem ditam o ritmo da vida. As rochas, os espinhos das urtigas, a delicadeza das flores do mandacaru, o canto dos pássaros estão no corpo, no espírito, no pensamento do sertanejo, num grande amálgama que expressa os valores tão adversos como a expressão da natureza.

As observações feitas a partir do comportamento dos animais é o que faz o sertanejo estar sempre aprendendo como a natureza se mostra e o que ele pode receber dela para a sua própria existência. O aprendizado sobre o comportamento da natureza pode ser mostrado por meio do depoimento do agricultor e poeta Santos (2011).

Um parente meu contou certa vez que presenciou uns viajantes durante a época de seca acampar no leito de um rio para descansarem. O meu parente disse que já no período da tardinha, viu uma ticaca, (gambá) que saía de dentro de um buraco do rio e subia uma barreira, carregando na boca um por um os seus filhinhos. Isso ele fez três vezes. Essa cena se repetiu, até não ficar mais nenhum filhote no buraco. Todos foram levados para o alto da barreira. Nesse momento, a tarde nem estava nublada, sem condições para chover. Aí, quando foi escurecendo, surgiu o relâmpago no nascente, um pouco depois o relâmpago aumentou, ficou mais perto, e com isso, veio o trovão. Veja que a nascente daquele rio foi onde a chuva começou. E lá vem, lá vem aquela chuva. Ele viu os viajantes desmontarem o acampamento por causa do rio que iria surgir e inundar o leito do rio. Quando desmontaram o acampamento e levaram tudo para o alto de uma barreira, a chuva chegou, e com isso, a água inundou todo o leito que estava seco. Esse relato do meu parente sobre a ticaca ter sentido que ia chover e ter se prevenido, salvando os filhotes, fez-me ficar pensando se alguém sabe mais do que os bichinhos (ticaca), de como se comporta a natureza (SANTOS, 2011).

No sertão, o aprendizado é um rio perene pela relação do homem com o mundo vivido, tendo a natureza como seu grande mestre, numa dialogicidade constante, desde os primeiros anos de vida, num eterno contínuo, moldado na experiência vivida. A terra, em sua ambivalência, provoca a todo instante o sertanejo, sempre exigindo dele novas reinvenções de si mesmo para uma nova forma de convivência com um lugar que não para um só instante com suas indeterminações, imprevisibilidades e ensinamentos.

Em épocas de dificuldades, é comum, no sertão, o sertanejo buscar tanto na vegetação como nos animais, seja os que ele cria ou os que estão soltos na natureza, o sustento para sua sobrevivência. Sair pela caatinga à procura de um réptil ou de um pássaro é uma atividade muito comum no sertão. Não é uma ação predadora, mas de sobrevivência do sertanejo. Existe um respeito e um amor muito grande do sertanejo pelos animais da natureza. Vejamos o sensível depoimento do pajeusense Leandro (2011):

Eu sou meio sentimental. Um dia eu estava precisando de carne para ajudar na mistura do almoço. Era um dia de muitas dificuldades. Daí eu resolvi sair para caçar juritis. Não muito distante daqui tinha um tanque d'água, pequeno. Eu fiquei detrás de uma pedra. E fiquei esperando as juritis. Para ser mais fácil comecei com um apito a imitar o canto delas. Quando eu olhei vinha uma juriti. Foi naquele momento que perdi todo meu interesse pela caça da juriti e nunca mais caçei nenhum animal. A juriti vinha toda faceira. Ô coisa mimosa (linda). Eu estava atrás de uma pedra, e por causa disso, ela não me via. Dava três passadas, parava, depois repetia as mesmas passa-

das, e eu, de espingarda engatilhada. Quando ela chegou ao tanque dava para eu ter atirado. Tinha uns pauzinhos de catingueira branca. Ela subiu em um dos pauzinhos, mostrando uma imagem linda, cobiou (olhou) o terreno todinho, tirou uma bicorada (bebeu um pouco d'água), depois mais um pouco de água de novo, aí, eu me afrouxei, me rendi, não tive coragem nenhuma de atirar. Abri a boca e fiz o som de um tiro. Ela ainda deu uma olhada em todo ambiente e depois ergueu vôo e foi embora. Daquele momento em diante, depois daquela cena linda, nunca mais cacei nenhum animal da natureza (LEANDRO, 2011).

O comovente depoimento de Leandro mostra o despertar sensível do homem quando a natureza penetra na subjetividade, afetando a existência. A consciência sensível de respeito à natureza mexe com os sentidos e surge como o sol, clareando a vida para uma nova maneira de se relacionar com os outros seres vivos. Ao perceber a expressão de delicadeza da juriti (pomba da caatinga, família da asa-branca), o sertanejo do Pajeú Leandro, pelo olhar, foi tomado por uma cena inusitada de grandeza, revelada por um ser pequenino que esteticamente se agigantou diante da percepção do pajeuense de São José do Egito. A qualidade sensível despertada pelo olhar afetou-o profundamente.

A qualidade sensível, longe de ser coexistência à percepção, é o produto partícula de uma atitude de curiosidade ou de observação. Ela aparece quando, em lugar de abandonar todo meu olhar no mundo, volto-me para este próprio olhar e pergunto-me o que vejo exatamente. Ela não figura no comércio natural de minha visão com o mundo, ela é a resposta a uma certa questão de meu olhar, o resultado de uma visão secundária ou crítica que procura conhecer-se em sua particularidade, de uma “atenção ao visual puro” que exerce ou quando temo ter-me enganado, ou quando quero empreender um estudo científico da visão (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 305).

Ao voltar-se ao olhar, como se fosse a primeira vez que se vê, a percepção sempre vai inaugurar uma nova visão e desvendar aquilo que não foi percebido (MERLEAU-PONTY, 1999). Foi justamente o que aconteceu com Leandro, ao ser tocado pela cena sensível da natureza, afetando sua existência e abrindo a percepção para o que ainda não tinha sido percebido.

A relação do agricultor sertanejo com a natureza o envolve, por mais que a vida esteja adversa. Cada momento do sertanejo agricultor na sua experiência vivida é um leque que vai se abrindo de acordo com os ritmos da natureza que o envolve e penetra no seu corpo, nos sentidos, moldando a existência para uma configuração

em que a vida se reinventa a todo instante. É o que nos diz o sertanejo Brito sobre como plantar no sertão

Quando chega a época de botar um roçado, botar uma broca (queimar o mato seco), daí no mês de dezembro a terra já tem que está queimada. A terra preparada, a gente começa a plantar algodão, para quando chegar a chuva, o algodão nasce e depois plantamos milho. Quando dá pra lucrar os dois é muito bom. Quando tem problema de falta de chuva a gente termina tendo uma das duas plantações, Se não der milho, dar algodão, ou então, ao contrário (BRITO, 2011).

No sertão, a vida escorre como um rio! Ela está sempre mostrando a fluidez de um lugar onde a espontaneidade é um grande legado na calmaria dos dias que se seguem. Mas, também, a vida possui curvas e declínios diante das vicissitudes e das aporias, provocando no agricultor sertanejo a reinvenção de si mesmo, em que sua existência é uma polissemia repleta de vários sentidos.

O sertanejo tomando uma larga escala, do selvagem, a intimidade com o meio físico, que ao invés de deprimir enrija o seu organismo potente, reflete, na índole e nos costumes, das outras raças formadoras apenas aqueles atributos mais ajustáveis à sua fase social e incipiente (CUNHA, 2003, p. 73).

A ligação do sertanejo com o lugar torna-o um Ser feito das mesmas coisas que estão no seu entorno. As pedras, os espinhos, as flores, os seres da caatinga tornam-se seres do sentimento do sertanejo. A natureza do sertão, como um dardo certeiro, penetra no âmago da existência do sertanejo e o torna um Ser eminentemente tão forte e resistente como a própria terra em que habita. Ele torna-se um Ser ampliado no mundo vivido e dilatado corporalmente para os desafios de se viver num lugar onde a vida é provocada, exigindo mudanças constantes.

De acordo com as estações de chuva ou de seca, a vida molda o agricultor como um ser atemporal, em que o passado e o presente se misturam, rasgando o solo do futuro, fazendo da existência um caminho sensível, emergido pelo fazer e refazer da vida cotidiana um começo e um recomeço, onde o outro não se encontra isolado, mas sim, entrelaçado com outros seres, fazendo parte de um mesmo mundo, onde as coisas se encontram, dialogam, ampliam-se, abrindo caminhos para construções de signos.

O agricultor sertanejo vai muito além do que imaginamos ou possamos compreender. Não é algo criado ou uma ideia isolada pelas concepções cristalizadas do mundo dos urbanos. É o envolvimento com o espetáculo da experiência cotidiana, em que as vidas se cruzam para além das coisas prontas e são levadas pela fluidez da simplicidade e do eterno reinventar da existência.

O reconhecimento de uma vida individual que anima todas as vidas passadas e contemporâneas e delas recebem toda a vida – de uma luz que brota delas para nós contra toda esperança, é a consciência metafísica, cujo primeiro grau, é reconhecimento de sua identidade na simplicidade do fazer. A consciência metafísica não possui outros objetos além daquele da experiência cotidiana: este mundo, os outros, a história humana, a verdade, a cultura. Porém, em vez de tomá-los já prontos, como consequências sem premissas ou com obviedades, redescobre sua estranheza fundamental para mim e o milagre da sua aparição (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 378).

Experimentada no cotidiano, a vida se faz nas relações com a terra, revelando o agricultor como um homem totalmente em comunhão com a natureza, onde as antíteses se atraem como uma maneira simbiótica de se viver. A vida, no sentimento do agricultor sertanejo, escorre como um rio calmo, sabendo da sua fertilização. Para o campônio do sertão a experiência vivida se mostra como um grande livro aberto para diálogos sobre as coisas do lugar, as aprendizagens e a eterna paciência de fazer da espera uma realização para uma nova forma de convivência. Essa relação entrelaçada impregna no sertanejo um amor e respeito profundo pelo lugar em que vive e se, por acaso, por alguma necessidade maior, ele tem que sair do sertão, leva consigo um sentimento de apego ao lugar que se transforma numa saudade dolente, caracterizada em momentos de maior destaque. Vejamos o que nos diz o sertanejo do Pajeú, Silva (2011).

O sertão é uma espécie de amor que a gente tem dentro do coração. Se a gente muda de lugar, o sertão vai dentro da gente, aumentando mais o amor na forma da saudade. E aumenta mais, quando chega à tardinha e de manhãzinha quando a gente se lembra dos pássaros cantando e do dia nascendo e da noite chegando. São momentos de maior saudade do sertão. Chega dói o coração (SILVA, 2011).

Silva, em seu depoimento sobre o sentimento de saudade, por ter estado longe por algum tempo, mostra a impregnação do lugar no coração do homem do Pajeú. Mesmo tendo o sertão andante em seu espírito, de senti-lo em outras regiões, a

vontade de retornar para seu lugar emerge do sentimento da recordação da posição do sol e dos cantos dos pássaros da aldeia sertaneja.

É na natureza do sertão que o agricultor se sente em casa, ao lado dos pássaros, da vegetação, dos animais de criação, dos animais selvagens e da terra com toda a sua complexidade. Boa parte do conhecimento que se apropria emerge da experiência vivida, dos longos anos de observação aos fenômenos da natureza e de esposar a terra de forma sensível. Silva (2011), em seu depoimento sobre a natureza do sertão, diz-nos que: “A minha experiência com a terra tem uma ligação com o pé de cumaru. Quando ele começa a florescer, é sinal de mudança na natureza. É ano bom de chuva. Quando ela não carrega, fica fraco, não tem recursos. É ano ruim de chuva”.

A relação de aprendizagem do sertanejo com a terra é de uma experiência impregnada de simbolismo pelo que a natureza lhe toca mais profundamente. O amor é tão grande pelo lugar que dá a impressão de que o corpo do sertanejo é feito de ramos, de flores, de rios, dos cantos dos pássaros, da excitação da terra e dos ecos da caatinga durante a aridez e a invernada. Nesse sentido, percebe-se que o sensível molda a existência do sertanejo, independentemente de onde ele esteja. São as coisas do sentir que se fazem presentes nele e no mundo. É o que nos diz Merleau-Ponty:

O sensível não é feito somente de coisas. É feito também de tudo que nele se desenha, mesmo no oco dos intervalos, tudo que nele deixa vestígios, tudo que nele figura, mesmo a título de distância e como certa ausência. O que pode ser aprendido pela experiência no sentido originário do termo, o ser que pode doar-se em presença originária, não é todo o ser, e nem todo ser de que se tem experiência. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 200).

Como podemos perceber na citação de Merleau-Ponty sobre o sensível se fazer presente nos sentidos do humano e nas coisas do mundo, ele (o sensível) é o que aproxima independente de como se mostra. Ele é como os ramos das árvores que se entrelaçam ligando cada galho, aumentando a copa e impulsionando a seiva da vida para a realização do todo. O sensível nos leva a compreendermos a nós mesmos diante do mundo em que vivemos. Faz o humano se perceber e perceber o mundo, criando um elo de respeito pelas coisas que o cerca.

O sensível sertanejo Nascimento, tomado pelo amor que tem ao lugar em que vive, no seu depoimento sobre a sua relação com a natureza do sertão, disse:

O amor que tenho pela natureza do sertão é muito grande. Eu não caço um passarinho. Eu não mato um preá. Eu não tenho arma de caça. Eu respeito os animais que estão na terra pra gente ver, pra gente se envolver e aprender com eles. Eu me dou muito bem com eles. É por isso que eu respeito muito a natureza do sertão. Acredito que nós somos eternos namorados (NASCIMENTO, 2011).

Existe toda uma ternura de encantamento nas palavras e nas expressões do sertanejo quando fala do seu lugar. Os movimentos de amor e de encantamento que ocorrem pela relação do agricultor com a natureza são entrelaçamentos de seres que, mesmo na adversidade do verão e da invernada, abraçam-se, interpene-tram-se e se constituem um campo aberto a várias significações.

Os seres humanos que habitam a natureza têm um profundo sentimento pelo lugar em que vivem. Os corpos são constituídos pelos mesmos elementos simbólicos na mesma teia dos significados que dá sentido à existência. Isso tanto faz ser do sertão, como de uma tribo indígena do Amazonas ou dos Estados Unidos da América do Norte. A ligação é a mesma, pelo motivo de o ser humano mostrar-se como o corpo da natureza. O amor à terra é intrínseco e inerente à existência de quem vive entrelaçado com o lugar em que reside. Vejamos o que nos diz a carta de um velho cacique da tribo Seattle, em resposta ao Presidente do USA em 1855.

Cada pedaço desta terra é sagrado para o meu povo. Cada ramo bri-lhante de um pinheiro, cada punhado de areia das praias, a penum-bras na floresta densa, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados na memória e experiência de meu povo. A seiva que percorre o corpo das árvores carrega consigo as lembranças do homem vermelho... Essa água brilhante que corre nos riachos e rios não é apenas água, mas o sangue de nossos antepassados [...] Cada reflexo nas águas límpidas dos lagos fala de acontecimentos e lembranças da vida de meu povo. O murmúrio das águas é a voz dos meus ancestrais [...] O ar é precioso para o homem vermelho, pois todas as coisas compartilham o mesmo sopro – o animal, a árvore, o homem. Parece que o homem branco não respeita o ar que respira. O ar é precioso para nós, que o ar compartilha seu espírito com toda a vida que mantém. O vento que deu a nosso avô seu primeiro inspirar também recebe seu último suspiro. O que é o homem sem os animais? Se todos os animais se fossem, o homem morreria de uma grande solidão de espírito. Pois o que ocorre com os animais breve acontece com o homem. Há uma ligação em tudo. Tudo que acontecer à terra acontecerá aos filhos da terra. Se os homens cospem no

solo, estão cuspindo em si mesmos. Isto nós sabemos: a terra não pertence ao homem: o homem pertence à terra. O homem não trama o tecido da vida, ele é simplesmente um dos seus fios. Tudo que ele fizer ao tecido fará a si mesmo (NOVA ESCOLA, 1988, p. 34-35).

A poética carta do sábio índio Seattle mostra o profundo ligamento do humano com a natureza. Os elementos simbólicos, como a água, a seiva, o ar, os animais, as árvores, mostram a expressão da natureza interligada com o homem. Tanto no depoimento do sertanejo do Cariri, como do cacique americano, a natureza é um grande Ser entrelaçado pelo universo do amor, da admiração e do respeito que cada um tem pelo lugar em que está inserido. “Os significados que a natureza adquire para cada povo determinam a maneira de relacionamento entre os seres. Dessa forma, a ciência do concreto vai construindo uma cultura que não se dissocia da natureza” (MEYER, 2008, p. 111).

No sertão tudo está ligado, como uma imensa teia com fios repletos de significados. Cada fio revela o que a terra sente nos seus momentos mais distintos, desenhando um entrelaçamento de seres vivos em harmonia com o lugar onde vivem. O amor do humano pela terra emerge das certezas e incertezas de uma natureza que amplia a existência dos seres vivos, entre eles, o agricultor sertanejo. Os signos do sertão afetam o sertanejo, despertando um estado de encantamento e paixão. O sertão provoca no ser humano o entusiasmo de alcançar e compreender seu horizonte como uma aproximação maior, mesmo sabendo que não pode alcançá-lo. A cada nova aproximação, ele se estende e se alonga muito mais. O sertão é inesgotável e oferece amplas possibilidades de afetação, por isso apaixona tanto. Enfim, o sertão

É uma terra que, para ser entendida, deve ser vivida, conhecida e penetrada; é uma terra que tem que ser gostada com amor e falada com paixão. Tão terra que às vezes torna-se difícil falar e viver nela; uma terra onde as pessoas são simples, se encontrando em torno de uma “função” qualquer, discutindo o tempo, ferrando marrãs, com as mãos comprometidas com o fazer do leite o alimento, do barro o tijolo, da voz um testemunho, dos passos uma caminhada, da vida uma forma de espera, da morte uma ressurreição (MAURILIO, 1984, p. 03).

Não é fácil falar e viver no sertão visto ser um lugar que nunca é dado por inteiro e que foge sempre a qualquer tematização ou conceito fechado. A concepção

de sertão escapa entre os dedos do pensamento pronto e formal. Cada expressão da terra se constitui com uma tela sensível que foi pintada pelas mãos da natureza e revelada numa linguagem estética. Só vivendo no sertão, sentindo os ecos, os gemidos e os contrastes para sentir a sua dimensão de sentidos que lhe constitui como um lugar que não é dado à pura compreensão, mas que é para ser vivido.

O agricultor planta, cultiva e colhe a produção numa relação fértil, como se os frutos da colheita fossem os próprios filhos. Nas primeiras chuvas, cuida da terra com um carinho e zelo como se estivesse cuidando de alguém da família. Em cada buraco que joga os grãos para a germinação, é como se estivesse plantando no próprio corpo as sementes que fecundarão e serão alimentos para todos os que fazem parte de sua convivência sertaneja. A terra é uma companheira inseparável da sua existência.

## 2.2 O VAQUEIRO SERTANEJO

O vaqueiro é um herói do sertão, desbravador da caatinga, cantador de alvoradas e de crepúsculos, pegador de boi brabo e amansador de novilho. É portador de uma coragem hercúlea e de uma interação muito forte com os animais de criação, mais especificamente com o cavalo, o gado e o cachorro. Com os animais citados, ele tem uma relação de amor e carinho que ultrapassa às vezes o zelo que tem pela própria família.

No dorso do cavalo, sob um sol a pino ou debaixo de grandes tempestades, o vaqueiro caminha longas trilhas de sertão adentro, tangendo ou cuidando da boiada, passando entre cactos, juremas, grotões e carrascais, sem temer os desafios que a natureza agressiva do sertão inexoravelmente lhe expõe.

Vestido sob uma armadura de couro, o vaqueiro sertanejo é um Dom Quixote<sup>31</sup> consciente do mundo em que vive e atento às surpresas e armadilhas que a caatinga, de maneira imprevisível, lhe propõe. Os desafios constantes fazem parte do cotidiano de vida e moldam a existência para uma relação com o mundo vivido onde a coragem e a determinação são sentimentos experimentados com naturalidade e descrição.

---

<sup>31</sup> Dom Quixote: cavaleiro errante e personagem do escritor Miguel de Cervantes

Montar no cavalo, tanger o gado, correr atrás de uma rês desgarrada são ofícios da aprendizagem vivida no dia a dia através da observação e prática ou por intermédio do ensinamento, passado de geração a geração, ao longo dos tempos. Cada ensinamento que aprendeu para ser vaqueiro é fruto do mundo vivido onde as experiências da sua relação com o cavalo, com o gado e a caatinga abrem espaços para uma vida onde nada está determinado, por isso o vaqueiro está sempre aprendendo como tanger e cuidar do gado e galopar dentro da caatinga para resgatar um animal desgarrado do rebanho.

Muitas vezes o vaqueiro aprende o ofício por intermédio da experimentação e da observação. Essas maneiras de aprender a pegar uma rês desgarrada faz o vaqueiro ser um homem que está sempre aprendendo algo de novo. As investidas dentro da caatinga fazem surgir surpresas que exigem diversos aprendizados e disposição do corpo em saber se livrar das galhadas espinhosas. A experimentação faz o vaqueiro ampliar a experiência vivida e configura a existência num eterno aprendizado. Isso é mostrado por meio do depoimento do vaqueiro Serafim (2011).

Desde os oito anos que eu comecei a aprender de como ser vaqueiro, levando queda de jumento, de cavalo, aprendendo o ofício de ser vaqueiro nas propriedades alheias. Com quinze anos foi que tomei gosto pela pega de boi. Fui tomando gosto com a coisa. Nunca ninguém me ensinou. Eu mesmo resolvi a subir num cavalo e fui aprendendo por conta própria... Caindo aqui, caindo ali, observando os erros, até aprender de como pegar uma rês desgarrada.

É cantando o aboio dolente que o vaqueiro dialoga com a boiada, conversa com cada animal, que geralmente tem um nome de batismo, colocado pelo vaqueiro, numa relação de pai para filho, como se o gado fosse um componente da família. A relação de carinho do vaqueiro com o gado, com o cavalo e com o cachorro configura-se num cenário de desafios constantes, onde a caatinga estabelece um campo agressivo para ambos os animais. O ícone para a batalha na mata fechada é o gado. Este, quando arrojado pela coragem, infiltra-se na caatinga como um raio, quebra coivaras, arranca tocos e garranchos e desaparece dentro da mata fechada. Ao ser arrebatado pelo vaqueiro, o animal aos poucos vai se familiarizando com o ambiente do curral, onde a relação com o vaqueiro é mais afetuosa.

É a relação entre o homem e o amor domado, com amor e sabedoria. Vendo assim a princípio, sabe-se que o aboio é ação do sopro

forte e melodioso daquela pessoa, do vaqueiro nordestino quando está tangendo o gado. Não importa se o gado é de propriedade de algum coronel latifundiário. O gado é a sua família. Compromisso de amor com os bichos que a natureza manifesta através daquele homem com os animais. Mansos, bonitos e sensíveis a essa estranha relação percebida apenas pelo bicho e pelo homem: o vaqueiro (RAMALHO, 1988, p. 56).

Quando o dia amanhece e o sol atira sobre o corpo da natureza os seus raios incandescentes, parecendo um pente de luz da abóboda celeste penteando as folhas e flores da caatinga, o vaqueiro imponente, na porteira do curral, cantarola uma toada para o gado, dizendo que o dia já raiou e que a hora de ir para o pasto chegou. A cantiga é a linguagem sensível entre o gado e o vaqueiro, configurada pelo carinho que existe entre ambos.

Essas expressões induzem o vaqueiro a cantar para aqueles animais que ele vai levando, tangendo-os como se fossem crianças. Ele canta um possível acalanto acalmando o gado como se fossem seus filhos. Ele conhece cada cabeça do gado para quem trabalha. Tem um nome para cada uma delas que atende (e entende) seu chamado passivas e obedientes. O que o vaqueiro canta, é a sua alegria motivada pela despreocupação dos problemas urbanos. Coisas que só interessam a eles pela própria função que desempenham. Daí a sua felicidade (RAMALHO, 1998, p. 56).

O aboio do vaqueiro se confunde com o mugido do gado. A canção, bordada de melancolia, com fragmentos saudosistas, brota do sentimento do vaqueiro mostrando uma melodia de poucas notas musicais e de uma subjetividade profunda. O aboio se mostra como um belo concerto campestre, onde o entrelaçamento do vaqueiro com a boiada é a expressão de uma comunicação de seres que têm na existência o sensível mundo telúrico do sertão. Numa tarde crepuscular, montado no seu cavalo pomposo, o vaqueiro abre o peito e entoa uma canção de amor ao gado, numa expressão subjetiva que sensibiliza o gado.

Quem nunca ouviu essa ária rude, improvisada pelos nossos vaqueiros do sertão, não imagina o encanto que produzem os seus harpejos maviosos, quando se derramam pela solidão, ao pôr do sol, nessa hora mística do crepúsculo, em que o eco tem vibrações crebas e profundas. Não se distingue as palavras na canção do boiadeiro; nem ele as articula, pois fala ao seu gado, com a linguagem do coração, que enternece os animais e os cativa. Arrebatado pela inspiração, o bardo sertanejo fere as cordas mais afetuosas de sua alma, e

vai soltando às auras da tarde em estrofes ignotas o seu hino agreste  
(ALENCAR, 1972, p. 192)

Por meio do canto melodioso, manifesta-se a interação sensível do vaqueiro com a boiada. Há uma intersubjetividade entre os dois quando a cantiga do aboio ecoa nas pradarias ou caatingas, musicando os instantes afetivos entre o vaqueiro e o gado. A identificação mostra o quanto a relação humana com outros animais se harmoniza e se interpenetra quando a natureza junta suas partes para uma comunhão do todo. A natureza como um todo se mostra no sensível humano e em outros animais, mostrando que ela tanto está presente em nós como se faz presente no mundo natural que nos cerca.

Portanto, é necessário para nós, por exemplo, que a Natureza em nós tenha alguma relação com a Natureza fora de nós, é necessário até mesmo que a Natureza fora de nós nos seja revelada pela natureza que nós somos (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 332).

A natureza do vaqueiro, do cavalo, do cachorro e do gado não se divide em sujeito e objeto, mas numa extensão de cada um pelo quiasma do mundo vivido. Dentro do vaqueiro, no sentimento, subjetivamente, uma boiada pasta sobre os campos da sua existência e, por isso, ele percebe tão bem o gado e interage de forma harmoniosa quando, na solidão humana do trabalho, mergulha na introspecção e depois se estende num diálogo cantante e dolente com a boiada. É um canto forte e significativo. Ele emite o gemido e o mugido do gado caminhando ou pastando na imensa pradaria do sertão.

Quando o vaqueiro abre a garganta e emite o som do aboio cantante, chamando a boiada, citando o nome de cada animal, numa prece sertaneja, sensivelmente, um a um, os animais, em passos lentos, vão atendendo a canção pedinte e suplicante do vaqueiro, aproximando-se dele ou do local que seu comando sensível direciona. Essa relação entrelaçada do vaqueiro com o gado revela que a ideia de sujeito objeto construída pelo pensamento clássico perde seu sentido mecanicista diante do mundo vivido pelo vaqueiro e a boiada, onde a interanimalidade é uma constante na vida de ambos. Esse mundo interagido, de sujeitos encarnados e interligados pelo viés do sensível, remete-nos ao pensamento moderno, livre das amarras hierárquicas da classificação do pensamento positivo de sujeito/objeto. Merleau-Ponty, em sua crítica ao pensamento clássico, diz que:

Sabemos que o pensamento clássico não dá atenção ao animal, à criança, ao primitivo e ao louco. Lembramos que Descartes não via no animal nada além de uma soma de rodas, alavancas, de molas, enfim, de uma máquina; quando não era uma máquina, o animal era, no pensamento clássico, um esboço de homem, e muitos entomologistas não hesitaram em projetar nele as características principais da vida humana (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 31).

Na citação de Merleau-Ponty, o animal é entendido pelo pensamento clássico a partir de uma máquina, fugindo da concepção de um sujeito portador de percepções, sensações e existência sensível. Esses três campos de vida da animalidade colocam-no no mundo onde não existe o outro isolado, mas uma complexa rede de ligações. Por isso vamos encontrar no vaqueiro sertanejo, no gado, no cachorro e no cavalo um entrelaçamento sensível de seres que compartilham o mesmo mundo bucolico em que vivem.

A armadura de couro que o vaqueiro veste, chamada de gibão, perneiras, botas, peitoral, chapéu, possui as mesmas cores da terra durante a seca voraz. Debajo de um sol inclemente, o vaqueiro sente o corpo estremecer ante a força da natureza do sertão, como se fosse um vulcão em erupção, aquecendo o lugar e tornando a vida do vaqueiro abrasada pela temperatura infernal. Nessa aridez causticante, o vaqueiro, em seu gibão de couro, torna-se o homem forte e resistente diante do sol que abrasa o sertão. Seu porte emoldurado, de uma firmeza inconfundível, quando está sobre o cavalo, alarga a expressão corpórea e dilata a sua existência.

Dentro da armadura, o vaqueiro se sente protegido e pronto para as desafadoras investidas dentro da caatinga. A roupa e a coragem são tão fortes como a terra. Por isso a vestimenta é o prolongamento da existência numa terra em que parece que tudo é feito de desafio constante, sem dar trégua às coisas prontas e fáceis. Por isso que o calor não o apavora nem o atordoa quando está vestido com a roupa que tem as características da vestimenta dos cavaleiros do outrora mundo medieval.

A atmosfera absorve-lhe, com avidez de esponja, o suor na fronte, enquanto a armadura de couro, sem mais a flexibilidade primitiva, se lhe endurece os ombros, esturrada, rígida, feito uma couraça de bronze. (CUNHA, 2003, p. 87).

A imponência do cavalo expressando a determinação de uma coragem sem medidas, a elegância do vaqueiro em seu gibão de couro, a caatinga ressequida, mostram todo um painel de beleza que agiganta a estética do sertão e desenha na painel da natureza uma mundo repleto de significações constantes;

Imagen 17 – O vaqueiro José Bonifácio na sua armadura de couro.



(Fonte do Pesquisador)

Na imagem do vaqueiro Serafim, a vestimenta e a expressão se entrelaçam com a paisagem, onde as cores se aproximam e se misturam, revelando os tons de corpos que fazem parte de uma existência diária, em que a labuta é configurada por uma luta que parece não ter fim. Nesse mundo de extrema exigência para a sobrevivência, a coragem e os desafios são constantes, a vida exige novas invenções e aprendizados, proporcionando no vaqueiro uma busca infundável para uma melhor relação com o mundo em que vive.

A armadura de couro expressa o simbolismo do sertão. O vaqueiro, o cavalo e a caatinga fazem parte de um mesmo sentido. Os símbolos do couro curtido da cor da pele, a rusticidade da expressão do sertanejo, a resistência para uma atividade desafiadora e a extensão da existência por meio do gibão, peitoral, perneira, bo-

tas e chapéu mostram os significados do vaqueiro sertanejo que, moldado pelo couro que veste, revela numa só imagem a força expressiva do sertão.

Esta armadura, porém, de um vermelho pardo, como se fosse de bronze flexível, não tem cintilações, não rebrilha ferida pelo sol. É fosca e poenta. Envolve ao combatente de uma batalha sem vitórias... A sela da montaria, feita por ele mesmo, imita o lombilho riograndense, mas é mais curta e cavada, sem apetrechos luxuosos daquele. São acessórios uma manta de pele de bode, um couro resistente, cobrindo as ancas do animal, *peitorais* que lhe resguardam o peito, e as *joalheiras* apresilhadas as juntas (CUNHA, 2003, p. 79-80).

Apesar da chegada do automóvel para o transporte do gado, da motocicleta para locomoção mais rápida do sertanejo pelas estradas poeirentas, cortando a caatinga, ainda podemos ver a imagem arcaica do vaqueiro na sua armadura de couro. O vaqueiro do sertão segue as mesmas tradições seculares por meio de uma tradição cultural repleta de uma estética que diz muito do sertanejo. Pelas veredas e estradas do sertão, ainda é possível vê-lo imponente, sobre o dorso de um cavalo, usando luvas de couro cobrindo boa parte das mãos, perneiras de couro duro, esporas de bronze ou prateadas, vestido em seu gibão que faz lembrar a vestimenta medieval dos cavaleiros de outrora, quando cruzavam a Europa na época dos grandes feudos.

O quiasma vaqueiro com o cavalo mostra de maneira profunda uma relação envolvida de afetos, de carinhos e respeito. O vaqueiro e o cavalo se conhecem por meio de uma linguagem sensível. Mesmo quando o cavalo é açoitado para correr em busca de novilho, não esperneia e segue como um dardo entre os espinhos, pedras e rochedos, cruzando a caatinga e levando no dorso o companheiro de uma convivência entrelaçada de afetividade. Da mesma maneira que acontece com o gado, ao receber um nome de batismo, dado pelo vaqueiro, o cavalo também recebe; só que a relação é mais intrínseca e constante, devido a ser o cavalo o companheiro da vida diária, enfrentando os mesmos desafios e ciladas que o trabalho exige de ambos. A relação às vezes é tão profunda e coberta de tanta fidelidade que o cavalo só permite o vaqueiro amigo montar sobre seu dorso.

A relação de cumplicidade entre o vaqueiro e o cavalo entrelaça os dois para uma existência interligada, embora cada um possua sua linguagem própria. A impregnação dos dois animais pelo viés da relação sensível coloca-nos diante de uma

concepção de que a animalidade não diz respeito a um animal isolado no seu mundo interior. Não existe uma realização da vida a partir das coisas puras, de um interior absoluto e intocável, mas é nas relações que as coisas puras deixam de existir. A vida é uma complexa rede de ligações entre os seres animados e inanimados (MERLEAU-PONTY, 2006).

No âmbito da convivência, o vaqueiro e o cavalo mostram um universo de expressão, de gestos, de interações que vão muito além de uma mera compreensão que possamos ter. O sentimento de subjetividade corporifica-se por meio das palavras do vaqueiro ao cavalo, do relinchar do equino, dos contatos afetivos e do cavalgar pelos vales, serras e caatingas fechadas. Constituída de sentimento, a relação corpórea, repleta de afetos, revela um envolvimento de amor por intermédio dos carinhos do vaqueiro ao cuidar do cavalo, ofertando alimento, dando banhos, cuidando dos pelos e de todo o seu bem-estar. Em troca, o cavalo é um companheiro fiel, amigo para todas as horas, enfrentando as adversidades impostas pelo sertão profundo.

O cachorro também se mostra como amigo fiel do vaqueiro. É ele quem primeiro persegue a rês desgarrada e a açoita dentro da caatinga. Quando bem treinado, pula sobre a rês e morde o seu focinho, imobilizando-a. A coragem e a determinação do cachorro mostra a cumplicidade para vencer o desafio e pegar a novilha desgarrada. Atento, o cachorro entende os comandos do vaqueiro e vice-versa. O envolvimento dos dois se estende para uma convivência entrelaçada de carinhos e atividades diárias. Nessa relação de cumplicidade, a interanimalidade entrelaça os dois animais para uma vida compartilhada de afetos e atividades desafiadoras. Esse sentido de ser dos animais citados nos faz compreender o pensamento de Merleau-Ponty pelo viés de que não existe sujeito/objeto quando dois animais se fazem presentes, um no mundo do outro, mas sim, um quiasma que projeta a cultura e expande a existência para uma configuração ampla.

O vaqueiro, tangendo a boiada para o pasto, fazenda ou cidade, sempre se mostra um vigilante atento; seu cantar dolente e carinhoso conduz o gado como um guia predestinado a romper as distâncias e as dificuldades do caminhar pelo sertão adentro. No cavalgar, o vaqueiro se acomoda na sela, relaxa o corpo, afrouxa as rédeas e entoa uma saudosa toada, deixando-se ser conduzido pelo cavalo em passos lentos e cadenciados.

Mas se uma rês *alevantada* envereda pela caatinga *garranchenta*, ou se uma ponta de gado, ao longe, se trasmalha, se esquiva, ei-lo em momentos transformado, cravando os acicates das rosetas largas das ilhargas da montaria e partindo como um dardo, atufando-se velozmente nos dédalos inextricáveis das juremas. Não há como contê-lo, então, no ímpeto. Que se atolhem quebradas, acervos de pedras, coivaras, moitas de espinhos ou barrancas de ribeirões, nada lhe impede de alcançar o garrote desgarrado, *porque por onde passa o boi passa o vaqueiro com o seu cavalo...* Colado no dorso deste, confundindo-se com ele, graças a pressão dos jarretes; firmes; realiza a criação bizarra de um centauro bronco: emergindo inopinadamente nas clareiras; mergulhando nas macetas altas, saltando valos e ipueiras, vagando cômoros alçados; rompendo, céleres, pelos espinharais mordentes, precipitando-se , a toda brida no largo dos tabuleiros... (CUNHA, 2003, p. 78).

Tomado pelo desafio de pegar a rês que entrou na caatinga *garranchenta* e de espinhos afiados, o vaqueiro afrouxa as rédeas, deita-se sobre a sela e parte como um raio, perseguindo a rês, junto com seu cavalo e o cachorro. Entre pedregulhos, árvores caídas, galhadas contorcidas, os cascos dos animais trinam sobre o chão áspero, e os rochedos pontiagudos que parecem pedaços de ferro. A cena bizarra, moldada de uma coragem hercúlea dos animais, prolonga-se até a rês parar para enfrentar o cachorro que a persegue em seu encalço. O vaqueiro, numa rapidez assustadora, salta do cavalo e se joga sobre a rês, para logo em seguida amarrar-lhe os pés e colocar um pedaço de couro (careta) sobre os olhos, deixando-a sem visão, descoordenada e confusa durante o caminhar, até, por fim, ela dar-se por vencida e dominada.

Quando o cachorro não se faz presente, o vaqueiro fica encarregado de pegar a rês dentro da caatinga. A missão torna-se mais desafiadora, porque o vaqueiro tem que acompanhar a rês, quase colado às suas patas, para poder alcançar a cauda, derrubar o animal e depois imobilizá-lo.

O touro largado ou o garrote vadio em geral refoge à revista. Afunda na caatinga. Segue-o vaqueiro. Cose-se-lhe no rastro. Vai com ele até as últimas bibocas. Não larga; até que surja o ensejo para um ato decisivo: alcançar repentinamente o fugitivo, de arranco; cair logo para o lado da cela, suspenso num estribo e uma das mãos presa às crinas do cavalo; agarrar com um a outra cauda do boi em disparada e com repelão fortíssimo, de banda, derribá-lo pesadamente em terra... Põe-lhe depois a peia ou a máscara de couro, levando-o julgado ou vendado para o rodeador (CUNHA, 2003. p. 57).

O vaqueiro mostra o movimento de um ser que se modifica diante das provocações do mundo vivido. Seu corpo cresce nos gestos e torna-se um gigante livrando-se das pequenas garras das juremas e dos tocos pontiagudos das velhas árvores, que, imponentes, estendem os galhos e raízes no espaço árido. O corpo do vaqueiro entrelaça-se com a caatinga e parece que ele se transforma em galhos velozes, correndo atrás da rês desgarrada. São movimentos rápidos, feitos com reflexos constantes, para não ser agarrado pela caatinga e cair do cavalo. O seu corpo gira de um lado para o outro, ergue-se, levanta-se, fica colado na sela, os olhos na maior atenção diante das galhadas e espinhos, e a atenção dobrada, para não perder de vista o animal fugitivo. É uma tarefa habitual que o vaqueiro faz no seu dia a dia. Mas, a cada nova empreitada, novas possibilidades de movimentos e expressões se fazem presentes diante do vaqueiro. “Mas terminada a refrega, restituída ao rebanho a rês dominada, ei-lo, de novo caindo sobre o lombilho retovado, outra vez desgracioso e inerte, oscilando à feição da armadura lenta, com a aparência triste de um inválido” (CUNHA, 2003, p. 78). Esse hábito de transformação, de reinvenção, de coragem e cumplicidade mostra que há dilatação do vaqueiro diante do mundo vivido. “O hábito exprime o poder que temos de dilatar nosso ser no mundo ou de mudar de existência anexando a nós novos instrumentos” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 199).

No mundo da caatinga, dilatado na sua existência de transformações, o corpo magro do vaqueiro, num relampejar de segundos, muda a falsa aparência lerda e sai da posição langue para de repente criar uma forma atlética, de movimentos rápidos, onde o orgânico e o mundo vivido se abraçam numa só configuração, mostrando que o corpo é um conjunto de sensações, de movimentos e sentimentos que se percebem e que percebem o mundo, transformando-se e interagindo com o ambiente (MERLEAU-PONTY, 1999).

No estágio dos animais superiores, o *umwelt* (ambiente) deixa de ser fechamento para ser abertura. O mundo é possuído pelo animal. O mundo exterior é “destilado” pelo animal que, diferenciando os dados sensoriais, pode responder-lhes por ações finas, e essas reações diferenciadas só são possíveis porque o sistema nervoso monta-se como uma réplica do mundo exterior (*Gegenwelt*), como uma “réplica”, uma “cópia” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 277).

Essa abertura ao mundo exterior, em que o animal torna-se réplica do ambiente, mostra a ação corpórea do vaqueiro na caatinga, entregue aos movimentos

rápidos e sutis, desbravando juremas e cactos e compartilhando junto com o cavalo a interação de dois corpos que se confundem numa só existência e misturam-se com a natureza sertaneja. Só assistindo a uma pega de boi, (como é dito popularmente o ato do vaqueiro ao se embrenhar com seu cavalo entre os espinhos e galhadas da caatinga fechada), para perceber a mata se abrindo e se fechando com o passar do corpo da rês e do cavalo, como se fossem flechas certeiras sobre a placidez de um lago calmo. Num instante depois, volta o vaqueiro imponente, orgulhoso do seu ato de bravura, sobre o cavalo pomposo que galopa de forma elegante, sabendo ter cumprido seu trabalho. Puxando a rês pelo laço, o vaqueiro canta uma toada alegre, enfatizando a vitória sobre a rês fugitiva.

A relação do vaqueiro com o cavalo, cachorro e gado mostra o mundo vivido na caatinga, revelado entre desafios constantes. A coragem do vaqueiro, ao enfrentar a caatinga fechada e espinhenta, a disposição do cavalo em penetrar na caatinga e correr atrás da rês desgarrada, a determinação do cachorro em perseguir a rês e a fuga da rês desgarrada são momentos expressivos da relação animal para a revelação de uma natureza simbólica que explode no sertão, onde se embrenham o sentimento animal e a expressão de vidas entrelaçadas que abrem espaços para uma elaboração cultural e estética do sertão.

Tanto o agricultor como o vaqueiro fazem parte do mundo sertão e podem ser a mesma pessoa, mostrando uma vida configurada por um lugar que impulsiona as transformações constantes. Esse dois seres muitas vezes se mostram uma mesma pessoa que vive sempre reinventando a existência e buscando vencer os desafios da vida diária. Morar numa terra como o sertão faz a vida procurar diversos caminhos para uma melhor maneira de convivência entre os extremos. Não é um lugar fácil de viver, pois as aporias e contingências estão sempre se apresentando e provocando uma plasticidade que foge a qualquer pensamento pronto e definitivo. O sertão está presente no vaqueiro e no agricultor. As coivaras, as galhadas, os pedregulhos, os cactos, a ternura dos cantos dos pássaros, a solidão das tardes de verão, o borbulhar dos córregos cristalinos, as floradas das árvores, a alegria dos animais na alvorada invernal, o mugido do boi, os ritmos da poesia e a expressão dos versos ecoam no corpóreo sensitivo do vaqueiro e do agricultor.

O canto do vaqueiro, por meio de uma ária dolente e saudosista, enche as tardes solitárias do sertão por intermédio de uma cantiga monótona, de poucos tons, mas com profundos acordes de sensibilidade e devoção ao lugar e as animais.

## APRESENTAÇÃO DO CAPÍTULO O CORPO DA NATUREZA SERTANEJA NA POESIA DE CANCÃO

Neste capítulo, o corpo da natureza na poesia de Cancão, refletimos a expressão poética do sertão como uma experiência estética capaz de educar o povo do lugar. A partir da filosofia da Natureza (2006), de Merleau-Ponty e da poesia de Cancão, foi possível um diálogo filosófico e literário para pensarmos sobre a educação do sertão. O diálogo construído nesta pesquisa entre a filosofia e a poesia mostra um mundo sensível em constante movimento, pois a filosofia de Merleau-Ponty e a poesia de Cancão mostram-se como campo em transformação, sempre aberto à criação de horizontes de sentidos e possibilidade de novos significados.

O corpo da natureza estende-se na plasticidade do poeta pajeuense onde é possível perceber os rios correndo de maneira plácida, o bailar das borboletas multicores pelas campinas verdejantes, os beija-flores buscando o néctar das flores, a exuberância da caatinga durante o inverno e a paisagem desolada do sertão na época da seca ou do verão. Derramando-se em cenas poéticas, a poesia de Cancão dilata a natureza com tons de sensibilidade e beleza fenomenal, proporcionado uma educação tecida na experiência estética e na ampliação do sertanejo com seu lugar.

Envolvido com a poesia, o corpo entrega-se ao universo da estesia, tornando-o o lugar do sentir. Essa capacidade amplia a dimensão humana pelo horizonte da afetação que o estado poético proporciona. Nesse sentido, a poesia de Cancão sobre o sertão provoca um êxtase poético, mostrando a capacidade de o corpo interagir com as palavras poéticas, despertando uma maneira afetiva para o envolvimento sensível com as plantas e os animais revelados na poesia do poeta da natureza sertaneja.

A educação a partir da concepção fenomenológica do mundo vivido, proposta nesta pesquisa, mostra a possibilidade estética de a poesia de Cancão ampliar o mundo vivido, dilatando o amor, o respeito e a admiração à natureza para uma melhor compreensão humana sobre um lugar expressivo, ampliado na palavra poética e transformado num logos estético.

### 3.0 O CORPO DA NATUREZA SERTANEJA NA POESIA DE CANÇÃO

A poesia do sertão brota da terra, vinga do cálice das delicadas flores, surge do canto dos pássaros, faz-se visível nas imagens das auroras e dos arrebóis, es-corre dos pingos dos orvalhos cristalinos e se move no corpo, em cada célula de dimensão sensível do poeta sertanejo. Ela é a explosão estesiológica que se expressa através das palavras cantadas ou escritas e, em comunhão com a natureza, arde no corpo do poeta e se transforma num logos estético.

Cada verso tem as cores e os sons da natureza harmonizados pelo bailar dos sentidos, quando o poeta alarga a percepção, dilata o ouvido, sente o cheiro da terra, dos vegetais, dos animais, delicia-se com o gosto da flora e da fauna e se sensibiliza ao tocar e ser tocado pela grandeza da natureza. É uma relação de apoteose entre o poeta e a natureza que se desmancha em poesia, sendo esta o painel de vida que anuncia um Ser profundo e ontológico.

O corpo do poeta sensibilizado pelo mundo vivido sente a poesia expandir a sua existência como o sol ao nascer, clareia a imensidão da natureza. Cada gotícula de sensibilidade que banha o corpóreo do poeta é a força visceral que explode na natureza e toca-o, transformando-se em poesia. No sertão, a poesia se faz presente em vários lugares e dimensiona as relações humanas pelo viés da sensibilidade. Ela clareia o sertão com os fulgores da simplicidade, fazendo-se existir de forma espontânea e natural. O seu veio inesgotável surge das imprevisibilidades das relações humanas, do quiasma humano e natureza que, por meio da transubstanciação, faz o ser humano mostrar-se através das palavras, da fauna e da flora.

Sensibilizado pelas manifestações da natureza, o poeta do sertão mergulha no corpo da natureza, sente cada expressão e transforma os acontecimentos da fauna e flora em corpos de poesia. É o que fez o poeta Santos ao ser tocado pela cena que presenciou quando estava trabalhando num roçado perto da sua casa, no sítio Fazenda Nova, município de Tabira (PE). Vejamos seu depoimento e as palavras poéticas:

Certa vez eu estava brocando numa distância de uns 20 metros daqui, de casa. De repente cortei um mandacaru. Quando o mandacaru caiu, eu vi que tinha um ninho de rato. O rato silvestre faz ninho em cima do pé de mandacaru. Essa forma de fazer ninho é pra se proteger da cobra. Ela não consegue pegar os filhotes por causa dos espinhos. Me diga como a cobra vai subir num pé cheio de espinhos?!

Ela faz todo manejo, mas não consegue subir. Quando eu cortei o mandacaru, os bruguelinhos (ratinhos) caíram no chão. Os bichinhos ficaram no sol. Eu tive uma pena danada. Aí eu vim beber água, e nesse interim, eu fiz uma sextilha (SANTOS, 2011).

O acontecimento da natureza tocou o coração do poeta sertanejo e fez com que Santos buscasse nas palavras uma maneira sensível de falar o que sentiu diante da cena dos ratinhos em que sua alma poética se expressou na seguinte estrofe:

Vejo no rato silvestre  
Inteligência de sobra  
Subir num pé de facheiro  
No corpo fazer manobra  
Faz o ninho, cria os filhos,  
Pra se defender da cobra. (SANTOS, 2012)

O eco da poesia do sertão, quando se mostra de forma dolorosa, é o lamento da alma num transe de sofrimento e dor diante das agruras da seca que se projeta no verão assustador. Mas também suas ressonâncias de alegrias se mostram no bico de um colibri dourado sugando o néctar das flores, na seresta de um sabiá cantador, nos córregos cristalinos escorrendo no coração da caatinga e em outras festividades da fauna e da flora quando a natureza sertaneja sente os beijos do inverno chuvoso.

Cada palavra poética é um pedaço da natureza que se agiganta nos versos e dimensiona a poesia para uma expressão de beleza e sensibilidade. A poesia do sertão é o eco de uma terra que, na sua ambiguidade extrema, faz-se diversa por meio da expressão criativa e da revelação de um lugar feito de sentimento poético e de expressão humana. Os ritmos da poesia são os movimentos do homem do sertão trabalhando na agricultura, cuidando do gado, correndo atrás de uma rês desgarrada e aboiando numa tarde crepuscular.

A poesia do sertão é a comunicação dos humanos entre si e com o mundo vivo. Ela se faz por intermédio de um diálogo sensitivo que expressa as coisas do lugar e do homem em interação constante, revelando a sensibilidade, mostrando os ecos da caatinga, os cantos e as cores dos pássaros, a alegria da invernada e os gemidos da terra ante a desolação da seca. Cada verso é um filme de imagens da vida que se reinventa entre os extremos de uma terra repleta de incertezas.

Pelos caminhos da poesia do sertão o homem se educa. A poesia diz do lugar e das pessoas. Essa forma de expressão faz o homem se sensibilizar e afinar os

sentidos para uma melhor percepção de si e do mundo que o cerca. É uma educação feita de plantas, de animais e de palavras delicadas e sensitivas. A poesia alarga a existência e faz da terra o poeta do sertão.

Parecendo as delicadas flores do marmeiro que desabrocham na caatinga durante as primeiras chuvas, o poeta do sertão abre as pétalas do sentimento quando a natureza sertaneja floresce os seus sentidos, sensibilizando a criação poética para a elaboração de versos que expressam o mundo vivido. As gotículas da experiência vivida escorrem nos campos da subjetividade, e o poeta, tomado por uma estesia profunda e envolvente, desmancha-se em poemas numa espontaneidade suave, como os córregos cristalinos que acariciam a terra nos primeiros beijos do inverno sobre o corpo da natureza.

A terra fértil de significações poéticas toca o ventre maternal do poeta, acasalando-o numa excitação sinestésica, fecundando o útero poético do vate sertanejo com os gametas da sensibilidade. O bardo da caatinga germina sobre o corpo da natureza as sementes da poesia que florescem no sertão uma estética repleta de sentidos que dizem muito do poeta e da natureza sertaneja. Nesse acasalamento, a terra e o poeta ficam grávidos de sentidos e germinam os grãos da beleza através dos encantos da poesia.

O aedo do sertão é um ser cuja estrutura existencial está profundamente entrelaçada com o Ser da natureza. Os versos são extensões dos sentidos que, em interação com o lugar, expande o seu ser para uma vida configurada pelas coisas sensíveis que se encontram na natureza, afetando a sua existência por intermédio dos elementos simbólicos dos seres animados e inanimados.

É na experiência vivida com o sertão que o poeta sente o impulso da criação quando a natureza sertaneja penetra na sua dimensão sensível, despertando o sentimento poético para a elaboração de versos que são as paisagens e as imagens da natureza sertaneja. O mundo percebido pelo poeta é a ampliação da sua própria existência, que, na forma da poesia, excita o sistema nervoso, aumenta a pulsação cardíaca, e o organismo, em complexo movimento, realiza-se na estesia. “Essa noção anuncia o corpo que é capaz de sensação, mas também de expressão, de comunicação e de criação. O terceiro movimento anuncia a experiência criadora, o espírito do ser bruto ou ser selvagem, o ser da criação” (NÓBREGA, 2010, p. 99).

A pulsação da criação poética emerge da dimensão corpórea quando o poeta se identifica com a natureza. Quando ambos dialogam para um sentido amplo e pro-

fundo, a poesia e a natureza surgem sem uma anúncioação prévia através da palavra cantada ou escrita pelo poeta do sertão. Ele mesmo não sabe como acontece o movimento da criação, pois o despertar sensível acontece de maneira imprevisível.

Os dados sensíveis compõem uma situação complexa, da qual o sujeito perceptivo não se dá conta completamente, embora se necessário, possa estender a sua atenção para certas configurações do campo que compunha a paisagem geral percebida, porém não de maneira explícita (FERRAZ, 2009, p. 107).

Mesmo com todo o organismo em movimento, aberto pela sensibilidade, o mundo percebido não se dá por inteiro. A percepção do poeta não dá conta da ampla dimensão da natureza. A possibilidade da criação de signos é o que torna a criação poética inesgotável. Em cada experiência vivida, o poeta do sertão se inventa a partir da inerência que tem com a vegetação, os animais, as montanhas, as pradarias, os vales e campinas. A respiração das folhas penetra no sentimento; o exalar do perfume das flores da caatinga e das campinas infiltra-se no olfato; a delicadeza dos cantos dos pássaros faz moradia na audição, e o sabor dos frutos deita-se no paladar do poeta sertanejo, despertando os sentidos para uma comunhão sensível com a natureza e com o fazer poético.

Nas palavras do poeta Cancão, vê-se o sertão emergindo num movimento ritmado e sonoro, numa cadência de uma linguagem sensível, fluida como os rios nas enchentes invernosas. Cada verso que surge é carregado de expressões bucólicas repletas de significações da caatinga e da vida humana no sertão. O poeta sente o cheiro e a cor da terra e os transforma em poesia, ampliando a estética do sertão por meio das palavras delicadas, igualmente os voos dos colibris dourados.

O poeta, a natureza e a poesia entrelaçam-se numa só configuração, onde o quiasma é a transsubstanciação dos três para a realização de uma existência expressiva. A poesia diz do poeta, a natureza expressa a poesia, e o poeta se revela natureza e poesia. O entrecruzamento e a intercomunicação mostram que as coisas não se encontram no seu próprio mundo, mas sim, que a vida é uma comunhão do todo para realização das partes (MERLEAU PONTY, 1999).

Nos versos, percebe-se a forte ligação do poeta com o mundo vivido. O vate do sertão respira os sentimentos da natureza e do povo do seu lugar, onde os gemidos da terra, os gritos da caatinga, os ecos das pradarias e das montanhas, as vozes da cultura sertaneja são os sons que moldam a poesia num movimento cadenci-

ado. O poeta do sertão dimensiona a sua vida às coisas do lugar e delas alimenta os sentidos para uma expressão que desenha no seu corpo e na poesia os signos que resplandecem de sentidos o universo sertanejo. Cada verso tem os tons das cores que enfeitam os campos nas tardes amenas, quando a passarada canta ao relento o fim do dia, a boiada caminha em passos lentos para o curral, a rezadeira entoa a Ave-Maria numa prece sertaneja, e o sol dardeja os seus últimos raios sobre o corpo do mundo sertanejo. Esses momentos significativos fazem a poesia se mover dentro dos sentidos do poeta, fazendo cada momento mostrar-se através das palavras delicadas, numa alegoria de beleza e encantamento.

O que o poeta aprende com a terra se transforma em poesia. Essa educação sensível emerge da experiência vivida, das observações que ele tem para os seres vivos e do envolvimento dos sentidos consigo mesmo, afetados pela expressão da natureza. A entrelaçada experiência sensível educa os sentidos do poeta, ensina os movimentos do corpóreo da terra, amplia a geografia do lugar pela dimensão dos sentidos poéticos e transcende a região a levar o sertão para andar pelo mundo. A história da terra é contada nos versos, impressa no tecido da existência humana e ampliada pela dimensão de um lugar que se transforma em poesia no coração e na escrita do poeta. Nesse sentido, o sertão, o poeta e a poesia são cavaleiros, levando a poesia pelo mundo e tornando o sertão andante.

Pelo viés da poesia, o aprendizado torna o sertão mais amplo e poético. O sertão, visto pelo olhar da poesia, cresce seu sentido de ser, aumenta a dimensão estética e penetra com mais facilidade nos corações humanos. Por isso o poeta é o grande alquimista que transforma as pedras, os riachos, as montanhas, os vales, os animais e os vegetais em seres de poesia, metamorfoseados em palavras sentimentais. O sertão, por intermédio da poesia, torna-se mais fluido, e seu corpo expressivo, como as centelhas do sol madrigal, desperta a poesia na floresta dos sentidos,clareando a existência humana, sensibilizando a vida para a comunhão e o respeito sobre um lugar complexo, imprevisível, delicado, frágil, forte e resistente.

O poeta do sertão é um educador do lugar. Sua poesia sensibiliza o humano para uma melhor compreensão sobre o sertão. Seus versos sobre a natureza sertaneja moldam a existência dos seres humanos para um melhor conhecimento sobre a terra e o povo do lugar. A poesia sobre os animais, plantas, geografia e história do povo desperta a consciência cultural dos que não conhecem o sertão para uma possível educação de respeito por uma terra onde habitam seres humanos simples,

humildes, de uma cultura diversificada e expressiva e que faz da existência uma comunhão com o mundo vivido.

Na concepção da experiência vivida, comprehende-se que a educação do sertão configura-se de forma aberta, aprendida pela observação e experimentação do sertanejo com as coisas do lugar. Percebe-se que é uma educação não construída por conteúdos programados, com objetivos estabelecidos por meio de uma relação sujeito/objeto. A educação do sertão emerge dos sentidos por intermédio da experiência vivida do humano com o seu lugar. Ela não tem meio nem fim; é um eterno contínuo do fazer e refazer da existência uma nova aprendizagem.

Cada verso do poeta do sertão mostra-se como a imagem do lugar, onde estão os animais, os vegetais e os minerais. Essa maneira de se fazer presente no mundo sertão elabora o sentido poético de um lugar feito de sensibilidade. Pelos caminhos da alma do poeta do sertão, é possível encontrar a natureza se expressando em toda a sua plasticidade. Nos recantos dos sentidos do poeta do sertão, estão os lamentos da terra ante a fecundação do verão assustador. Nos veios sensitivos do vate, escorrem os cristalinos córregos dos primeiros beijos da invernada sertaneja.

Na poesia de Cancão, a natureza flui entre as palavras, mostra-se com tons de sutileza e se faz presente na alma do poeta. Dentro do coração do vate do Pajeú, explode uma natureza poética, repleta de encantos e beleza. Sentir seus poemas aproxima-se a existência sensível e a natureza sertaneja, com seus movimentos da fauna e da flora, ora verde e exuberante, ora seca e assustadora. A poesia de Cancão (João Batista de Siqueira) irá ser o referencial para refletirmos a poesia do sertão como uma manifestação estética da natureza sertaneja e como um campo sensitivo para a educação fenomenológica.

A partir das poesias de Cancão, iremos mergulhar no mundo vivido do vate do sertão, buscando compreender a natureza por meio da poética e como ela se expressa nos seus versos bucólicos. Iremos usar, no transcorrer do texto, o nome de Cancão, por ser mais conhecido pelo apelido do que pelo nome de batismo. O reconhecimento dado ao poeta da natureza sertaneja lhe rendeu uma homenagem silvestre por intermédio de um lindo pássaro da caatinga nordestina.

Imagen 18 - Poeta Cancão



(Fonte: Blog de Lucivaldo Ferreira)

Ao escolhermos Cancão, não é pelos caminhos de uma análise estética do belo artístico literário, mas sim, pela compreensão de se perceber na poesia do vate campesino o corpo da natureza do sertão fluindo de forma expressiva nos seus versos. Nas cidades do sertão, nos sítios e fazendas, existe uma infinidade de poetas sertanejos que falam da natureza e do povo do sertão de maneira encantadora. Eles poderiam muito bem se fazer presentes neste trabalho. Mas a escolha de Cancão se deu por ele ser o poeta que mais viveu a natureza do sertão. O vate do Pajeú escreveu, cantou e declamou durante toda a vida uma poesia intrinsecamente ligada aos fenômenos da natureza, mostrando nos seus versos as delicadezas, as incertezas e as imprevisibilidades da natureza do sertão.

O poeta Cancão nasceu no dia 12 de maio de 1912, no sítio Queimadas, nas ribeiras do Pajeú, pertinho de São José do Egito, PE. Boa parte da vida morou no sítio e viveu da agricultura, igualmente à maioria dos sertanejos. Depois de algum tempo, o vate mudou-se para a cidade de São José do Egito, onde exerceu a profissão de oficial de justiça, até o seu falecimento, em julho de 1982.

Em vida, Cancão publicou três livros, intitulados: *Musa Sertaneja*, *Meu Lugar-  
rejo* e *Flores do Pajeú*. Esses três livros foram muito bem recebidos pelos amantes da poesia. O poeta egipciense tornou-se uma espécie de mito da poesia sobre a natureza, e seus versos são declamados hoje em dia por várias pessoas no Nordeste brasileiro e em outras regiões do Brasil. Inclusive, no ano de 2012, comemorou-se o

centenário de nascimento do poeta, ocasião em que vários poetas e estudiosos da poesia viajaram pelo Estado de Pernambuco, dando palestras, oficinas e recitais que envolvem a vida e a poesia do poeta da natureza. Cancão, em vida, foi um poeta pobre economicamente, de família humilde e que jamais poderia imaginar as homenagens que, de forma merecida, foram feitas.

Cancão entregou-se à natureza de forma apaixonante, como os amantes em noite de núpcias. Sua poesia transcendeu uma vida sensível totalmente entregue aos cantos dos pássaros, ao verde da caatinga, à desolação das grandes secas, à vida simples do povo da aldeia pajeuense, à estética da poesia e à cultura sertaneja.

Mergulhar no universo da poesia de Cancão leva-nos ao mundo do sonho e da fantasia, o qual nos faz crer que a natureza sensível fez todos os esforços possíveis para realizar, através da sua criação magistral, a mais nobre prova da beleza espiritual, expressa pela grandeza bucólica de uma alma que sentiu e externou a natureza sertaneja da forma mais bela e encantadora. Lírio sublime da poesia do sertão, o poeta tinha uma sensibilidade e uma capacidade de pintar a natureza através das palavras de uma maneira profunda e expressiva. Cancão mostrou a natureza em movimento. Lendo seus poemas, a nossa alma assiste aos pingos dos orvalhos cristalinos escorrendo no corpo nu das flores; nosso olhar contempla os córregos borbulhando no coração da mata; a audição escuta a voz tristonha de um sabiá na solidão de uma gaiola; o sono é despertado por meio do canto de um pequeno rouxinol nas brechas do telhado; nossa admiração contempla as auroras e os arreboís numa mutação de cores; o olfato sente o delicioso cheiro do mel sendo fabricado na moagem de um engenho; nosso espírito se encanta vendo os pirilampos acendendo e apagando suas luzes na escuridão noturna; nosso ser vê os campos floridos, cheios de borboletas e colibris dançando numa festa matutina e se assusta com as tempestades e as enchéntes no rio da aldeia egipciense.

Quando somos afetados pela poesia de Cancão, um conforto de delicadezas atinge a nossa alma, como o bater das asas de uma borboleta sobre as flores de um plácido jasmim. Cada gota de orvalho que escorre através dos seus poemas banha nosso espírito de afetos, numa cachoeira de rimas e ritmos, com palavras belas que embevecem e transbordam a lagoa dos nossos sentimentos. A sua poesia faz as estrelas ficarem bem próximas da gente; os dedos da nossa sensibilidade podem tocá-las e senti-las, recebendo os fulgores poéticos que clareiam a imensidão dos sentidos. Nos poemas de Cancão tudo se torna possível. O cisne, pássaro de outras

regiões, vem nadar no rio da sua aldeia; a maresia indiana traz seu cheiro para perfumar o corpo de uma professora amiga; a pantera solta rugidos nas grutas do seu pequeno lugarejo; algumas flores de outras regiões embelezam as campinas do Pajeú; enfim, o poeta transporta para sua aldeia animais e plantas de outras regiões, construindo um inusitado nicho ecológico.

Cancão consegue, através de cada poema campesino, mostrar a caatinga sertaneja na explosão invernal dos tempos de chuvas da forma mais encantadora possível. Seu poema “Depois da Chuva” desenha a beleza da flora e fauna do sertão nordestino de uma forma tão sublime e bela, que até parece que todos os poros do corpo tinham um olhar de sensibilidade atento para aquela “tarde de abril”, quando o rouxinol, o sabiá, os colibris, os regatos, as borboletas, as abelhas, o sol e as flores formaram um mundo de encantos ocultados nos sentidos e revelados através de um poema clássico, digno da mais fiel Enciclopédia Universal da Poesia.

O poeta consegue, com profunda sensibilidade e domínio das palavras, aproximar o ser humano e a natureza. Cada verso que ele fez sobre a natureza é de uma perfeição tão impressionante que uma enxurrada de emoções inunda cada lagoa do nosso coração, fazendo-nos penetrar no corpo sensível da natureza sertaneja. Mergulhar no mundo do aedo campesino, saborear seus poemas, sonetos e outras formas literárias torna-nos o mais humano dos humanos; faz-nos crer que o mundo visto por ele e expressado pela verve é o lugar com que todos os seres de bom coração sonham. Cancão nos proporciona viajar nas asas dos colibris, dando beijos nas flores das campinas; faz-nos sentar nas estrelas, sonhar com a liberdade através de um sabiá na solidão de uma gaiola; leva-nos aos riachos cristalinos da sua aldeia; faz-nos verter prantos pela rolinha que teve o “ninho roubado”; causa-nos uma reflexão profunda sobre a morte, na solidão das “seis horas no cemitério”; mostra-nos os detalhes da casa sertaneja que abrigava um pobre ébrio solitário; transporta-nos para o mundo dos aborígenes do Pajeú, com seus pajés, feiticeiros, caci-ques, arcos, flechas e tacapes. Enfim, a sua poesia é uma viagem de delírios, devaneios e sensações através da beleza da natureza do sertão e da profundezas da alma humana.

Sentir os seus encantos poéticos causa ao espírito humano uma espécie de docura e ternura angelical. Cresce dentro da gente uma vontade inexorável de contemplar a vida e deixa a nossa existência enternecedida.

Apesar de a sua poesia não denunciar de forma constante as opressões sociais sofridas pelos afortunados e desamparados do poder governamental, Cancão seguiu o mesmo caminho na construção do ser humano a partir da natureza, como fez o grande filósofo e educador Jean-Jacques Rousseau, no clássico e poético livro o “*Emílio*”.

Mesmo não relatando as agressões do humano à natureza, Cancão foi e é uma espécie de educador ambiental. A poesia educa, e quem lê os versos campesinos do poeta pajeuense enxerga a natureza de maneira interativa, respeitando-a com carinho e admiração.

Apesar do pouco estudo acadêmico, tendo só cursado o primário da época (03 anos), Cancão foi um exímio autodidata. Ele leu os grandes poetas clássicos, como Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Castro Alves, dentre outros, tendo, assim, certa influência dos poetas clássicos. O mais impressionante era a grandeza da inspiração. Com poucos temas ele criava um mundo de poesia. Bastava uma cena fugaz de alguma manifestação da natureza que ele a eternizava de maneira impressionante. Não foi um poeta da viola, como a maioria dos poetas contemporâneos, mas glosava (fazer versos cantando sem viola) de improviso entre os vates amigos com a mesma capacidade dos grandes menestréis do repente.

Não poderia existir um apelido mais digno do que Cancão, um pássaro de cor preta e branca habitante das altas árvores da caatinga, que emite um canto agudo e melodioso. O fazer poético do vate Cancão vem da sua relação profunda com a natureza do sertão. A existência do poeta está na natureza, e esta faz parte do sentimento do poeta. Essa relação intrínseca é o que faz a poesia de Cancão ser tão original e expressiva através dos seus versos bucólicos. Mergulhar no poema “Depois da Chuva” faz os nossos sentidos sentirem os pingos de chuva daquela tarde de abril, tão bem desenhada na bela expressão da natureza sertaneja.

Era uma tarde de abril  
 A luz do sol se escovava  
 Um traço da cor de anil  
 O céu deserto mostrava  
 Num lago triste e sereno  
 Nadava um cisne pequeno  
 Eriçando as alvas plumas  
 As derradeiras neblinas  
 Faziam lindas ondinhas  
 Por entre as brancas espumas (CANCÃO, 2007, p. 99).

O mundo poético de Cancão mostra a natureza sertaneja dissolvendo-se em versos e se expressando de forma sofisticada na simplicidade de um sentimento entrelaçado com o mundo vivido. A linda tarde de abril, após a chuva, revela o sol que se escoa na abóboda celeste e desenha uma coloração anil que azula o espaço celestial com tons poéticos e expressivos. O cisne, de forma suave, desliza sobre as águas plácidas que se movem com o nadar do pássaro e dos delicados pingos dos serenos que mostram os movimentos dócidos e suaves da natureza sertaneja. Esse mundo sensível, expressivo e comunicativo mostra que somos parte da natureza, seja a partir dos versos de Cancão, seja a partir da nossa relação corpo e ambiente natural. “Sou uma parte da Natureza e funcione como qualquer evento da Natureza: sou por meu corpo, parte da Natureza, e as partes da Natureza admitem entre elas relações do mesmo tipo que as do meu corpo com a Natureza” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 192).

O poético expressar de Cancão nos faz, de forma sensível, despertar sentimentos por meio de cada palavra, amplia a nossa visão sobre a natureza do sertão e nos deixa cada vez mais entrelaçados com os movimentos da vida. Por meio dos seus versos, é possível sentir o canto melancólico de um saudoso sabiá, cantando ao relento. Nossa visão percebe os últimos suspiros do sol, deitando-se no poente avermelhado, e os nossos ouvidos escutam os gemidos da brisa que revela o taciturno fim do dia.

Um sabiá pesaroso  
Nos galhos em que nasceu  
Cantava triste e choroso  
As mágoas do peito seu  
O sol além se deitava  
A sua luz se esvasava  
Pela ramagem da horta  
A brisa em leves ruídos  
Levava os ternos gemidos  
Da tarde já quase morta (CANCÃO, 2007, p. 99).

Os versos de Cancão desenham nas palavras as cores e os movimentos da natureza sertaneja, expressando em cada tom um mundo colorido e sensível que amplia o percebido para aquém do que podemos pensar de forma objetiva.

O processo perceptivo é diverso, não se trata de adequação, nem tão somente de significação intelectual. Relaciona-se ao corpo em movimento, a percepção remete a incertezas, ao indeterminado, delineando assim o processo de comunicação entre o dado e o evocado (NÓBREGA, 2010, p. 76).

A comunicação da poesia de Cancão faz nosso corpo sentir o eco da natureza sertaneja e move nosso sentir a cada respiração que as palavras suspiram no corpóreo sensitivo. Os versos do vate do Pajeú educam os sentidos para uma melhor percepção do mundo vivido entre o humano e a natureza sertaneja. O poema de Cancão faz o sentimento de respeito e amor ao lugar ser ampliado pelos caminhos do sentir poético. Uma estesia vibrante explode nas células da dimensão corpórea e uma sinergia toca cada parte do corpo, englobando o vivido e o percebido, fazendo a existência ser transformada de acordo com os ritmos da natureza e da poesia. Sentir os versos de Cancão é participar da natureza sertaneja e fazer parte de um mundo que vive em eterno movimento. Seus poemas movem os sentidos para uma educação ambiental em que humanos e natureza fazem parte de um mesmo sentido. Os dois estão entrelaçados, e não se sabe onde termina o humano e começa a natureza, porque ambos são feitos do mesmo tecido sensível e expressivo de um englobante que se expressa dizendo muito do intercruzamento da existência entre os dois.

O movimento da poesia de Cancão é suave e de uma estética delicada como o mover-se das águas nos córregos das fontes cristalinas que brandamente bordam o corpo da terra e desenham uma paisagem repleta de encantos. É o que nos mostra a próxima estrofe a seguir.

A água branda descia  
Pelo pequeno gramado  
A relva fresca e macia  
Era um tapete rendado  
Se ouvia lá na colina  
No coração da campina  
Soluçar uma cascata  
E o sol com seus lampejos  
Dava os derradeiros beijos  
No rosto verde da mata (CANCÃO, 2007, p. 99).

O mover-se delicado da água que desce da colina e beija o gramado, misturando-se com a paisagem e com o tapete rendado que a relva tece com suavidade,

mostra uma expressão de sutileza e um movimento tão sensível como a filosofia de Merleau-Ponty. A poesia do menestrel do Pajeú é tão móvel como o pensamento do filósofo citado. Ambas têm na existência das coisas um leque aberto ao universo das significações constantes e da elaboração de horizontes sentidos. Cancão e Merleau-Ponty, nesse trabalho, dialogam por meio de um entrelaçamento sensível, onde a filosofia e a poesia são irmãs siamesas num diálogo contínuo como o correr das águas pelas campinas da natureza sertaneja. A filosofia de Merleau-Ponty, como uma provocativa maneira de nos fazer repreender e ver as coisas, nesse trabalho, convoca-nos a penetrar no mundo fenomenal da poesia de Cancão, despertando nos sentidos novas maneiras de sermos tomados pelos versos do aedo campesino e de compreendermos a nós mesmos e o mundo vivido, convocando e ampliando os sentimentos e uma suave maneira de experimentarmos a natureza do sertão. Essa aproximação que a poesia nos proporciona a estarmos mais entrelaçados com o sentimento do poeta e com a natureza sertaneja nos faz mergulhar com o coração em cada estrofe e sermos acariciados com o que as palavras sutilmente dizem, como nos versos a seguir:

O sol com luz amarela  
 Dourava os morros azuis  
 Tornando o céu uma bela  
 Pulverização de luz  
 A aura fresca e macia  
 Por entre a mata fazia  
 Os mais suaves rumores  
 As borboletas douradas  
 Se misturavam vexadas  
 Bebendo o róscio das flores (CANCÃO, 2007, p. 100).

Por meio da expressão sensível, o sol da poesia do vate egipciense tinge os morros azuis e acaricia as montanhas do sentimento humano, tornando a existência da disposição sensível iluminada pelos feixes de luz do sentir poético. Uma estesia poética borda de imagens os sentidos a anuncia o mundo vivido que se amplia e se desmancha no fluido de um logos estético que entrelaça a vida e a natureza para uma configuração da diversidade entre o sentir, as imagens poéticas e a compreensão de uma natureza que se derrama em poesia. Esse quiasma dilata o corpo, abre os canais do sentir, movimenta as partes do corpóreo para uma elaboração do todo, onde o sentir e a existência fazem parte de um mesmo sentido. O corpo estesiológico

co é a capacidade do sentir quando os canais da disposição sensível se abrem para o mundo e são afetados pelo que penetra na subjetividade e anuncia a possibilidade de um logos estético.

A estesiologia, sistema sensorial humano – se atém à superfície do corpo humano -, é tomada como sistema de órgão dos sentidos prontos e acabados (esquecendo que se formaram do todo para as partes); sobre os quais vêm agir (causalmente) estímulos exteriores – o resultado é surpreendente; é preciso invocar a “instituição da natureza” que envolve um saber infinito. Presciência natural. Reconhecida quando a alma é fixada no corpo – incompreensível: como o pensamento pode ter consequência sem premissas? O atualismo exige, porém, que os sentidos sejam isso: operação causal como no mundo exterior, ocasião de “pensamentos naturais” que dão deste mundo um equivalente humano (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 437-438).

A estesiologia que a poesia de Cancão provoca desperta no humano uma educação aberta ao mundo da sensibilidade. Esse sentimento anuncia na existência uma maior aproximação do amor e da admiração pelo que a natureza expressa e pela poesia que se revela rios, flores, morros, campinas, pássaros e outros animais. Esses seres são o grande amálgama na estrutura expressiva da natureza sertaneja que revela a vida nas mais variadas cores, movimentos e elaborações estéticas.

Tomado pela estesiologia dos sentidos, o humano abre-se para o sentir das palavras poéticas e mergulha na floresta da existência para uma transformação de si mesmo, impulsionado pelo fluxo que a natureza constantemente lhe oferece por meio do despertar sensível. Nesse campo brota uma educação penetrada no corpóreo para iluminar a existência com os raios do encantamento que as palavras provocam e que as imagens convidam. É uma educação de leveza e mansidão, tão constante como o correr das águas e o movimento da filosofia de Merleau-Ponty. Cada imagem, cada expressar da poesia surge como uma trilha que se abre para a compreensão do humano com o mundo que o cerca.

A compreensão sensível que a poesia sugere torna a vida mais aberta ao respirar das palavras e ao carinho de respeito pelo mundo que Cancão sensivelmente oferece por intermédio da sua poesia campestre. O rumorejar dos versos são os gemidos dos regados cristalinos nas palavras do poeta da natureza sertaneja. No movimento poético, o céu e a lâmina dos riachos se transformam numa só existência, onde as águas espelham um céu de turquesa, mostrando uma natureza que se

evola nos sentidos, perfumando a existência e provocando no sentir um delírio de ternura e encantamento.

As auras rumorejavam  
Com lentidão e leveza  
Os regatos retratavam  
Um lindo céu de turquesa  
Os orvalhos cristalinos  
Se desprendiam divinos  
Na copa dos arvoredos  
As carnaúbas rendadas  
Como com as mãos espalmadas  
O sol brincava em seus dedos (CANCÃO, 2007, p. 100).

Na ludicidade dos dedos do sol revelado na poesia, mostra-se o movimento sensível de um corpo celeste que toca os seres vivos com leveza e suavidade e abre uma expressão que borda de lindas cores a paisagem do sertão. Esse momento de singular beleza, mostrado nos versos do aedo, arrebata a existência de quem se abre aos beijos da poesia. Uma estesia eleva os sentidos para o que ainda não foi sentido, e todo o corpo desdobra-se numa comunhão sensível, embriagado pelo álcool do sentir poético. Uma iluminação de sensibilidade fecunda o organismo, e a vida, igualmente aos fogos de artifício, explode, proporcionando um sentir que alarga a percepção e expande a existência para uma satisfação de plena poeticidade.

A inundação do sentir faz escorrer as águas de uma educação entrelaçada com a poesia, despertando nos sentidos uma nova forma de sentir e perceber a natureza do sertão. O ser humano, que se destaca no imenso corpo da natureza, amplia por meio da poesia um novo sentido de ser quando as palavras poéticas afetam com a sua existência. A educação, no sentido estesiológico, dá-se pela dimensão do sentir. Ela é a capacidade de o corpo e a vida se modificarem de acordo com as sensações poéticas.

No cosmo do sentir poético, brilha a elucidação da palavra delicada que expande a vida para novas elaborações sensíveis, sempre revelando novas formas de o corpo ser tomado pelos encantos da poesia. A poeticidade de Cancão acende a tocha da afetação sensível que percorre o corpo e faz os sentidos mergulharem num devaneio profundo que costura no corpóreo as linhas da poesia de uma natureza feita de palavras poéticas. Esse mundo encantador aproxima o humano à natureza e desenha uma paisagem repleta de movimentos, onde os versos moldam a ligação dos animais com os vegetais, mostrada na estrofe a seguir.

Voavam pelos verdores  
 Lindos colibris dourados  
 Sugando o néctar das flores  
 Dos jiquiris borrafados.  
 No pomar um rouxinol  
 Contemplava o arrebol  
 Numa profunda tristeza  
 Um traço débil de luz  
 Rasgava os panos azuis  
 Do corpo da natureza (CANCÃO, 2007, p. 100).

Os movimentos do bailar dos colibris sugando o néctar das flores mostram, por meio dos versos de Cancão, uma natureza que está sempre se movendo por intermédio dos seus versos. Nas palavras do poeta, a natureza sertaneja se configura de forma ampla, onde o expressar-se é a grande força que revela a sua existência. Os versos, como punhais aguçados, penetram na existência, fazendo a afiada ponta da sensibilidade tocar no fundo do coração. A melancolia do pequeno rouxinol, com seu canto crepuscular, ecoa no corpo da natureza e atinge a sensibilidade humana, levando-a a uma reflexão bucólica sobre o fim do dia. Essa expressão amplia o sentido fenomenológico para as coisas que estão no corpo, na natureza e na poesia. Esse entrelaçamento de sentidos abertos a novas compreensões mostra o quanto estão interligados o corpo, a natureza e a poesia. “O corpo e a experiência de movimentos fundam a linguagem sensível, que é plástica, poética, configurando a possibilidade de uma nova compreensão do ser humano e do conhecimento” (NÓBREGA, 2010, p. 89).

É no sentir por meio do poeta Cancão que o corpo amplia a estesia para uma experiência sensível que move os sentidos na formação de um logos poético, onde a poesia e o corpo estão sempre dialogando para o sentido de uma existência bem mais ampla, que dilata a percepção para uma nova maneira de ver o mundo.

A filosofia de Merleau-Ponty proporciona uma nova forma de perceber o mundo; ensina-nos a termos uma nova percepção sobre nós mesmos e sobre o mundo que nos cerca. A poesia de Cancão promove uma nova maneira de sentir o mundo e de nos relacionarmos com nós mesmos e com nosso entorno. O entrelaçamento da poesia de Cancão com a filosofia de Merleau-Ponty propõe ao ser humano uma ligação mais profunda consigo mesmo e com o mundo que o cerca. Essa juntaura dos dois faz a natureza ser percebida com mais sensibilidade e interação, em que a intersubjetividade se mostra como um elo sensitivo entre humano, natureza e poesia.

É o movimento que mostra que as coisas estão sempre se revelando, embora não seja de forma completa.

Na poesia de Cancão, cada expressão se faz presente como uma linguagem fluida que está sempre se renovando. A natureza flui nas suas palavras e na sua própria disposição de ser algo móvel. “A Natureza é sempre nova a cada percepção, mas nunca é sem passado. A Natureza é algo que se continua, que nunca é apreendida em seu começo, ainda nos aparecendo sempre nova (MERLEAU-PONTY, 2006, p 193-194).

O fluir da natureza que se faz presente, contendo seu passado, mas que não é apreendida, mostra o tanto quanto ela se faz existente com suas indeterminações e imprevisibilidades. A maneira de não se dar por inteira revela o quanto a natureza abre espaços para novas percepções e o quanto ela nos surpreende a cada nova visão. Esse eterno contínuo se alonga nos versos de Cancão, na sua maneira de mostrá-la poeticamente por meio dos movimentos delicados, como na estrofe a seguir.

Os ventos brandos mansinhos  
Sopravam no campo vago  
Fazendo alguns burburinhos  
Na face lisa do lago  
As abelhas preguiçosas  
Se escondiam nas rosas  
Que a natureza burila  
E o cisne de brancas penas  
Cortavam as águas serenas  
Da superfície tranquila (CANCÃO, 2007, p. 100).

Nos versos de Cancão, a natureza está sempre começando. A cada nova expressão poética, novas imagens são reveladas, como se fosse a primeira vez em que entramos na poesia do vate citado. Essa nova forma de experimentarmos os versos do poeta da natureza remete-nos a uma educação que deve ser sempre vivenciada de maneira nova, buscando outros aprendizados e novas maneiras de expressão. A poesia, a natureza e a educação são experiências que se postam no humano, elevando os sentidos para algo novo. O entrelaçamento das três configura a existência de um sentir que transforma a vida, coloca novas maneiras de pensar e faz do humano um ser cuja estrutura existencial revela os símbolos de um mundo em constantes transformações.

A poesia está sempre inaugurando um novo sentir. Pode-se ler um poema várias vezes, entrelaçando-se com as palavras, bebendo o néctar da delicadeza dos versos, que teremos sempre novas sensações. A poesia não se entrega por inteiro, pois ela esconde no oculto das palavras novas formas de nos tocar de outra maneira, afetando-nos com as coisas que não foram percebidas antes.

Cada palavra poética de Cancão é feita de diversidade, como a própria natureza do sertão. Da mesma forma que encontramos as cores verdejantes do sertão na sua poesia, onde insetos, pássaros e a vegetação vibram de beleza num mundo de encantamento e alegria, podemos perceber na sua poesia a dor de um mundo que mostra as agruras da seca no corpo do sertão. Isso revela que tanto no sertão como na poesia de Cancão, as coisas não estão determinadas, mas sim, abertas a outras significações. No seu poema “Cenas da Seca”, o poeta expressa o sertão a partir de uma natureza em agonia constante pela falta de chuva no solo, mostrando os ritmos da natureza quando o inverno se faz ausente.

Ao despertar a manhã  
Todo mundo só ouvia  
O lamento da acauã  
Perdida na serrania  
Entre as antigas fruteiras  
Criadas nas ribanceiras  
Ninguém via mais um fruto  
O vento varria a terra  
E a cigarra na serra  
Não se calava um minuto (CANCÃO, 2007, p. 136).

A poesia dolente de Cancão sobre a seca mostra um mundo que se expressa na tristeza e nos lamentos. O canto da acauã retrata um lugar onde a vida padece diante da insolação, onde os frutos, outrora verdes, já não se fazem mais presentes, e somente os sons agourentos do inseto e do pássaro revelam a expressão de tristeza do lugar. A poesia, mesmo na sua forma mais dolorosa que seja, educa o ser humano. Ela mostra, por meio dos versos agonizantes, a realidade do lugar. Com isso desperta no homem do sertão uma consciência sobre um lugar em que falta uma melhor assistência dos poderes instituídos. A terra sertão pode ser um lugar onde a vida não precisaria passar por tanto sofrimento por causa das longas secas, só bastando mais políticas de investimento econômico para o desenvolvimento da região.

Cancão, por meio da sua poesia sobre a seca, mostra o sertão nos momentos mais agonizantes, onde a incerteza é a ênfase mais presente. Cada gemido da terra infiltra-se na alma do poeta, toma seu corpo e se aloja na sua existência de lamentos. Isso nos mostra que a poesia de Cancão é feita da terra e do seu corpo. O que a terra sofre, o vate do Pajeú sente e se faz sertão por meio da poesia. Essa transubstanciação revela que tanto o sertão seco como o sentimento do poeta mostram-se numa só configuração. O movimento estesiológico do corpo do vate citado surge do quiasma da natureza e poeta e abarca a existência que se transforma em poesia.

Tal como no caso da estesiologia, isso emerge da vida sem corte absoluto: assim como a estesiologia emerge da relação com o Umwelt (ambiente), o desejo humano emerge desejo animal. Já no animal, cerimônia do amor, o desejo não é função maquinial, mas abertura para um Umwelt de congêneres (eventualmente fixação em outros), comunicação (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 361).

A abertura de Cancão para as cenas da seca torna sua poesia contaminada com as coisas que fazem parte do quadro assolador do verão. É a comunicação com o ambiente que torna sua poesia tão original e tão presente sobre o mundo sertão. Em cada verso, pode-se perceber o sertão gritando em cenas horripilantes e assustadoras. Penetrar na poesia de Cancão aproxima as cenas da natureza e a alma do poeta em sintonia com o ambiente.

Numa só temperatura  
Ia um dia, o outro vinha,  
O sol, na mesma quentura  
Queimando tudo que tinha  
O vento em sua passagem  
Levava a última ramagem  
Da fronde dos braunais  
Ninguém via um passarinho  
Só algum resto de ninho  
Nos cipós e nada mais (CANCÃO, 2007, p. 137).

No sertão seco e quente, a temperatura árida resseca a fronte das árvores, deixando-as sem folhas, numa cena assustadora. O verão impiedoso enfraquece a vida que reluta ante a ameaça da seca. A poesia dolente de Cancão estremece as palavras de angústia da vida temente, diante da aridez que assola o sertão. Essa forma de se apresentar, mostrando os traços da resistência sertaneja durante a seca, revela o sentido de se reinventar do homem do sertão. A cada momento, o ser-

tão busca novas maneiras de convivência diante das provocações da natureza árida. O homem do sertão aprende com a seca. A vida difícil, repleta de necessidades, molda a existência para uma melhor maneira de convivência com o árido mundo sertão. A cada instante, o sertanejo vai tecendo a vida de acordo com o que vai sendo imposto. Diante dessa atmosfera de desolação, a poesia de Cancão denuncia as agruras da vida diante da aridez por causa da seca. Os versos do poeta alertam a consciência, denunciam o sofrimento, e se faz uma linguagem sensível que, mesmo sendo dolorosa, mostra-se de maneira encantadora, expressando uma estética repleta de significados. A poesia, assustadora, penetra no sentimento, arrebata a existência e faz o corpo sentir as agruras da seca por meio das palavras do poeta. Seja como for, a palavra poética tem a capacidade de aproximar as pessoas. É uma comunicação tecida pelo viés do sensível, revelando o quanto a palavra poética tem força em afetar a existência humana.

Em toda a sua plasticidade, a poesia estende-se dentro do sentimento humano, toma conta dos sentidos, comunica todas as partes do corpóreo e mostra o ser humano na sua totalidade. Como os raios do sol entre as brechas do telhado, a poesia infiltra-se no sensível humano e clareia cada recanto da existência, provocando uma iluminação emocional e causando no corpóreo uma sensação de poeticidade. O poeta é um construtor de uma arquitetura de palavras que erige no sensível os pilares de uma casa corpórea formada pelos tons, sons e ritmos que as palavras têm. “O poeta libera o aroma e o sabor escondidos nas palavras. Por meio das suas palavras, um grande escritor é capaz de construir uma cidade inteira com todas as cores da vida” (PALLASMAA, 2011, p. 53).

Sentir os afagos das palavras poéticas faz a vida ganhar outra dimensão de existência, e o horizonte de sentidos se estende, alongando os significados, mostrando diversas maneiras de sentir e compreender a vida. A poesia, em toda a sua dimensão sensível, educa o ser humano. Ela abre os canais da compreensão e da transformação da vida, construindo uma maneira mais próxima do ser humano em interagir com o mundo que o cerca e com a própria disposição sensível em relacionar-se com as palavras poéticas. Partindo desse princípio, podemos compreender que a poesia dilata a existência e abre caminhos para que a vida se torne mais sensível num mundo que está cada vez mais brutalizado e ausente de natureza. A poesia não é uma salvadora do mundo, mas torna a vida mais leve, mais sensível e significativa para quem se envolve com os encantos da palavra poética.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendeu-se, nesta pesquisa, que a educação que emerge do sertão é uma educação do sensível, da relação do sertanejo com outros sertanejos, com os demais animais, com os vegetais, com a poesia e com outras formas de arte. Ao trilhar pelas veredas da atitude fenomenológica, buscamos interpretar a educação do sertão pela aprendizagem do homem com as coisas do lugar e com a própria disposição sensível em ser afetado pelas significações que a natureza e a arte poética lhe proporcionam. Por isso percebemos que é uma educação da experiência vivida e da organicidade em sentir as palavras poéticas, abrindo espaços na existência para o mundo das transformações constantes.

O mundo do saber e da cultura passa pela dimensão do corpo. Não podemos aprender as coisas, produzir conhecimento, sem a participação do corpo. As sociedades produzem cultura, novas formas de saber e de relacionamentos e convivências. É a participação do corpo nessas relações e produção do conhecimento que vai selar o ser humano na sua totalidade. A educação fenomenológica dialoga com a vida, amplia as relações humanas, torna-se prazerosa, alegre e motivada, onde o aprender é uma celebração da vida.

Aprender e educar-se pela dimensão da sensibilidade corporifica o saber, torna a existência humana dialogada com outros saberes e proporciona a fundação de novas epistemologias, em que os sentidos e significados estão sempre se renovando. Nesse sentido de renovação, a educação está sempre elaborando saberes e sentidos que modificam a existência humana e abrem horizontes para outros saberes. Por isso o ato de educar-se a partir da sensibilidade mostra um rio perene de sentires, sempre levando e recebendo diversos conhecimentos.

Educar-se é uma atitude corporal, pois seria impossível o processo educativo o corpo estando ausente. O ser humano só estar no mundo se estiver no seu corpo. É nele que o homem sente as coisas do mundo e dialoga com elas, onde a percepção é quem amplia os sentidos a participar do mundo. Esse diálogo entre o corpo e mundo é o que faz a existência sensível produzir conhecimentos. Quando se percebe o mundo, é o corpo que emerge da dimensão do sentir e anuncia a sua existência. Cada parte do corpo, desde a célula mais profunda até as partes mais visíveis, é o corpo que se mostra na sua totalidade, construindo significados numa amplitude do conhecimento.

Corpo, educação e poesia então entrelaçados numa configuração expressa na diversidade. É nas trocas significativas entre o corpo e a natureza que o processo educativo acontece. O ato educativo não é uma ação isolada; envolve trocas permanentes de saberes, atitudes e comportamentos. O saber é uma atitude compartilhada, e seria impossível a não participação do corpo nas relações e nas trocas de saberes. O corpo tanto é a troca como é o próprio lugar do conhecimento. Sua plasticidade se estende para um saber sempre sensível, configurando o sentir como uma intenção que produz saberes corpóreos, que dificilmente são traídos pelos lapsos da memória mental.

A educação no sentido fenomenológico passa pela concepção de mundo vivido. Nesse sentido de inter-relações, a educação se configura pelas trocas de experiências, pelos afetos e pela comunhão do conhecimento compartilhado. Reconhecer o corpo como produtor de conhecimentos e como diálogo com as coisas do mundo é colocar o ser humano na sua totalidade, como um ser capaz de construir saberes, de dialogar com os outros, de se relacionar e de dar sentido à existência e às coisas do mundo.

Preso nas armadilhas do racionalismo, o saber fragmentado, isolado do sentir, precisa ser desconstruído pelas elaborações do mundo sensível. Não se aprende só com a mente. A aprendizagem é uma atitude de unicidade do ser humano. Por menor que seja o saber, será o corpo que está participando. As grandes descobertas, invenções e aprendizados foram concebidos em momentos de arrebatamento dos sentidos em apreender as coisas do mundo e dar-lhes sentidos e significados.

Apontar um conhecimento sensível a partir da relação do humano com a natureza e com a poesia, expressando o ser humano na sua totalidade, foi um tanto prazeroso, tendo a companhia da orientação, da participação dos sertanejos e dos estudos. Por isso este trabalho de pesquisa se fez das minhas reflexões e colaborações importantes em busca de mostrar o sertão por meio de uma linguagem filosófica, poética e educacional.

Sendo sertanejo e educador, busquei trilhar as várias veredas do sertão, procurando em cada caminho um apoio para minhas reflexões de um lugar que educa pelas relações entre humanos, natureza e poesia. Mostrar o sertão pela ótica filosófica amplia seu sentido de ser, pois impulsiona uma forma de pensar uma região complexa e muitas vezes mal compreendida pelo olhar mecanicista e preconcebido.

As conversas com os sertanejos ampliaram este trabalho de forma fundamental, pois são eles os personagens da experiência vivida, da relação constante com a natureza, fazendo do dia a dia uma longa jornada de aprendizados constantes, onde estão impregnados na sua existência os signos do sertão. Cada depoimento, cada relato mostraram a profundidade de uma região que se amplia na vida. Falar do sertão é um desafio constante, devido a ele ser uma região que está sempre se transformando. Esse sentido móvel do sertão é o que o torna aberto às reformulações constantes e a variadas formas de expressão, pois quando menos se espera, o sertão revela a sua maneira indeterminada de ser, mostrando a comunicação dos momentos distintos, as maneiras de se reinventar e a consolidação de um lugar que, mesmo nas aporias e contingências, mostra-se como um grande mosaico de vida.

É o sentido de colaboração dos sertanejos entre si que, de certa maneira, ainda molda a convivência entre os homens do sertão. As coisas no sertão são pensadas e pesadas na balança dos valores humanos. Por isso as aprendizagens são sempre configuradas a partir do desenvolvimento humano e se mostram como uma forma dialetal do sertanejo em se relacionar com a natureza, com a poesia e com outras maneiras de representações simbólicas. A vida no sertão se desenrola sem pressa nem atropelos. Esse sentido expressa que no sertão as coisas fluem de maneira natural, fazendo da existência uma revelação da vida sempre em harmonia com as coisas que estão na natureza, na cultura e na arte literária.

O lugar sertão se faz das imprevisibilidades e dos desafios diante de uma natureza enigmática. O mundo sertão se desenrola pelos caminhos de uma vida regada de simplicidade e cooperação. Ter o que comer, o que vestir e alguns objetos comuns mostram a constituição de uma vida sem o anseio de grandes empreendimentos consumistas. A vida regada pela concepção de sobrevivência molda o caráter para ter somente aquilo de que se precisa, e o que sobra geralmente é dividido entre os mais necessitados.

Senti-me profundamente envolvido em buscar pensar e interpretar o sertão por meio da atitude fenomenológica, fazendo-me andarilho das letras para visualizar nos escritos deste trabalho uma imagem de uma terra mosaica com diversas cores, sentimentos, sabedorias e aprendizagens. Não é fácil falar do sertão, devido a ele ser uma terra que nunca se mostra revelada em toda a sua essência. Quanto mais percorremos seus caminhos, veredas, vales, montanhas e grotões, mais nos sentimos distantes de toda a sua magnitude de terra e de gente. É um lugar em que a

dimensão de transformação e afetação fica muito além do que nosso pensamento possa se apropriar e construir uma ideia formada. O sertão não é uma conclusão final. É um lugar que está sempre se transformando, penetrando na existência das pessoas e se realizando no logos estético.

Os ecos do sertão estão na poesia, na música, nas artes plásticas, no teatro, no cinema, no bordado, nas rendas, nas danças, no artesanato, na escultura, enfim, em todas as manifestações culturais da expressão do homem do sertão. Esses elementos simbólicos da terra encontram-se entranhados no sensível corpóreo, metamorfoseados por meio da estética, que, andante, percorre outros lugares e infiltra-se na existência de outros povos, fazendo o sertão presente em diversos caminhos, moradias e corpos. O sentido sertão mostra-se como um Ser cuja expressão se revela por meio de uma infinidade de signos que criam horizontes de sentidos.

A atitude fenomenológica fez-me compreender o sertão sem jamais fechá-lo numa ideia. Os caminhos percorridos para a realização da tese fizeram-se mais seguros, pela razão de ser sertanejo, de ter sentido na existência a natureza e a arte poética do sertão desde a minha tenra infância, nas ribeiras do Pajeú das Flores. A experiência vivida foi o ponto de partida para trilhar nas veredas do sertão em busca de compreender melhor o povo e sua terra. A inquietação de pesquisador na área das ciências humanas me impulsionou a desvelar uma educação da vida, aprendida no cotidiano das pessoas do sertão em suas relações dialéticas e de cooperação constante. As veredas do sertão, trilhadas com entusiasmo e dedicação, alargaram minha percepção, despertaram os sentidos de forma mais ampla e fizeram meu coração sertanejo palpitar com mais paixão, amor e afetividade.

Em cada vereda percorrida, tentei não me acostumar com o fenômeno sertão. As reflexões trouxeram-me outras compreensões sobre um lugar que não é dado por inteiro. A maneira não revelada de forma explícita do sertão fez-me sentir estranho diante da sua dimensão de ser. Mas, mesmo assim, senti-me dilatado sensivelmente e ampliado como ser humano. Os passos dados pelas veredas da sua natureza incompreensível mostraram a complexidade de uma região que se expande no sentimento humano e se estende num corpo de valores que estão intrinsecamente ligados com a terra, com os seres humanos e com a poesia.

Em busca de compreender o sertão como um lugar que educa, fez-me entender o sentido de educar-se na referida região como uma atitude corporal que envolve a relação sensível entre o homem, natureza e poesia. Esse entrelaçamento des-

velou a compreensão de que o logos estético e a vida se fazem presentes no sertão, construindo uma relação de aprendizagem, tecida pelos caminhos da sensibilidade.

Falar do sertão que educa ampliou minha compreensão de educador. Cada palavra inserida na tese mostra a respiração do meu corpo em sentir a afetação e a complexidade de uma região que se derrama de significação constante. Embora o esforço intelectual, corpóreo, e o diálogo com outros saberes se façam presentes, exigindo muito de mim, senti-me totalmente gratificado e confortado ao expressar em forma de pesquisa o sentido educacional do sertão.

A simplicidade do povo sertanejo, a natureza ambígua e a poesia de Cancão impulsionaram-me a percorrer as veredas do sertão, buscando uma maneira mais próxima de compreender uma região que ainda não foi penetrada em sua totalidade por meio de estudos e reflexões. O sertão é uma região para ser sentida, mas nem por isso nos impede de buscá-lo interpretá-lo, sem cair numa ideia fixa e conclusiva. Por isso torna-se preciso procurar mais veredas de significações para ampliar seu sentido de ser por meio das reflexões profundas e dos diálogos com diversos saberes.

O sentido de ser do sertão a partir de uma pesquisa fenomenológica abre espaço para o conhecimento de um lugar que se faz pelas relações dos seres vivos. A natureza do sertão identifica-se com a filosofia de Merleau-Ponty, onde ambas mostram nas dobras do objetivo e subjetivo um mundo de expressão que está sempre se formando. Nesse sentido, tanto a indeterminação do sertão como a filosofia de Merleau-Ponty revelam que a natureza é uma expressão inacabada e que não se dá por meio do pensamento objetivo.

Expressar o sertão dialogando com a literatura amplia a região por meio do sentido da palavra. Nessa concepção, pode-se perceber que a literatura dimensiona uma linguagem que faz a imagem do sertão ser vivida na paisagem e no corpóreo, dilatando o fluxo da vida pelos caminhos da sensibilidade. O sertão se faz literatura, e esta se expressa nos sons e nas imagens da natureza. A literatura e o sertão são irmãs siamesas por intermédio da expressão de um mundo repleto de significações.

Percebemos que o sertão, em sua expressividade poética, encontrou nesta pesquisa um aporte sensível na poesia de Cancão. Por meio desse poeta foi possível dialogar com a filosofia, com a literatura e com a educação, buscando sempre mostrar uma região onde o povo se educa por intermédio da palavra poética. Cancão, usando a arte poética sobre a natureza, abre espaços para uma compreensão

de que a poesia seja capaz de sensibilizar o ser humano, provocando na existência um universo de transformações.

Construir um estudo tendo a filosofia, a literatura e a educação como um diálogo epistemológico, amplia a pesquisa para uma interação entre várias áreas do conhecimento, mostrando que nenhum saber se constrói na solidão da sua epistemologia. Por isso foi um tanto importante aproximar os saberes citados, como uma maneira dialógica de revelar o sertão como um lugar que educa.

Por mais que eu tenha percorrido as veredas sertanejas, buscando compreender e revelar o sertão por meio de estudos, diálogos e reflexões, este trabalho não se mostra em momento nenhum como conclusivo. Em todas as pesquisas, as escolhas são feitas, cortes são realizados, por isso as lacunas aparecem, as conclusões não se mostram fechadas e a compreensão não se revela por inteira. Portanto não considero este trabalho totalmente concluído, sem espaços para outros questionamentos e conclusões. Outros estudos podem ser feitos, outros caminhos podem ser percorridos e outras respostas podem ser evidenciadas. Isso é o que faz a pesquisa acadêmica se mostrar como algo móvel.

Considero este trabalho de grande importância epistemológica para podermos pensar uma educação provocativa, saindo do espaço escolar para se apresentar e se realizar no mundo da vida. Acredito que essa maneira de pensar a educação abre espaços para que possamos levar em consideração a relação dos sujeitos com o mundo vivido. Por isso acredito que este trabalho de pesquisa tem um grande valor social e um fazer educacional importante, propondo uma epistemologia construída pela relação do ser humano do sertão com a natureza e com a poesia.

Este trabalho nasceu das minhas inquietações e fez o sertão se apresentar por meio da filosofia, da literatura e da educação, buscando desestruturar a ideia arcaica de uma região tomada pela desnutrição, analfabetismo e aculturação. Por isso procurei, em todo o trabalho, apresentar o sertão como ele realmente é, desestruturando os equívocos do pensar estereótipo e do preconceito que ainda se mostram vigentes nas pessoas alheias às verdades intrínsecas que permeiam o real conhecimento sobre o sertão.

Em cada vereda percorrida, mergulhei no profundo de mim mesmo e me encontrei na narrativa apresentada. O reencontro com o sertão refletido por meio dos estudos fez compreender que é uma região que ainda pode ser estudada por diversos ângulos, trazendo contribuições para outra realização social e educacional.

Como contribuição social este trabalho apresenta um conhecimento sobre o homem do sertão, aprendendo sobre a vida pelas relações que são construídas por intermédio das trocas de saberes. A pesquisa mostra que o fazer social no sertão se realiza por meio do compartilhamento de sentimentos, comportamentos e ideias que são vividas no cotidiano, sempre buscando, por meio da interação, a superação das dificuldades que surgem no dia a dia. Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, pode-se perceber a sociedade sertaneja inserida num lugar onde as provocações da vida são constantes. Por isso buscou-se tornar visível por meio da escrita a expressão social do sertanejo como uma configuração de trocas permanentes para a afirmação de uma vida com menos dificuldades e mais cooperação.

Por meio das reflexões, estudos e diálogos, torna-se possível a contribuição sobre o aspecto social do sertão como sendo a expressão de saberes que estão intrinsecamente ligados pela relação do ser humano com a natureza e com a poesia, construindo uma sociedade moldada pela sensibilidade e pela experiência estética, num amálgama de vidas tecidas pelas relações orgânicas, culturais e sociais.

A contribuição educacional parte da consciência do que este trabalho representa, propondo uma nova epistemologia, em que a educação se faz pela relação do sertanejo com a natureza e com a poesia. Nesse sentido, a estrada construída através da pesquisa deixa um legado de conhecimento que se faz por intermédio da reflexão e do estudo, propondo que é possível educar por meio da sensibilidade, tornando o ser humano mais consciente de si e do lugar em que está inserido.

No transcorrer das palavras escritas, nota-se a contribuição visível da pesquisa para se pensar uma educação da vida, construída pela experiência sensível do sertanejo, propondo que é possível educar além do espaço tradicional da escola e que a educação pode acontecer nas relações entre sujeitos, natureza e poesia. Nesse sentido, o trabalho, em sua forma de conclusão, oferece ao campo do conhecimento a possibilidade de uma educação vivida no corpo, expressa na sensibilidade e realizada na transformação e aprendizagem do sertanejo, interligado com o mundo sertão.

A compreensão equivocada e a descriminação dos que não conhecem o sertão têm criado uma imagem estereotipada, como sendo uma região moldada pela miséria e pela ignorância. Por isso este trabalho tem como contribuição desconstruir a visão preconceituosa, mostrando o sertão como um grande mosaico humano, tecido pelas relações de vidas, onde a natureza e a poesia formam um elo existencial

que revela o sertanejo pelo viés da sabedoria, germinada da experiência vivida, pelo conhecimento, fruto da observação e convivência e pelas cooperações em momentos difíceis, na longa jornada da vida.

Consciente da contribuição social e educacional, o trabalho sente-se impulsionado para se estender nas perspectivas que se façam portos e que possam alongar o que já foi estudado e pesquisado. Sendo assim, mostramos perspectivas que abram mais espaços para se pensar uma educação experimentada no corpo e expressa na sensibilidade.

Como perspectivas de desdobramento da tese, destacam-se:

- Ampliar os estudos sobre a relação do homem com a natureza e com a poesia.
- Levar o conhecimento desenvolvido na tese para discussões acadêmicas, espaços escolares e outros lugares da sociedade civil que tenham interesse pelo que constitui o saber educacional do sertão.
- Ampliar os estudos sobre a educação fenomenológica como um campo dilatado para novas experimentações pelo viés de um logos estético.
- Publicar a tese em forma de livro, para que as pessoas possam ter acesso ao que foi pesquisado.
- Levar a órgãos competentes do governo, em termos de Educação, a concepção de uma educação construída pela relação do homem com o sertão e com a poesia.
- Tornar visível a possibilidade de uma educação experimentada no corpo e na compreensão do homem com o lugar em que está inserido.
- Criar grupos de estudos e contribuir com os já existentes (GEPEC e SERTANIA da UFRN), onde se torne veiculado o que foi pesquisado, e que a tese possa ser uma das referências para novas pesquisas.
- Propor, por meio dos estudos realizados, uma educação sensível, onde o ser humano seja capaz de se educar e educar os outros pelas relações de cooperação e de sensibilidade.

Partindo das perspectivas apresentadas, a pesquisa sente-se aberta a novas investidas, a diálogos com as várias áreas da educação e de outros saberes, para que o trabalho elaborado sinte-se móvel, sempre buscando outras compreensões e

contribuições, como forma de ampliar o que já foi pesquisado e escrito. Partindo desse princípio, outros passos podem ser dados, diversas veredas podem ser percorridas e demais horizontes de sentidos podem ser construídos na formulação e reformulação de um conhecimento que tem como expressão a educação do sertão.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Editora Cortez, 2011.
- ALENCAR, José de. *O sertanejo*. São Paulo: Melhoramento, 1972.
- ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.
- ALMEIDA, Angela Maria. *Estética do Sertão, (2001-2004)* Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.
- ALMEIDA, Francisca Maria de. *Conversas sobre o sertão*. Iguaçú (PE): Janeiro de 2011
- ALMEIDA, Maria da Conceição. *Complexidade e Ética como Estética da Vida*. (Revista Núcleo de Currículo): Comunicação e Cultura, Volume I, nº 01, p. 07 a 25, Janeiro/Dezembro, 2000 Universidade Federal da Bahia, 2000.
- ARAÚJO, Pedro José. *Conversas sobre o sertão*. Tuparetama (PE): Janeiro de 2011.
- ASSIS, Célia. TOLEDO, Cibele Boni de. ROMANIUC NETO, Sergio. CORDEIRO, Inês. *Caatinga*. São Paulo: Ed. FTD S.A, 1994.
- BARROS, José Lucas. *Origem da cantoria de viola no nordeste brasileiro*. Postado em 02/02/2010, Blog: <http://culturapopularetc.blogspot.com.br/2010/01/origem-da-cantoria-nordestina.html>.
- BRITO, Inácio Ferreira de. *Conversas sobre o sertão*. Amparo (PB), Janeiro de 2011.
- BUENO, Francisco da Silva. *Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1967.
- CANCÃO, João Batista de Siqueira. *Palavras ao Plenilúnio*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007.
- CHAUI, Marilena de Souza, Os Pensadores: Merleau-Ponty. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Etimológico de Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1967.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Cultural, 2003.
- DRUMOND, Josina Nunes. *As Dobras do Sertão*. São Paulo: Annablume, 2008.

- FERRAZ, Marcus Sacrini A. *Fenomenologia e Ontologia em Merleau-Ponty*. São Paulo: Papiros, 2009.
- FERREIRA, Gilmar Leite. *Corpo e Poesia: para uma educação dos sentidos*. (2007-2010) 143f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Política e Educação*. São Paulo: Villa das Letras, 2007.
- HERÁCLITO: Marilena de Souza Chauí. *Introdução à História da Filosofia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KAZ Leonel e MONTEIRO Salvador. Apresentação. In: *Caatinga, Sertão e Sertanejos*. Rio de Janeiro: Alumbramento, 1995.
- LEANDRO, Teófanes. *Conversas sobre o sertão*. São José do Egito (PE): Janeiro de 211.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*. São Paulo: Nova Fronteira, 1982.
- MAURILIO, Ernani. Apresentação In: MELLO, Elomar Figueira. *Auto da Catingueira*. Vitória da Conquista: Editora Rio do Gavião, 1984.
- MELO, Adriana Ferreira. *O Lugar-Sertão: Grafias e Rasuras*. (2004-2006) Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2006.
- MELLO FILHO, Luiz Emygdio de. *Caatinga, Sertão, Sertanejos. Uma visão da caatinga*. Rio de Janeiro: Alumbramento/Livroarte, 1995.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Natureza*. Tradução: Álvaro Cabral: São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Conversas*. Tradução Marina Apenzeller: São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Fenomenologia da percepção*. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro Moura, São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O Metafísico no Homem*. Tradução: Marilena de Souza Chauí: São Paulo: Nova Cultural, 1975.
- \_\_\_\_\_. *O Visível e o Invisível*. Tradução: José Artur Gianotti e Armando Mora de Oliveira: São Paulo: Perspectiva, Cosac & Naify, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

- MEYER, Mônica Ângela de Azevedo. *Ser-tão Natureza: a Natureza em Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.
- MORIM, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.
- MORRIS, Desmond. *O Contrato Animal*. Tradução: Lucia Simonini; Rio de Janeiro: Record, 1990.
- NASCIMENTO, Manuel Amaro do. *Conversas sobre o sertão*. Monteiro (PB): Janeiro de 2011.
- NÓBREGA, Terezinha Petrucia. *Uma Fenomenologia do Corpo*. São Paulo: Livraria da Física, 2010.
- NOVA ESCOLA. *Carta do Cacique Seattle*: São Paulo: Nova Escola v. 3, n 19, p. 35 a 36, mar, 1988.
- NUNES FILHO, Pedro. *Cariris Velhos: passando de passagem*. Recife: Ed.Libert, 2008.
- \_\_\_\_\_ *Mundo-Sertão: terra não revelada*. Recife: Facform, 2011.
- PALLASMAA, Juhani. *Os Olhos da Pele: a arquitetura e os sentidos*. Alexandre Salvaterra, Porto Alegre: Tradução; Editora Bookman, 2011.
- RAMALHO, Zé. *Carne de Pescoço*. Rio de Janeiro: Editora CBS, 1982.
- REZENDE, Antonio Muniz de. *Concepção Fenomenológica da Educação*. São Paulo: Cortez, 1990.
- RONÁI, Paulo. *Apresentação, In: Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SANTOS. Albino Pereira. *Conversas sobre o sertão*. Tabira (PE): Julho de 2011.
- SANTOS, Luiz Cristovão dos. *Brasil de Chapéu de Couro*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1958.
- SERAFIM, José Bonifácio. *Conversas sobre o sertão*. São José do Egito (PE): Janeiro de 2011;
- SILVA, Pedro Azevedo da. *Conversas sobre o sertão*. Prata (PB): Janeiro de 2011,
- SILVA, Vicente Vitorino. *Conversas sobre o sertão*. São José do Egito (PE): Janeiro de 2011,
- VIEIRA, Padre Antonio Vieira. *Sertão Brabo*. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1968.

ZABÉ DA LOCA (Izabel Marques da Silva). *Conversas sobre o sertão*. Monteiro (PB): Janeiro de 2011.